REVISTA DA SEMANA

N.° 31
4-8-51

Cr$ 3,00
em todo o Brasil



NO TEXTO:

PALMEIRAS
CAMPEÃO DOS CAMPEÕES DO MUNDO

SOC. **HERMES** LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

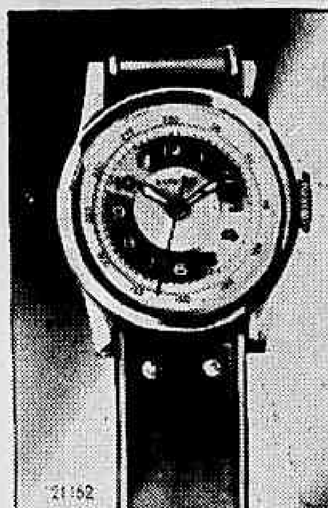
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





21.162 - Relógio esportivo, cromado, com máquina sistema Roskopf, mostradores variados, ponteiro de segundos no centro. Preço especial. Cr$ 95,00

15.862 - Caixa inteiramente cromada, bôa máquina sistema Roskopf, mostradores variados, pulseira plástica. Oferta especial Cr$ 83,00

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ 150,00

48.362 - Calendário! Indica hora e dia! Caixa esportiva, cromada, c/ fundo fôsco, máquina suiça, sistema Roskopf, mostrador claro, pulseira elástica, de aço inoxidável. Oferta vantajosíssima. Cr$ 240,00

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ 370,00

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ 595,00

55.462 - Moderníssimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra fina, fundo de aço inoxidável, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis, ANTI-MAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belíssimo adôrno de grande utilidade! Cr$ 985,00

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ 110,00

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ 195,00

36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ 130,00

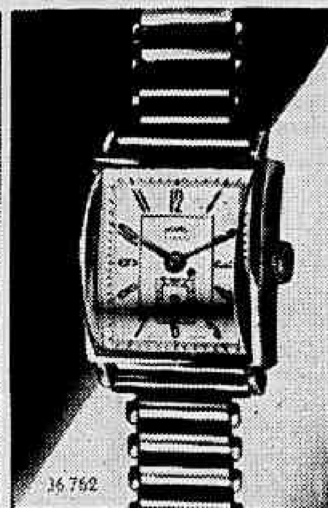
55.162 Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosíssimo Cr$ 390,00

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ 490,00

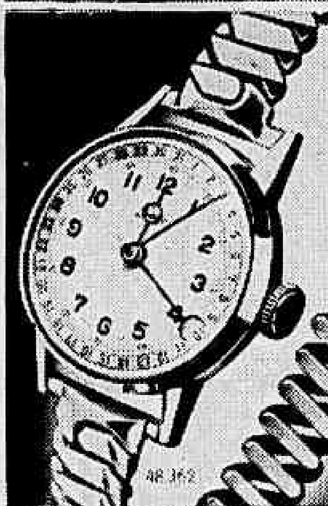
65.662 Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda Cr$ 230,00

46.462 Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ môla no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosíssima. Cr$ 438,00





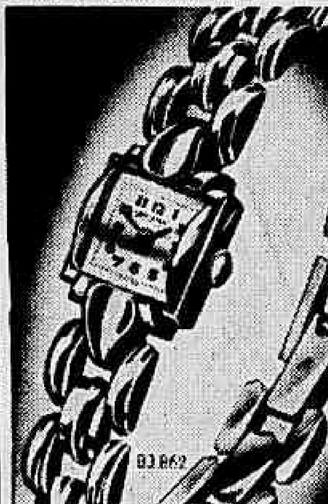


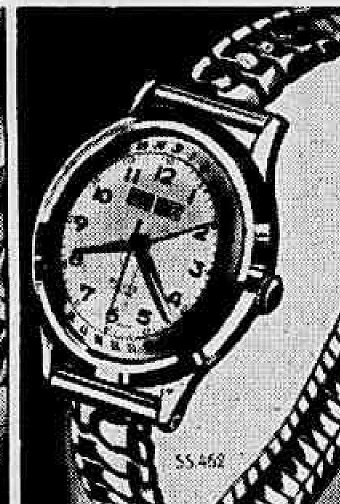


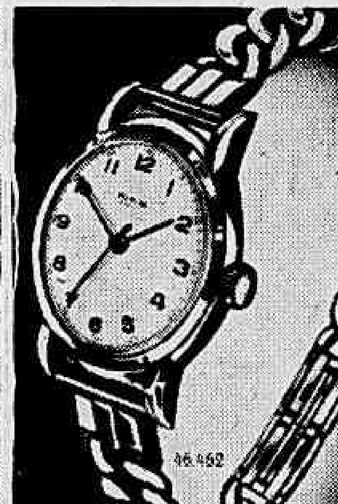


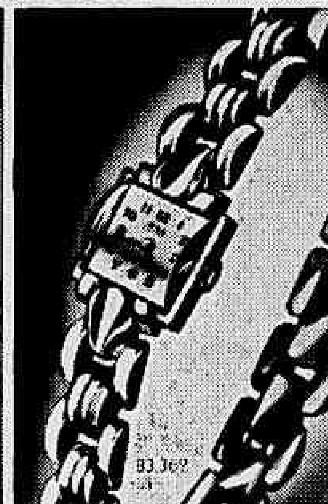


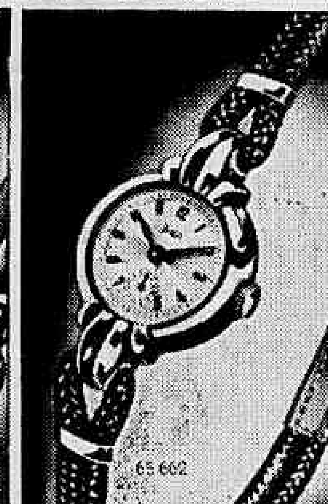
















51.662 - Apresentação belíssima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial Cr$ 438,00

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finíssima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensível, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. Cr$ 890,00

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda. Cr$ 210,00

50.562 Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial. Cr$ 255,00

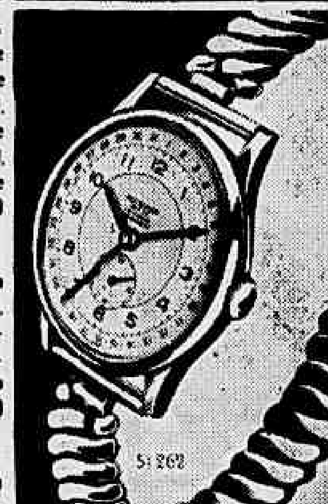
50.262 - Mesmo modêlo, com caixa folheada a ouro, fundo de aço inox. Cr$ 298,00

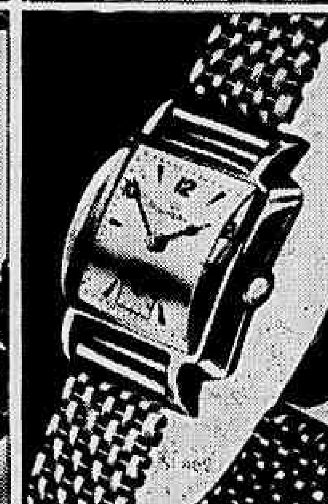
51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensível folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia. Cr$ 628,00

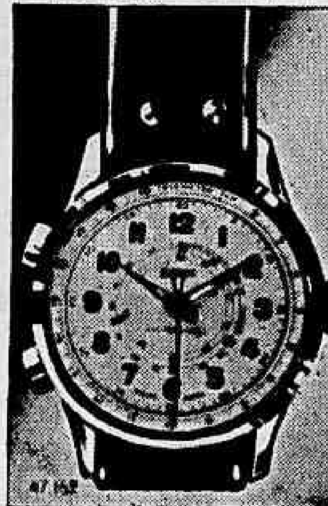
51.462 Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ 375,00

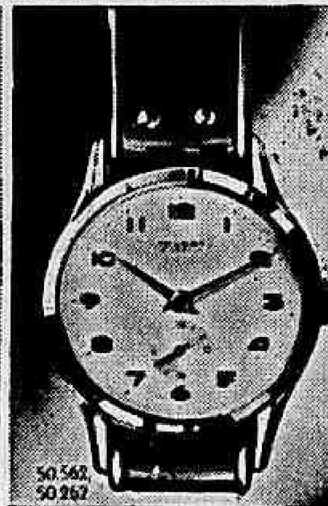
12.962 Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia. Cr$ 475,00

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso Cr$ 250,00









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. **HERMES** LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM

NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______





ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU [illegible] DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE [illegible]

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS, JOIAS, ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

. . . E A COPA FICOU NO BRASIL !

PALMEIRAS, CAMPEÃO DOS CAMPEÕES DO MUNDO!



RODRIGUES — O 1.º goal

ACONTECEU na véspera do jôgo que marcaria o inicio da finalissima Palmeiras, campeão de S. Paulo, e Juventus, campeão italiano de 49-50. Apareceu na redação um jornalista italiano, que atualmente coopera no cinema brasileiro. Até ai nada de mais. Mas, era torcedor do Juventus, e foi dizendo logo: "A Copa já está no Galeão. Os brasileiros só organizam campeonatos, e quem fica com a taça são os outros", como querendo dizer "o bom bocado

A HISTÓRIA DE UMA DRAMÁTICA SÉRIE FINAL ★ NÃO ACREDITAVAM NO PALMEIRAS ★ OS TORCEDORES TEMIAM A REPETIÇÃO DE 16 DE JULHO ★ UMA FELIZ SUBSTITUIÇÃO LEVOU O CAMPEÃO PAULISTA À VITÓRIA ★ TORCIDA CARIOCA, BI-CAMPEÃ DO MUNDO

Reportagem de LEVY KLEIMAN

Fotos de JOSE' SANTOS

não é para quem o faz, e sim para quem o come". Sim, porque, há precisamente um ano, o Brasil perdia a Copa do Mundo, quando tudo o indicava como franco favorito. Depois o Vasco foi a Montevidéu e lá venceu o Peñarol, base da seleção uruguaia, por 3x0. O Palmeiras jogou também com o Peñarol, derrubando-o lá por 2x1. Agora, justamente quando os uruguaios comemoravam o primeiro aniversário da conquista da Taça "Jules Rimet", decidiram fes-



LIMINHA — O 2.º goal



O LANCE DRAMÁTICO DO SEGUNDO GOAL DO PALMEIRAS: LIMINHA VENCE VIOLA E MANENTE, E CANHOTINHO CONFIRMA



SOB DELIRANTES aplausos dos 80 mil espectadores entra em campo a equipe do Palmeiras, segurando as bandeiras do Brasil, CBD, Palmeiras e de São Paulo



O GOLEIRO ITALIANO Viola ficou por conta com o 2.º goal do Palmeiras. Ei-lo altercando com Juvenal, Luís Villa e Jair, Parola aprecia de longe.



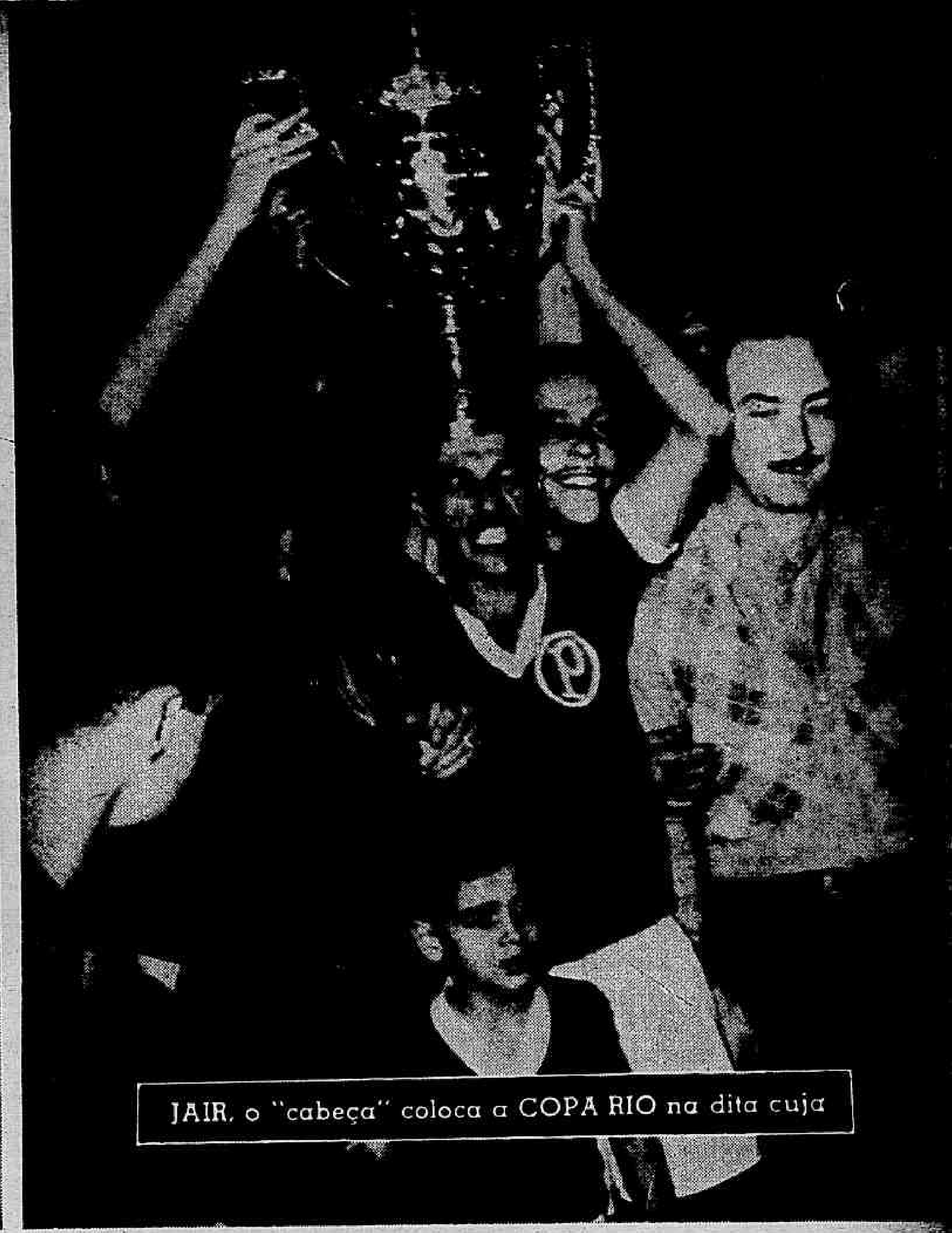
PONCE DE LEON falhou na hora H. Quando tinha o arco do Juventus à disposição, Viola resolveu a situação afastando o perigo com um chute.



BALLET FUTEBOLÍSTICO com a bola servindo de motivo principal. Parece até que Viola e Liminha estão brincando de jogar bola.



CAMBON abraca CANHOTINHO, a mola do time



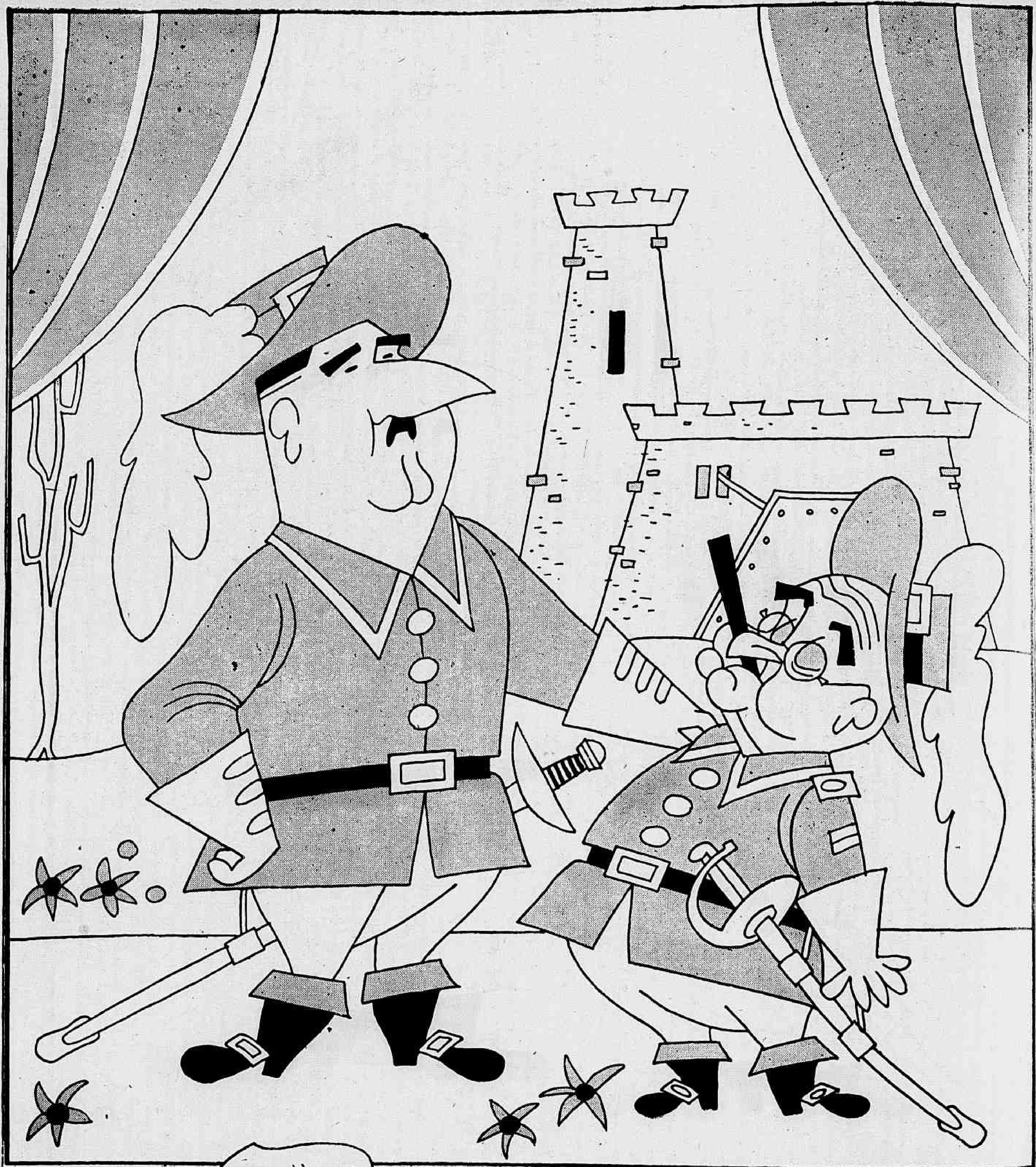
JAIR, o "cabeça" coloca a COPA RIO na dita cuja

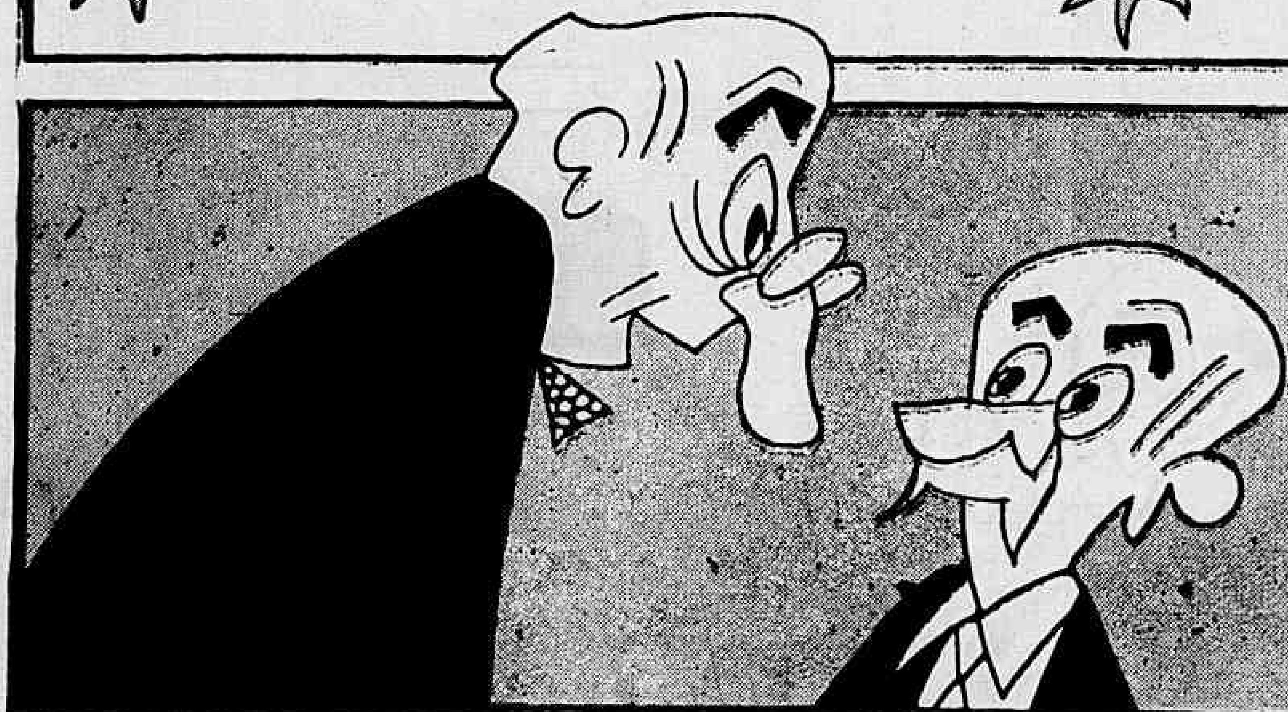


POZZO, campeão mundial de 34 e 38, e TORDJMAN



Os capitains PAROLA e JAIR, entre lírios e o juiz





— Os espadachins não brigam?!
— Se houver briga, vai ser no final do 3.º ato...

ANO LI * N.º 31 **REVISTA DA SEMANA** 4 - 8 - 1951



ESTA ESPADA pertenceu a D. Pedro Iº e há razões para acreditar que foi com ela proclamada a Independência do Brasil...

Uma Pinacoteca Brasileira em Lisboa

"TUDO ISTO QUERO LEGAR AO BRASIL ANTES DE MORRER"

DECLARA SEU PROPRIETÁRIO, SR. JOSÉ SALGUEIRO ESTEVES BRANDÃO ★ ESTÁ ENFERMO, ENDIVIDADO E AGUARDANDO UMA SOLUÇÃO DAS AUTORIDADES DO PAÍS ★ UM APÊLO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

ESTÁVAMOS em Lisboa, em meados de abril último, quando um amigo indagou se havíamos visitado a Pinacoteca Brasileira:

— Mas também tem isso por aqui?

Tinha, sim, senhores. A Pinacoteca existia — e existe — a poucos minutos do Rossio, na Avenida República, 46, rés-do-chão. Lá está uma pequena placa com êsses dizeres. Seu diretor e proprietário chama-se José Salgueiro Esteves Brandão, e apesar do sotaque carregado, é brasileiro nato: nasceu no Rio, aos 7 de abril de 1883, acabava de completar sessenta e oito invernos e com sete anos foi levado pelos pais, para Portugal, de onde nunca mais voltou. Conserva, entretanto, o mais acrisolado afeto pela terra em que nasceu, segundo diz. E lamenta nunca mais ter voltado.

Fomos encontrá-lo, um venerando cavalheiro de olhar penetrante e nervoso, todo êle uma pilha de nervos, falando e gesticulando com impaciência, dando a idéia de quem vai sufocar no turbilhão das palavras. Recebeu-nos com gentileza, muito cativante, de passinho miúdo e pressuroso, mesmo aos saltos, acariciando as mãos uma na outra, como sabem fazê-los os nervosos em adiantado grau da enfermidade. Com êle percorremos as dependências da Pinacoteca, ou melhor, o pavimento em que reside e cujos aposentos vivem entulhados de objetos de arte que se misturam por falta de espaço para uma colocação melhor: quadros às dezenas, pelas paredes, móveis antigos e raros, estatuarias, bronzes, coleções de pedras preciosas, de relógios, tudo em quantidade. Muitas peças estão catalogadas, expostas ao visitante com dizeres elucidativos, outras guardadas nos aposentos particulares do seu dono.

E veio, então, a palavra do nosso patrício:

— Pois tudo isto me arruinou, meu caro senhor. Nisto dispendi tudo o que tinha até ficar na penúria. E tudo fica na iminência de se perder. Sinto-me velho, cansado, doente, cheio de dívidas. Sei que posso desaparecer de um momento para outro, e se tal coisa acontecer, na certa que a Pinacoteca vai parar em mãos estranhas, a quem devo uma soma cada mês mais alta...

— Mas, por que não oferece o que tem ao Brasil?

José Salgueiro Esteves Brandão meneia a cabeça encanecida, acaricia as mãos, gira nos calcanhares, ainda mais nervoso:

— Pois é o que venho tentando fazer há quantos anos! Mas o Brasil não quer. Ninguém liga a menor importância ao fruto do esfôrço de minha vida inteira. Ainda se o novo Presidente pudesse atender ao meu apêlo! Faça o patrício alguma coisa nesse sentido, por quem é!

Prometemos fazer. E aqui estamos para dar conta da missão assumida naquele fim de tarde primaveril de Lisboa.

UMA PINACOTECA BRASILEIRA EM LISBOA

NÃO é de hoje que a repercussão da Pinacoteca Brasileira de Lisboa se faz sentir no Brasil. Lá mesmo, nos álbuns de recortes, o sr. Brandão nos mostrou fragmentos de antigos jornais e revistas do nosso país, em que se comentava o paciente trabalho de recolhimento de tantas obras de arte, muitas alusivas ao Brasil, outras não, mas cada qual de maior merecimento artístico e, portanto, financeiro. Em fins de 1938, "O Globo", "A Noite", "O Jornal", "A Noite Ilustrada" e "O Cruzeiro" publicavam, quase simultaneamente, reportagens feitas naquele rés-do-chão da Avenida da República, ilustradas com fotografias de telas importantes que ainda ali se encontram. Muito antes, em 1921, Julio Dantas mandava para o "Correio da Manhã" uma crônica em que era feita alusão a um dêsses quadros, que só por isso teve o seu valor consideràvelmente aumentado.

No livro de autografos, encontramos estas palavras:

"Deixo aqui a impressão profunda que me causou, hoje, a visita à Pinacoteca Brasileira do sr. José Brandão. E' essa Pinacoteca rica, valiosa, mas maior ainda é a riqueza de patriotismo de seu organizador. — Lisboa, 31-Outubro-1939. (a.) Washington Luis".

Mas dezenas de outras opiniões semelhantes, que não tivemos tempo de copiar, ali se encontram, vistas e revistas por quantos, brasileiros e portuguêses, são recebidos pelo esforçado sr. Brandão.

Em 28 de agôsto de 1938, segundo publicou "O Globo" nessa ocasião, o colecionador referido escrevia ao pintor Oswaldo Teixeira: "é para enriquecer, tanto quanto possível, o nosso Museu Nacional de Belas Artes, a quem lego por testamento todas as minhas coleções de arte antiga e moderna, pelo grande e acrisolado amor que tenho à minha querida pátria".

Mas a situação financeira do sr. Brandão tem se agravado, de dia para dia:

— Não sei se fiz bem ou mal, sei que tudo quanto tinha de meu foi gasto no recolhimento destas coleções. E se mais não tenho, é tão sòmente porque o dinheiro acabou. Preciso pagar o aluguel da casa em cada fim de mês, tenho o ordenado da empregada e o nosso sustento... Gasto dois ou três mil escudos mensais, para viver com a máxima economia, como vê. E de onde hei de tirar o necessário para essas despesas? Desfazer-me do que aqui está, por dinheiro nenhum. Prefiro passar fome. Várias vêzes tenho apelado para os patrícios que me visitam e sempre êles prometem fazer alguma coisa pela aquisição do que aqui está. Mas embarcam e nunca mais tenho a menor notícia. Lembro, por exemplo, o sr. Pedro Calmon, que chegou a escrever-me, do Rio, a carta que aqui está. E mostra o original do antigo Ministro de Educação, datado de fins do ano passado, informando ao sr. Brandão que as coisas estavam bem encaminhadas, contando com boa vontade do Chefe da Nação, que era a êsse tempo, o General Dutra.

— Mas depois não recebi mais nada! Como pode ser isso? Não estava tudo bem encaminhado?

Lembramos ao sr. Brandão que meses passados se processara mudança de governo em nosso país. E com certeza o caso ficara, por isso mesmo, como sempre acontece.

— Pois então que me escrevam, de qualquer maneira, dizendo o que se passar! Não posso é continuar nesta expectativa dolorosa, gastando a minha saúde, sentindo que tenho tão poucos dias de vida à minha frente... Digam ao menos que nada podem fazer, mas digam, digam por favôr... Ou enlouqueço!

E explica num rasgo confidencial:

— Estou vivendo às expensas de um generoso cidadão português, que pôs à minha disposição o seu livro de cheques. E' o dr. Astério Rosa, advogado aqui em Lisboa, quem me fornece, cada princípio de mês, o necessário para o resgate das minhas despesas, entre dois a três mil escudos. E como poderei pagar-lhe, a êsse homem tão amigo, tão desinteressado? Cada vez o montante da dívida aumenta. Minhas preocupações são também cada vez maiores e não posso viver assim!

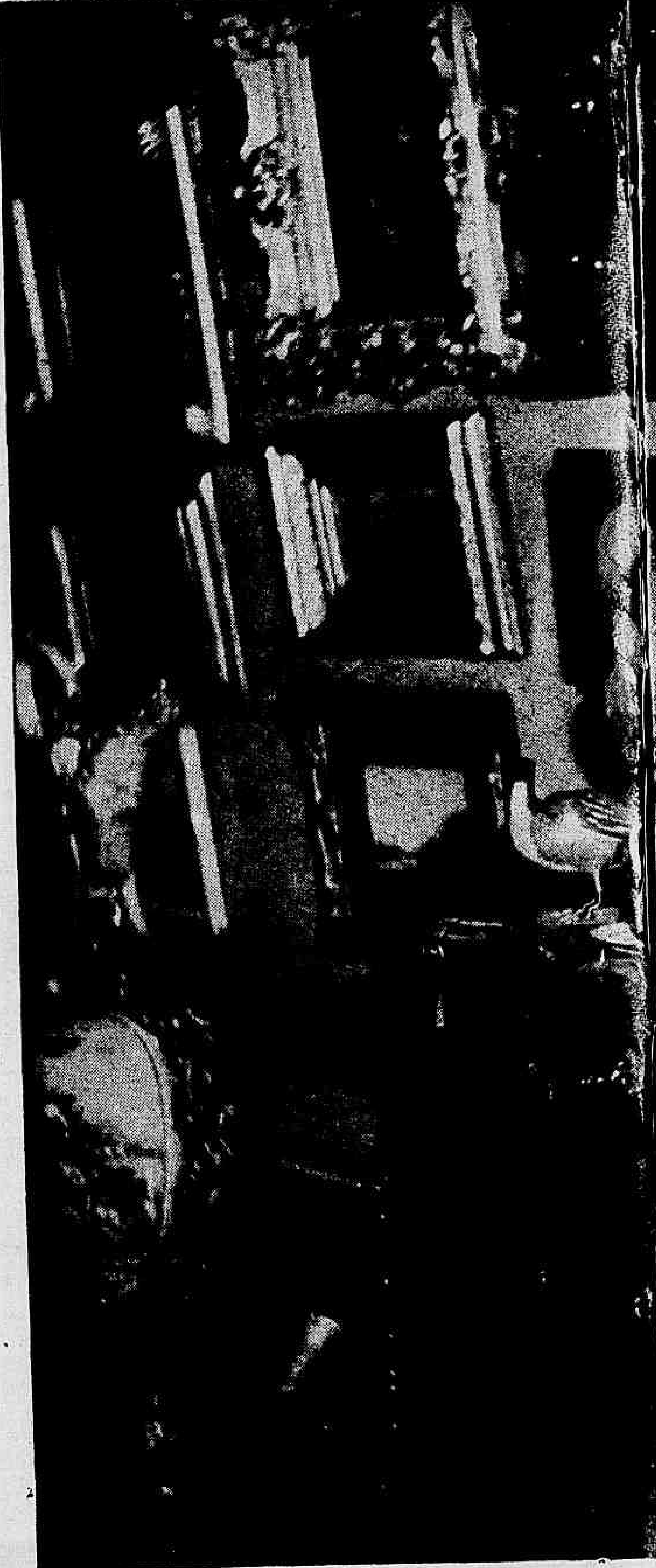
Compreende-se que vindo a falecer o colecionador da Pinacoteca Brasileira, todo o resultado da sua obra irá mesmo parar às mãos desse generoso advogado. Ou ao bater do martelo, o que é mais provável.

Quando, semanas atrás, o general Mendes de Morais embarcou para a Europa, tomou conhecimento da situação dêsse nosso patrício, por intermédio de um amigo comum, o artista Alberot Lima. Pediu-nos algumas linhas para o sr. Brandão e sem demora atendemos à solicitação. Prometeu visitar a Pinacoteca Brasileira e vêr o que era possível fazer para salvá-la.

Até serem redigidas estas notas, não sabemos o resultado dessa visita, mas oxalá tenha sido benéfica para o velho e endividado brasileiro da Avenida República

O nome de Gustavo Barroso foi também citado pelo sr. Brandão, por ter visitado a Pinacoteca e deixado no livro de autógrafos lisongeiras referências à mesma. Procuramos saber, aqui no Rio, como opinava a respeito e as informações recebidas foram estas:

— Gustavo Barroso pensa, que uma Pinacoteca, aliás no caso mais pròpriamente uma coleção de objetos artísticos, para ter a denominação de "brasileira" deveria possuir trabalhos de gente brasileira ou pelo menos de assuntos brasileiros. No caso, porém, da Pinacoteca Brasileira em aprêço, bem poucos são êsses trabalhos que de fato tenham importância na vida artística do Brasil ou na sua história.



AS PAREDES estão cobertas de telas, grandes e pequenas, de autores famosos — enquanto por sôbre os móveis, também de alto merecimento ar-

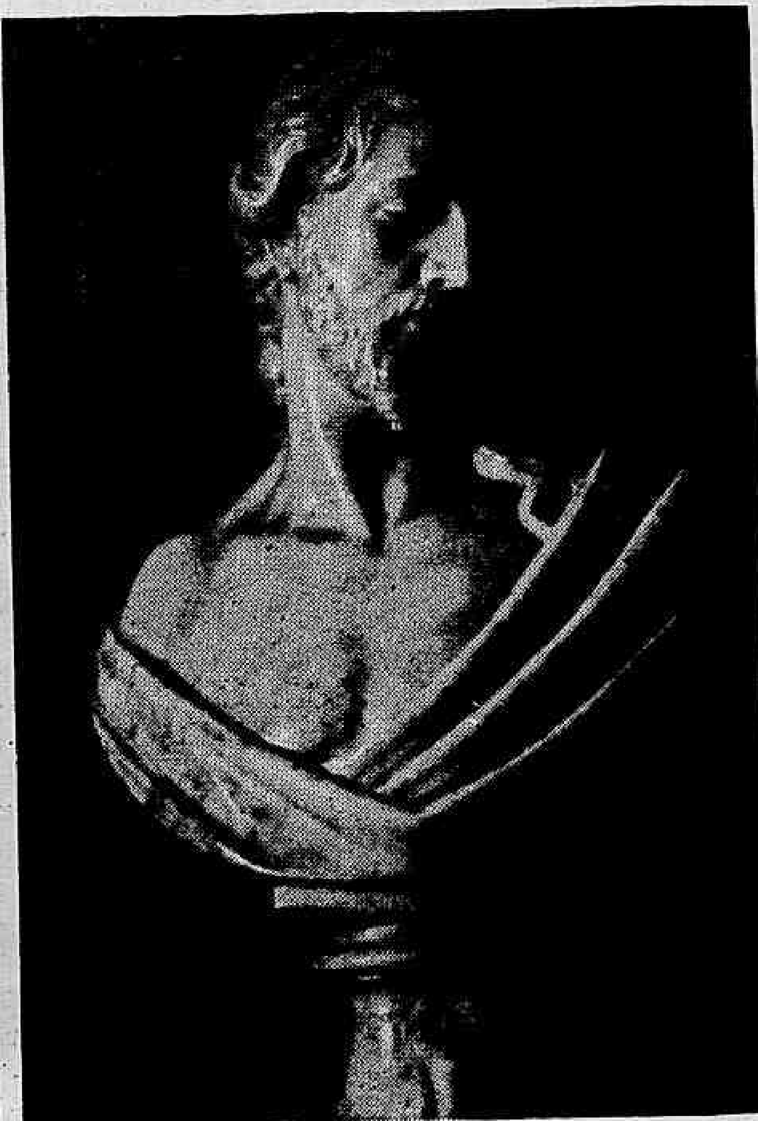
Quando teve ocasião de visitá-la, em 1940, aconselhou o sr. Brandão a fazer uma oferta ao nosso govêrno para aquisição dêsses objetos. Seria, então, muito mais fácil conseguir o desejado, pois estávamos em plena ditadura. Agora o crédito, mesmo aprovado pelas autoridades que devem opinar a respeito, terá de sofrer sanção do legislativo. As ofertas que o sr. Salgueiro Brandão fêz ao govêrno da época, inclusive a última em fins do ano passado, por intermédio do reitor Pedro Calmon, tem sido sempre diferentes, dando a impressão desagradável de incerteza sôbre o "quantum" pretendido. Chegou ao absurdo de pedir, além de uma vultosa quantia em dinheiro, uma pensão vitalícia mensal de Cr$ 12.000,00, o que mereceu parecer desfavorável do próprio sr. Gustavo Barroso.

Mesmo que o crédito necessário seja concedido tanto pelo legislativo como pelo executivo e que a coleção seja adquirida pelo nosso govêrno — indaga — qual a garantia dada sobre a permissão, que será necessário obter do govêrno português, para terem os objetos em questão livre saída de Portugal?

Essa pergunta do sr. Gustavo Barroso é motivada pela existência de uma lei que proibe a saída de valores artístico do território português. Como exemplo, o diretor do Museu Histórico oferece o caso com êle acontecido, quando



OBJETOS DE ARTE iguais a êsse encontram-se em profusão na Pinacotéca Brasileira do sr. José Salgueiro Esteves Brandão.



BONITO MARMORE, de valor inestimável e de autor desconhecido, que o sr. Brandão inclui no catálogo da sua Pinacotéca.





tístico, outros objetos são expostos ao visitante. Nem todos têm ligação com o Brasil, mas assim mesmo figuram na Pinacotéca do sr. José Brandão.

ENTRE as raridades, figura essa estatueta de mármore que pertenceu a Santos Dumont. Êle a conservava na sua residência, em Paris, de onde teria sido retirada por um desconhecido (ou desconhecida). Também consta que Santos Dumont a ofertou a uma ilustre dama.

comprou uma tela em Lisboa pelo valor de, apenas, 25.000 escudos, sendo-lhe aconselhado, pelos próprios funcionários lusos, a embalar o objeto em sua bagagem pessoal. Se procedesse como manda a lei, isto é, requerendo a necessária licença às autoridades competentes, talvez não o conseguisse. Em vista do examinado, o sr. Gustavo Barroso sugere o seguinte:

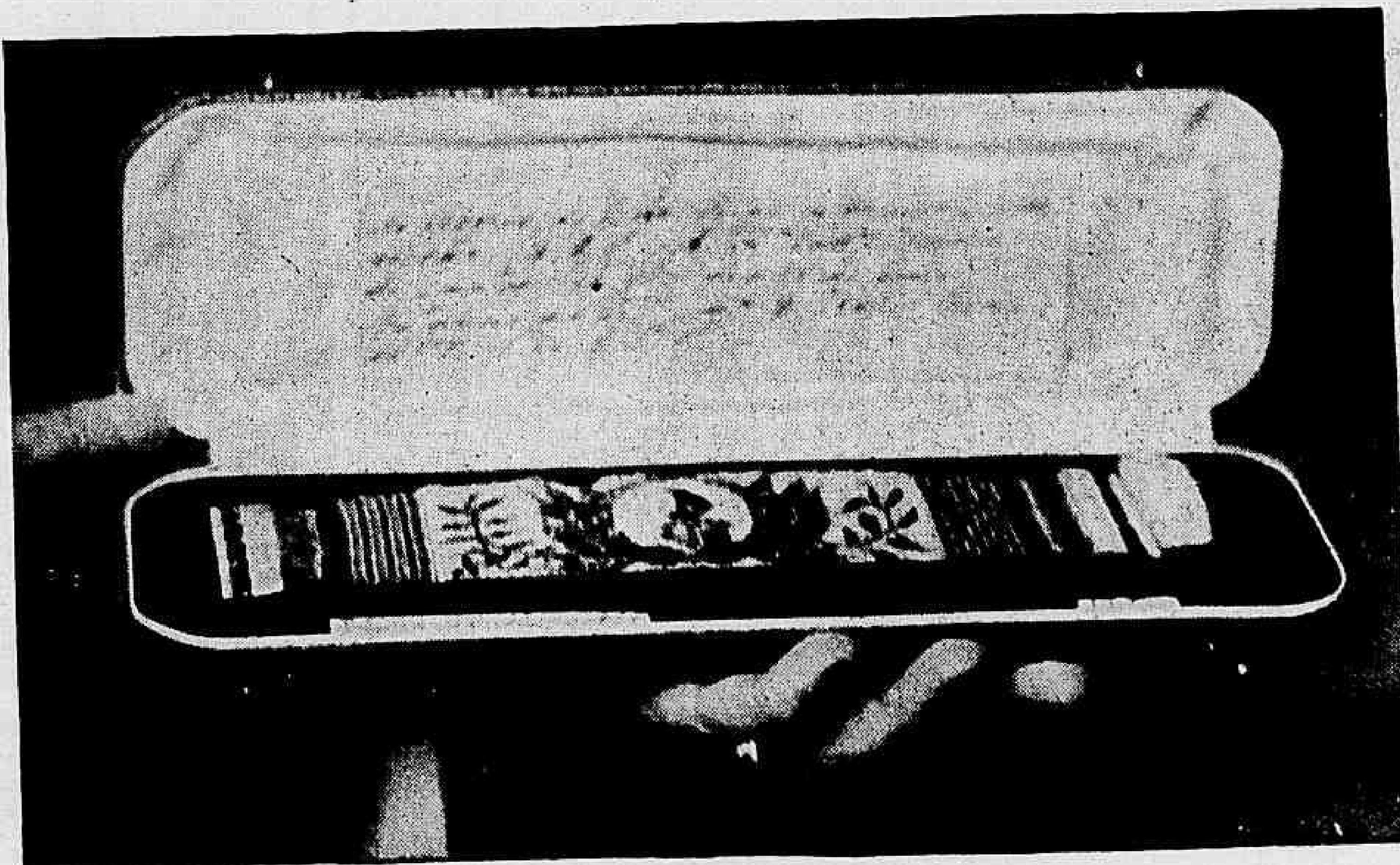
— Faça o sr. José Salgueiro Brandão uma oferta definitiva e justa — e o govêrno brasileiro tomará em consideração o pedido.

Seja como fôr, comoveu-nos a atitude humilde do velho brasileiro. E ainda mais seu delicado estado de saúde. Não avaliamos rigorosamente as suas coleções de arte, não sabemos das propostas feitas ao nosso govêrno, pois a êsse respeito nada ouvimos do sr. Brandão. Mas, de qualquer modo, parece lamentável que se venha a perder tanta preciosidade, e, mais triste ainda, que se deixe ao desamparo um cidadão brasileiro fora do seu país.

Ficaríamos satisfeitos se a divulgação desta reportagem chegasse ao conhecimento das autoridades competentes. E quem sabe se o Presidente Vargas não tomará, como tem acontecido, uma iniciativa pessoal?

Mas qualquer medida deve ser adotada quanto antes. Saímos da Pinacoteca Brasileira com a impressão exata de termos falado pela primeira e última vez com o seu organizador, tal o seu delicado estado de saúde.

(Cont na pág 54)



BRACELETE OFERTADO por Pedro I° à Marquesa de Santos. No reverso do fêcho lê-se a inscrição: «D.O.C. à Exma Sra. Viscondeça de Santos pelo feliz dia 24 de maio, natalício da Exma. Sra. D. Izabel Brasileira, por F P C.» (textual) com o perfil do soberano.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

E a Copa ficou no Brasil (Levi Kleyman) 3/7
Uma Pinacoteca Brasileira em Lisboa Celestino Silveira) 9/11
Quando teremos isto no Rio? 19/21
O Sítio do Picapau Amarelo (Domingos de Lucca Jr.) 23/27
Tamanho não é documento! (Jorge Lyra) 29/32
Jacarèzinho — o morro maldito (Abdias Rodrigues) 34/37

LITERATURA:

Conte-me a sua história (José de Oliveira Nunes) 18
Velha cadeira de balanço (Edgar de Souza Machado) 38
Dos cadernos de um poeta (Lyse) 39
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista 12/13
Personagem da Semana 13
Puxe pelo cérebro 50
Palavras Cruzadas 51
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 53
Tudo isto aconteceu 56/57
A REVISTA há 50 anos 58
Correio da Revista 22

HUMORISMO:

«Charge» de Theo 8
Nem cara... Nem coroa (Nicodemus) 22/32
Êste mundo louco (Darcy) 28

RÁDIO:

Elza Marzal embaixatriz da arte e da graça 33

ATUALIDADES

A Democracia não dorme (Jack L. Smith) 16/17

FEMININAS:

Modelos 39
Sugestões elegantes 40/41
Modelos para a Primavera (Ramon L.) 44/45
Week-End na Cozinha 46/47
Chapéus 53

FOLHETIM:

Timidez de Letty 55

CINEMA:

Rastro Sangrento (Cine-Novela) 42/43

FOTOS:

José Santos — Celestino Silveira — UNO — Dário Terini — Jorge Lyra — Abdias Rodrigues — Avulsas.

ILUSTRADORES:

Ramon L. — Orlando Mattos — A. Zaluar — Rafael.



NA CAPA

Janet Blair

(Foto Columbia)

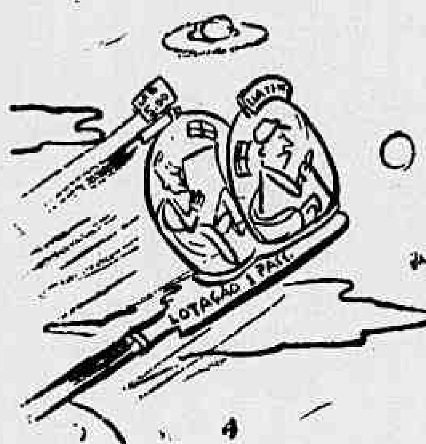
A SEMANA

FORMANDO ARTISTAS



UMA notícia das mais agradáveis ao espírito e ao coração dos brasileiros, veio a público em jornais do Rio do dia 16 de julho: o professor Henrique Sálvio, diretor do Instituto Municipal de Belas Artes, criou nesta cidade cursos populares para o aprendizado e aperfeiçoamento da pintura. O desejo do Departamento de Educação de Adultos da Prefeitura, sede da nova instituição, é o de tornar o estudo das artes acessível ao comum das pessoas e não um privilégio daqueles que podem cursar Academias. Dois dêsses cursos já estão em pleno e vitorioso funcionamento: o de Pintura ao Ar Livre e o de História das Artes. Onze professôres com turmas de vinte alunos ensinam a pintar em vários pontos da capital, desde a Tijuca ao Jardim Botânico. O aluno não fica obrigado a aceitar determinado mestre, podendo escolhê-lo com absoluta liberdade, estabelecendo-se, desde o início, a mais bela ligação espiritual entre discípulo e professor. As aulas de desenhos dos monumentos históricos, a cargo de Isidoro Monteiro, são completadas com preleções do jornalista Carlos Cavalcânti. O curso de História das Artes já conta com 400 inscritos, muitos interessados em cursar as aulas de escultura do prof. Leão Veloso. Não resta dúvida, esta é uma das mais belas e confortadoras notícias dêstes últimos tempos, pois a cultura das Artes Plásticas no sentido popular, dará ao Brasil oportunidade para robustecer sua civilização.

VAMOS À LUA?



JÚLIO Verne deixou na literatura francesa, e, de lá, para todo o mundo através da tradução, uma série de obras notáveis pela originalidade e base científica em que foram imaginadas. Àquêle tempo as viagens submarinas, as de longas distâncias em avião, etc., não passavam de fantasia de um espírito dotado de muita inteligência e arte. Hoje, porém, com o rádio, a aviação a jato ou sem êle, a televisão, etc., vemos que Júlio Verne foi apenas um sujeito com os dons de adivinhar o futuro através das hipóteses científicas. O homem dêste século já está enfarado do pequenino tamanho dêste mundo e quer mais espaço vital. Por isso o professor Willy Levy, dos Estados Unidos, homem de ciência e pensamentos práticos, está tratando junto ao govêrno de seu país, de organizar com urgência uma expedição à Lua, o nosso simpático satélite, fonte do amor e da saudade. O prof. Levy quer que os Estados Unidos mandem uma expedição à Lua e ali se instalem bases estratégicas, ergam-se observatórios e faróis possantes, a fim de serem guiados os grandes navios aéreos que vão fazer as travessias entre Marte e Vênus, entre a Lua e Marte, entre a Terra e tudo aquilo. Mas, já no Canadá um grupo de cientistas parece que se adiantaram ao prof. Willy Levy, com a construção de colossal foguete-vagão de mil toneladas e custará cinco milhões de dólares. Dentro dêsse foguetão selecionados homens de ciência e de coragem irão visitar a Lua. Quando voltam é que não se sabe ainda...

MULHERES NA ACADEMIA DE LETRAS



DE quando em quando é agitada a questão já um tanto velha, da permissão às nossas damas ilustres, de entrarem na Academia Brasileira de Letras. Como sucede, porém, sempre que vem à tona a idéia, vence a corrente que contesta às escritoras brasileiras êsse direito de imortalidade e bom convívio. Segundo alegam os inimigos da imortalidade feminina, os estatutos acadêmicos proibem seu ingresso entre os eleitos do nosso "Petit Trianon", motivo êsse que outros do mesmo cenáculo ilustre contestam e asseguram que a letra estatutária é omissa. Não pode haver motivo de monta que proiba a entrada de Eva no Olimpo dos intelectuais de nossa maior casa de cultura e inteligência. E' verdade que isso traria certas despesas internas, como, por exemplo, toucadores muito bem dispostos, instalações de toilette feminilmente elegantes e uma empregada para atendê-las. Mas isso não pode impedir a entrada das intelectuais brasileiras em nossa Academia de Letras. A Casa de Machado de Assis é muito rica, dispõe de gordas rendas e, se as mulheres conseguirem derrubar as muralhas que as separam dos homens no direito à imortalidade, excelentes verbas serão dispendidas com a coisa mais deliciosa dêste mundo: o bom gôsto feminino. Uma coisa, porém, perturba os acadêmicos: como seria o fardão delas? O assunto é sério e, por causa disso, o velho Clóvis rompeu relações com a Academia...

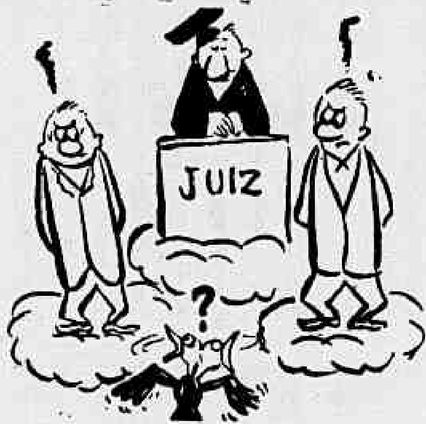
EM REVISTA

O PADRE VIEIRA



O dia 18 de julho marca uma data de tristeza para os brasileiros: a morte, no Colégio dos Jesuitas, na Bahia, em 1697, daquele que em vida se chamou Antônio Vieira, mundialmente conhecido como Padre Vieira. Dizemos mundialmente porque êsse grande orador sacro conseguiu ultrapassar os limites de sua pátria de origem — Portugal — e sua terra de adoção — o Brasil — para fazer chegar seu nome glorioso e respeitável aos povos civilizados do mundo. Foi Vieira o nosso maior orador sacro. Seus "Sermões" constituem um dos mais ricos repositórios de belezas de linguagem e de inspiração. Não foi apenas um sacerdote que lutou pela defesa da moral do seu tempo, mas, acima de tudo, um cidadão que não admitia injustiças dos grandes contra os pequenos. Certa vez foi expulso do Brasil juntamente com outros de sua Ordem religiosa, porque combateu até à última hora a escravização dos índios pelos brancos daqui e de Portugal. Sua voz tinha lampejos de corisco e rugidos de trovão. Os exploradores do povo de ontem o temiam como os de hoje temem a Rádio-Patrulha. Vieira deixou no Brasil uma obra imortal: a sua eloquência no púlpito das catedrais e das igrejas modestas do interior. Morreu aos noventa anos de idade, mas seu nome é cada vez mais vivo. O Rio lhe homenageou a memória dando seu nome a uma rua do Leme, mas se esqueceu a Prefeitura de esclarecer quem era o Antonio Vieira da placa.

BRIGANDO POR CHUVA



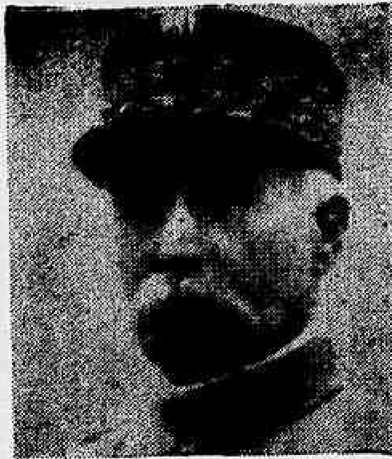
O engenheiro Janot Pacheco afirma que faz chover, desde que haja nos céus algumas nuvens "cumulos" isso se êle bombardeá-las com gêlo sêco; se o fizer com iodeto de prata, a chupa pode caír depois de umas seis horas, mesmo sem nuvens aí pelos ares. O engenheiro Janot é um homem de ação e sincero. Tratando de um assunto que não é misterioso, nem oculto aos olhos do povo, uma vez que não se realizam as experiências em laboratórios privados e sim ao ar mais livre do mundo, êle assevera que fêz mesmo chover no Ceará e no Rio Grande do Norte, tudo testemunhado por altas autoridades civis e militares e por um milhão de pessoas, desde a capital de Fortaleza até ao interior do Estado. Mas vem a público outra autoridade, o diretor do Serviço Meteorológico e contesta o milagre Janot Pacheco, em parecer sôbre chuvas artificiais. O Sr. Francisco de Sousa, também engenheiro e conhecedor do fenômeno, não nega que seja possível provocar chuvas contra a vontade das alturas; mas que êsse processo não corresponde às necessidades das zonas flageladas, tanto economicamente como socialmente. Mas o engenheiro Janot Pacheco não está de acôrdo com o parecer do diretor do Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura e vai replicar. Em último caso, proporá um Tribunal de Honra, para decidir a questão. Como vemos, a luta pela água não é sòmente cavando o chão; ela agora começa das nuvens.

A DOCE RAINHA ELISA



NADA mais belo e romântico do que uma rainha meiga e dedicada ao seu povo. Mas êsse gênero de soberana já está muito vasqueiro hoje em dia, não sòmente porque mesmo que haja rainhas, elas reinam mas não governam, como porque a república derrubou as velhas tradições de rainhas românticas e sonhadoras, metidas em seus castelos feudais a rezar pelo seu povo e a fazer-lhes mercês por ocasião de datas culminantes. Contudo, como nem só de pão vive o homem, voltamos a cultuar a beleza espiritual das "Côrtes" em que pontificam rainhas modernas. Veja o leitor o que sucede constantemente: elegem-se rainhas de todos os fins: Rainhas do Aço, Rainhas do Algodão, Rainhas da Pesca, Rainhas do Calçado, Rainhas do Arroz, Rainhas da Uva... etc.. A cidade de Campos, como todos sabemos, é uma das mais belas e prósperas do nosso país. Superior a muitas capitais de Estados do Brasil, Campos está à frente dos municípios brasileiros e é famosa pela cultura do açúcar. Nada mais natural do que eleger ou proclamar também uma Rainha. De quê? Do açúcar, lògicamente. E agora, a 14 de julho, realizaram-se naquela cidade as comemorações da "Festa do Açúcar", em vasto programa: visitas às usinas locais, lançamento de pedras fundamentais, inspeção às obras do novo hipódromo, e... um baile no Automóvel Clube, oferecido à Rainha do Açúcar, Srta. Elisa Maria Souco, a mais doce Rainha do país.

A PERSONAGEM DA SEMANA


Marechal Pétain

HENRI Philippe Benoni Omer Joseph Pétain, nasceu a 24 de maio de 1856, na aldeia de Cauchy-la-Tour, departamento de Paz de Calais. Descendia de uma família de lavradores modestos muito arraigados à terra. Em 1876 entrou para a Escola Militar de Saint-Cyr. Em 1878, tendo feito o curso da Escola de Guerra, foi incorporado como sub-tenente ao Batalhão de Caçadores alpinos sediado no Mediterrâneo. Fêz o curso de especialização na Escola Superior de Guerra. Em 1900 foi comandante de batalhão, no pôsto de tenente-coronel, lecionou na Escola Superior de Guerra, ao lado de Foch. Em 1910 foi promovido a coronel e mandado servir no 33.º Regimento em Arras. Estava tratando de sua reforma, quando estalou a guerra de 1914. Diante disso, resolveu continuar na ativa. Comandante de um regimento, sua capacidade de ação militar lhe deu as maiores glórias, sendo promovido a general de brigada, e, logo depois, a general de divisão. Foi comandante do III Corpo de Exército e se distinguiu nas batalhas de Arras, Champanha e, finalmente, em Verdun, luta que se tornou famosa no mundo inteiro com a legenda do grande soldado: «Êles não passarão». Seiscentos mil alemães cairam em Verdun, tendo a França perdido 300 mil homens. Mas Verdun deteve a ofensiva do exército de Guilherme II. Até ao fim da guerra, Pétain foi um soldado sem par. Em 1918, era Marechal de França. Em 1931, entrou para a Academia Francesa. Com a queda da França em maio de 1940, Pétain assinou o armistício com Hitler, datando daí o ocaso melancólico do bravo Marechal. Batidos os alemães, Foi Pétain julgado e condenado à prisão perpétua na ilha de Yeu, onde acaba de morrer às 9 horas e 22 minutos do dia 23 de julho, sendo seu corpo sepultado entre a espôsa e membros da família.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar Ventre-Livre ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o figado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre

EM FESTAS O PALACETE DO INDUSTRIAL MATTOS ROCHA

COMPLETOU SUAS 15 PRIMAVERAS A ENCANTADORA SENHORITA HELENA, FILHA DAQUELE CONCEITUADO HOMEM DE NEGÓCIOS.

POR motivo da passagem do aniversário natalício da graciosa senhorita Helena Moura Rocha, que completou as suas 15 primaveras, no dia 14 de julho p. passado, o casal Mattos Rocha ofereceu, em seu palacete da Rua Mariz e Barros nº 906, uma elegante recepção, dando ensejo a que, ali, se reunissem elementos da maior projeção nos meios sociais para levar as suas felicitações aos genitores da gentil aniversariante, que comemorava o feliz evento.

O suntuoso palacete, ostentando os seus salões ricamente ornamentados, fêz realçar as «toilettes» de fino gôsto que conseguimos observar, nos agrupamentos formados aqui e ali, do solar em festas da família Mattos Rocha.

Enquanto, Mme. Rocha se desdobrava em gentilezas para com os convidados, a jovem aniversariante, com a graça e o sorriso próprios da menina-moça, no seu finíssimo vestido branco que deixava transparecer uma radiante mocidade, distribuia gentilezas e amabilidades para com as suas amiguinhas, transformando a noite de gala em momentos de recordações indeléveis.



NO RECESSO do lar, cultuando o espírito religioso que nos foi legado pelos descobridores, a família Mattos Rocha perante a imagem da Virgem Senhora de Fátima, faz as suas préces diárias.

À meia-noite, entre os aplausos de todos os presentes, a senhorita Helena fêz as honras da festa cortando o bôlo de aniversário e dançando com o seu dileto pai, a grande valsa alusiva à data. Os pares continuaram, depois, dançando no mesmo ritmo de animação.

SENHORITA HELENA MOURA ROCHA, ornamento de nossa melhor sociedade, dileta filha do casal sr. Mattos Rocha e d. Aldemira de Moura Rocha, que festejou no dia 14 de julho as suas 15 primaveras de menina-moça.

GRUPO EM que aparece a graciosa aniversariante, cercada pelo sorriso e carinho de suas inúmeras amiguinhas, numa pose recordação de sua festa de menina-moça.





AS DANÇAS que se prolongaram num ritmo de intensa alegria e bom humor, constituiram o brinde com que os amiguinhos de Heleninha festejaram as suas despedidas da infância e início de uma auspiciosa mocidade.



ASPECTOS FIXADOS pela nossa reportagem durante a festa de apresentação à sociedade carioca da graciosa sta. Helena Moura Rocha, quando em animada palestra com o seu progenitor, notamos figuras de projeção em nossos meios sociais



FLAGRANTE feito num dos ângulos do rico salão do palacete da Rua Mariz e Barros, em que a nossa objetiva surpreendeu um grupo de senhoras da elite carioca, que ali completavam o encantamento da noite de gala, com a exibição de suas «toilettes» e graça feminina.



ACOMPANHADA PELOS seus papais e convidados, anotamos a encantadora debutante quando cortava o artístico bôlo de aniversário.

Entre as pessoas presentes, conseguimos anotar os nomes dos srs. generais Odilon Gomes da Silva e Waldemar Rocha; sr. Cyro Aranha e senhora; coronel Pedro Gomes; dr. Alexandre Barbosa Fonseca e senhora; sr. Ovídio Grottera; sra. e sr. Adolpho Guimarães Costa, vice-presidente das Organizações Mattos Rocha S.A., além de diretores e altos funcionários das mesmas firmas.

Como verdadeiro «gentleman» o sr. Joaquim de Mattos Rocha e sua exma. espôsa, d. Aldemira de Moura Rocha. levaram a todos a percorrer o suntuoso palacete que se encontrava ornamentado com centenas de «corbeilles» as mais lindas, oferta dos inúmeros amigos do ilustre casal, o que tornou difícil a anotação em separado de cada um dos ofertantes.

Chamou à atenção dos presentes, a sala oratório onde, sôbre o altar ornamentado com raro gôsto, entre os santos de preferência da família, viase a imagem de Nossa Senhora de Fátima, numa demonstração do alto espírito religioso que os portuguêses acalentam, mesmo longe da mãe pátria.



COM A VIVACIDADE e inteligência próprias da mocidade, Heleninha posa para o nosso fotógrafo, cercado pela ternura maternal de Mme. Rocha, sua graciosa irmã Ondina e pessoas das relações do ilustre casal.

Radicado no Brasil há vários anos, o sr. Joaquim de Mattos Rocha com o seu temperamento talhado para as grandes realizações, lançou-se ao comércio, criando os magazines espalhados pelos quatro cantos da cidade, dentre os quais destacamos «O Cruzeiro» e «A Escolar», casas que honram, sobremodo, a praça do Rio de Janeiro.

Lançando-se a novos empreendimentos, o operoso comerciante ampliou as suas organizações, fundando fábricas que ostentam o seu nome, sendo que, no ramo de calçados e camisas, a organização M. Rocha Indústrias Reunidas S.A., é uma das principais do país.

Os flagrantes que ilustram esta reportagem, dão uma nítida impressão do que foi a magnífica noite de gala com que o ilustre casal, ornamento de nossa melhor sociedade, brindou as pessoas presentes aos festejos que assinalaram a passagem da auspiciosa efeméride que marcou para Heleninha o início da sua risonha mocidade, envolta nos sonhos de mil venturas a que faz jus.

A DEMOCRACIA NÃO DORME

OS FINS DE SEMANA DE TRUMAN ★ A CORÉIA E A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL ★ EISENHOWER "BERSAGLIERE"

De JACK L. SMITH

PARECE que o presidente Truman já pode ir descansando das fadigas de seus trabalhos exaustivos na Casa Branca, diante da boa solução do caso da Coréia, crise terrível que, por um tris, não descambou para a terceira guerra mundial. Sempre que S. Excia. se dispunha a fazer passeios a bordo do seu iate "Williamsburg" nas águas do Potomac, surgia uma complicação de tal natureza que Truman regressava apressadamente ao seu gabinete em Washington.

Com as negociações que ora se processam para a paz da Coréia, o Presidente dos Estados Unidos vai respirar um pouco, salvo se o barco do mundo começar a fazer água em outro cavername. Por exemplo: o Irã. Êsse país do Oriente passou a constituir ponto mais perigoso do que a península da Coréia. Sua posição geográfica e os motivos que determinaram a crise internacional, são mais sérios e perigosos do que a política do paralelo 38. Lá, quando muito, se tratava de uma questão, inicialmente, entre coreanos do norte e coreanos do sul. Briga entre irmãos. Já no Irã, o caso é muito mais grave: são duas nações que estão a preparar-se para uma luta armada e em defesa de uma causa que reflete imenso interêsse universal: o petróleo.

Outra particularidade entre os dois pontos vulneráveis: na Coréia já não eram sino-coreanos, nem americanos, nem japonêses em luta contra chineses e coreanos do norte; era a própria ONU mobilizada e representada por mais de 16 nações contra o agressor do norte. O caso do Irã poderia ser resolvido pacìficamente se o govêrno de Teerã aceitasse a intercessão de Haya; mas o que se viu foi a inflexibilidade do primeiro ministro da velha Pérsia responder à Côrte Internacional que não reconhecia nenhum direito na intervenção da mesma nos negócios internos do país.

Outro ponto cruciante da crise coreana foi a da substituição de Mac Arthur do comando supremo dos exércitos americanos do Oriente. Essa demissão teve a mais intensa e extensa repercussão internacional, e, ainda hoje, produz conseqüências sob os mais variados aspectos. O mundo inteiro comentou o fato, e o Presidente Truman se manteve também inflexível no seu ponto de vista, embora não desejasse diminuir o valor do velho cabo-de-guerra, um dos heróis da última grande guerra.

Não se pode desconhecer que os atos da Casa Branca em combinação permanente com a O. N. U. se caracterizam pelo desejo de manter permanentemente alerta a cidadela da Democracia ocidental. Todos sabem que a URSS está atenta a tôdas as oportunidades e delas tem tirado proveito. Enquanto os Estados Unidos e as demais potências aliadas se desgastam em guerras e programas de armamentos para a defesa da civilização, o Kremlin se mantém indiferente às agitações ambientes e parece não estar ligando muito aos reclamos das outras nações que se sentem ameaçadas pelo avanço sorrateiro ou arrogante da doutrina russa em muitas partes do mundo.

Embora se saiba que não há





O GENERAL EISENHOWER, ao ir à Itália para examinar de perto as condições do país para a defesa da Civilização Ocidental, não resistiu e foi aos Alpes. Ali teve a mais popular das recepções e o povo alpino o cumulou de gentilezas. Eisenhower quis experimentar uma excursão pelos picos gelados, e recebeu das mãos de um velho soldado das neves eternas, o seu chapeu «Bersagliere».

soldados russos na guerra da Coréia ninguém ignora que a URSS tem prestado eficiente ajuda às tropas sino-coreanas, fornecendo-lhes técnicos e armamentos em tôdas as armas. Além disso as bases mandchurianas nunca foram incomodadas e dali é que descem em avalanches impressionantes os exércitos de Mao Tsé Tung para as suas ofensivas em favor dos coreanos do norte. Exércitos poderosos e bem armados são capitulados pelo govêrno de Pequim e Moscou, como de "voluntários" chineses. Mac Arthur, desesperado com essa maneira desleal de guerrear, desejou atacar a própria China, bombardeando-lhes as bases militares, mas o Presidente Truman, de acôrdo com os seus conselheiros políticos e militares, não permitiu essa liberdade de ação. Daí a dificuldade com que contara Mac Arthur para vencer a guerra da Coréia, em poucos meses. Mas, pergunta-se, na hipótese de um ataque das Nações Unidas à própria China, qual seria a atitude russa? O caso envolve condições e táticas mais políticas do que de guerra. E foi por isso que Truman não permitiu nenhum ataque às bases chinesas da Mandchúria exterior.

O desencadeiamento de uma terceira guerra mundial, embora todos achem que as nações democráticas sairiam vencedoras, não tinha nenhum objetivo firme, no momento. A Europa ainda não completou sua organização militar e as nações do Pacto do Atlântico continuam a receber armamentos e orientação de Eisenhower. Sem uma Europa poderosamente armada, municiada e disciplinada militarmente, uma guerra mundial teria sérias conseqüências em favor da Democracia ocidental.

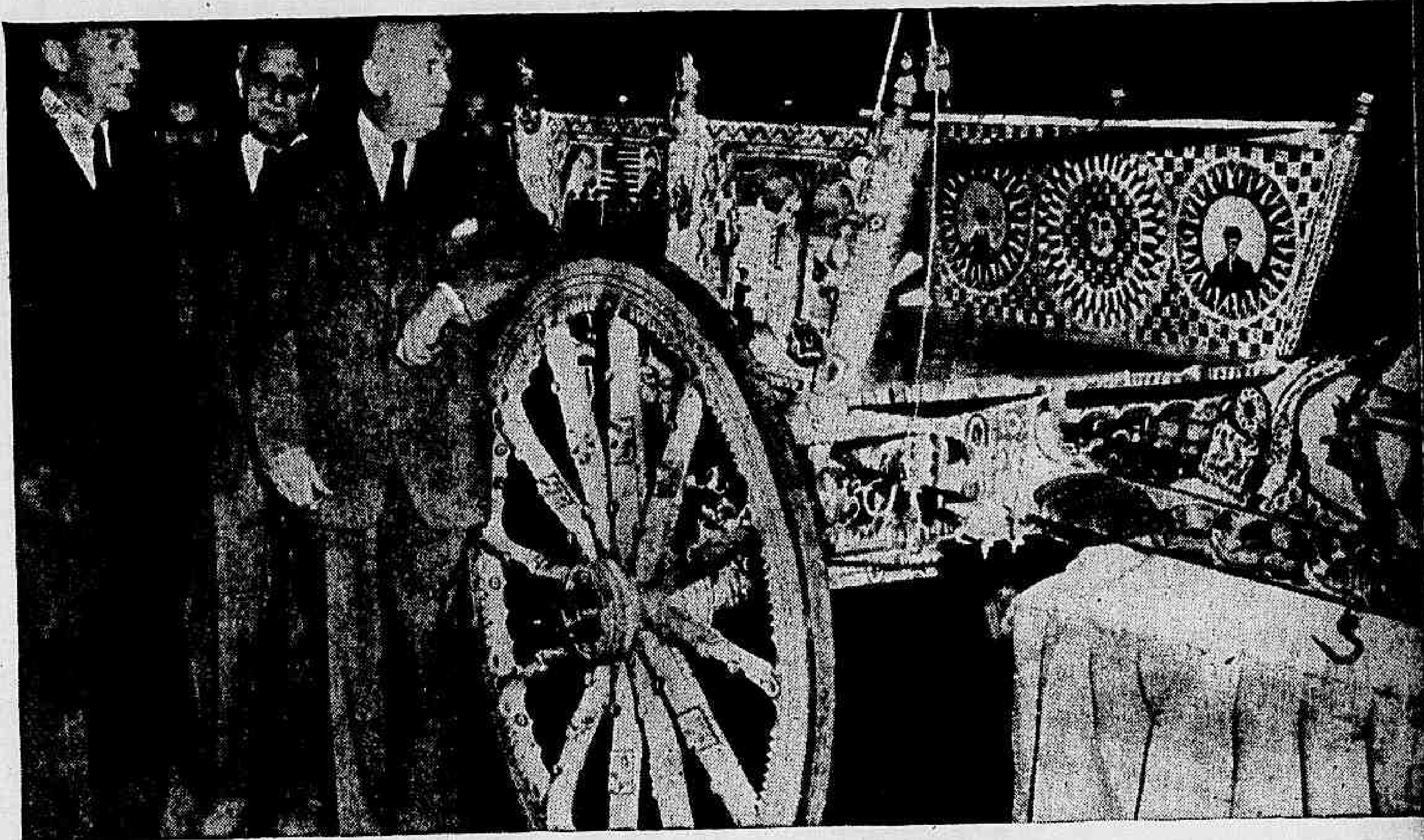
Sabem os generais aliados que a U. R. S. S. mantém na própria Alemanha Oriental numerosas divisões blindadas, aviação e gente preparada para o momento decisivo. Seus aliados da Cortina de Ferro também estão prontos para a ação. E uma Europa à mercê da política do Kremlin será sempre uma carta a menos no baralho das Nações Unidas diante da invasão da política soviética.

Segundo as estatísticas os Estados Unidos formam nove décimos das fôrças combatentes da ONU contra a agressão. Com a parada militar de 14 de julho na França, todos verificaram que a Europa ocidental se ergue

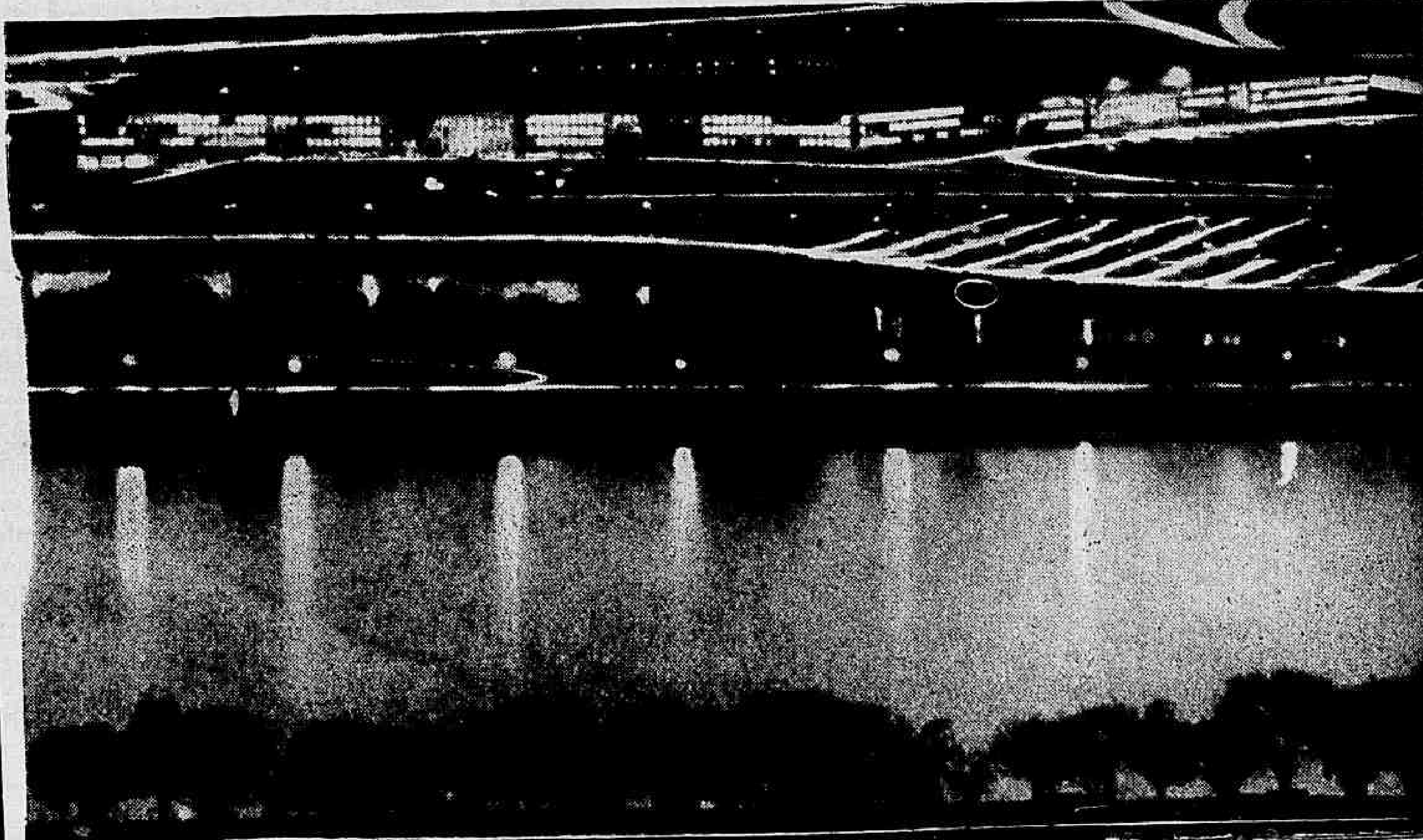
(*Cont. na pág.* 52)



FORÇAS AMERICANAS atravessam, pela quarta vez em um ano, o fatídico paralelo 38, entrando no território da Coréia do Norte. **O MINISTRO DA DEFESA** dos Estados Unidos, general George C. Marshall recebe, numa das salas do Pentágono, um carro siciliano oferecido pelo embaixador italiano em Washington, Alberto Tarchiani



(ao centro). **A VISTA NOTURNA** que aparece nesta foto é a dos edifícios do Pentágono dos EE.UU., em Washington, ou seja, o Ministério da Guerra norte-americano. Como vemos, os generais não dormem e o Pentágono permanece dia e noite em função, sempre Vigilante aos acontecimentos.



CONTE-ME A SUA HISTORIA

— ENTRE!

Ernesto empurrou a porta.

— Boa tarde, senhor diretor. A inspetora...

Doutor Segrel levantou-se risonho e amável, como sempre.

— Sim, sim; de fato, preciso muito falar com você. Sente-se.

Ernesto sentou-se na poltrona de couro verde, um tanto embaraçado, e ficou olhando o velho Segrel que, em pé, diante dêle, acendia o inseparável cachimbo.

Era a primeira vez que recebia chamado daquela espécie. "O diretor deseja falar-lhe." E a inspetora (mulherzinha implicante!) emprestara às palavras um tom de ameaça. Primeiro, pensou em alguma carta, mas, ainda na véspera, recebera notícias dos parentes. Intrigas, com certeza. Contudo, nada receava; saberia pôr as coisas em pratos limpos.

— Talvez lhe pareça estranho êsse meu procedimento...

— Sim, creio que não...

— Oh! Está claro que sua conduta continua a de sempre. Aliás, não se poderia esperar outra coisa. Entretanto...

Doutor Segrel pousou em Ernesto os ternos olhos azuis. Era um homem simpático, de maneiras cativantes e convera atraente. Os alunos estimavam-no, e êle, por sua vez, retribuia essa afeição com desvelos de verdadeiro pai. Aconselhava os vadios, incentivava os pessimistas... Não nascera rico. Herdara de um parente, quantia regular e empregara-a na construção do colégio. Escola "José Bonifácio", causa de sua vida, o estímulo, o objetivo. Amava-a, dedicava-se a ela de corpo e alma, e sonhava (sonho pueril — quem não os tem!) ver um ex-aluno na presidência da república.

Ernesto ansiava por concluir aquela questão. O velho diretor falava pausadamente, contornando o assunto.

— Entretanto, venho observando certa decadência em seu aproveitamento. As notas baixam de mês para mês... Isso é desagradável, mormente quando se trata de aluno como você.

Ernesto não podia disfarçar a emoção que o agitava. Entristecia-o, também, a queda brusca, as censuras dos professôres, as piadas dos colegas: "O Neco está amando..." Temia uma reprovação, depois de tanto esfôrço, o pai fazendo o impossível para o manter em capital...

Procurava esquecer a realidade, abria, inutilmente, livros e cadernos, mas fugira-lhe a coragem, o incentivo.

Apenas Marinês, sempre Marinês, ocupando-lhe todos os minutos, monopolizando-lhe todos os pensamentos. Por que a conhecera? Por quê?

— Vamos, meu rapaz. Há alguma coisa com você.

E pousando-lhe a mão no ombro, pediu, meigo, paternal:

— Conte-me sua história! Contar sua história era contar a história de Marinês, era revelar aquêle amor delicioso, aquelas emoções e, depois, o desânimo, a desilusão... Era retroceder àquêle janeiro de céu azul, de campinas verdejantes, de sol bonito...

Entrara em férias. Saira-se bem nos exames. Voltava contente para casa, na doce expectativa de rever os pais, de desfrutar, outra vez, a tranqüilidade do lar.

Encontrara tudo igual; a mesma chácara, de coqueiros esguios à entrada, a varanda, as pastagens, o riacho... Apenas, quebrando a homogeneidade do ambiente, aquela garôta de olhos negros, de riso brejeiro, de maneiras insinuantes. A mãe apresentara-a: — "É a filha de dona Augusta, não te recordas?" Lembrava-se, sim, mas era impossível reconhecer na moça, de então, a menina magricela que vivia escarafunchando a terra com um pauzinho.

— Como mudou!...

Realmente, efetuara-se completa metamorfose. Marinês tornara-se uma linda jovem.

Lindos foram, também, aquêles dias que passaram juntos, aquelas noites de luar, os passeios pelos campos. Pela primeira vez, Ernesto compreendeu que estava amando. Não ocultou seus sentimentos. Revelou-os a Marinês, cheio de entusiasmo, trêmulo de emoção.

— Eu te amo!

Palavras que julgava imcompatíveis com seu espírito pacato, com sua vida introspectiva. "Frase de romance", costumava dizer. E no entanto, naquele instante, naquele doce instante, sob os ipês floridos, à beira da cascata, elas brotaram-lhe naturais, inconcientemente.

"Eu te amo!" Deliciosa confissão!

Marinês corou e sorriu. Seus olhos negros, profundos como o mar, adquiriram um brilho estranho, e ela murmurou, confusa:

— Ernesto!...

Atraira-a para si, beijara-lhe os lábios polpudos. Antegozou uma vida diferente, anteviu uma casinha alegre e confortável, fêz planos, sonhou...

Passaram rápidos os três meses de férias, cheios de ventura, de uma felicidade nova. As noitadas na varanda, Marinês sentada na rêde, cantando... Fora, o luar caía sôbre as grandes árvores da chácara, os grilos cricrilavam e a brisa fresca trazia o perfume dos manacás.

Ao despedir-se (vê-a ainda na estação, vestida de azul, acenando-lhe com o lenço) levava consigo a certeza de que era correspondido naquela afeição que lhe nascera tão inopinadamente.

Voltara para a capital, para o colégio. Deixara, outra vez, os campos, o ar livre, a vida descuidada...

Voltava diferente, uma saudade a mais, é verdade, porém sentia-se incentivado, estimulando a prosseguir os estudos com maior dedicação.

(CONT. NA PÁG. 22)

Conto de JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES ★ Ilustração de O. MATTOS



QUEM TEM COMPETÊNCIA...
É QUE SE ESTABELECE.

FOTOGRAFIA do «New York Post Authority Bus Terminal», em Nova York, com um movimento de cêrca de 2.300 ônibus por dia. Rampas de acesso ligam as auto-estradas diretamente com a estação, evitando-se o tráfego das ruas da cidade. Sôbre o terraço estacionam comodamente 450 automóveis particulares de passeio, como vemos na foto.

QUANDO TEREMOS ISTO NO RIO?

POIS EM NOVA YORK É ASSIM ★ ESTAÇÕES MODELARES E GARAGENS "AÉREAS" E SUBTERRÂNEAS ★ VAMOS COMEÇAR NO RIO?

NÃO há cidade neste mundo com o vulto do tráfego de gente e de veículos como a tentacular Nova York. Mas, em face das colossais proporções dêsse movimento, o número de desastres e acidentes de tráfego não está em relação com o ambiente, comparando-se com o que ocorre em outras cidades de um milhão a mais de habitantes.

A razão dessa proteção aos que se movimentam nas zonas urbanas e suburbanas está no cuidado que se tem naquela imensa metrópole, organizando-se sistemas de transportes de tal maneira que os acidentes são evitados graças à técnica. Uma das estações mais modernas e de maiores proporções que há no mundo destinadas ao transporte de passageiros urbanos e interurbanos, é a «New York Port Authority», da mesma cidade.



BANCAS de jornais da estação fazem grande movimento, vendendo tudo o que sai da imprensa do país, por alguns centavos.

QUANDO TEREMOS ISTO NO RIO?



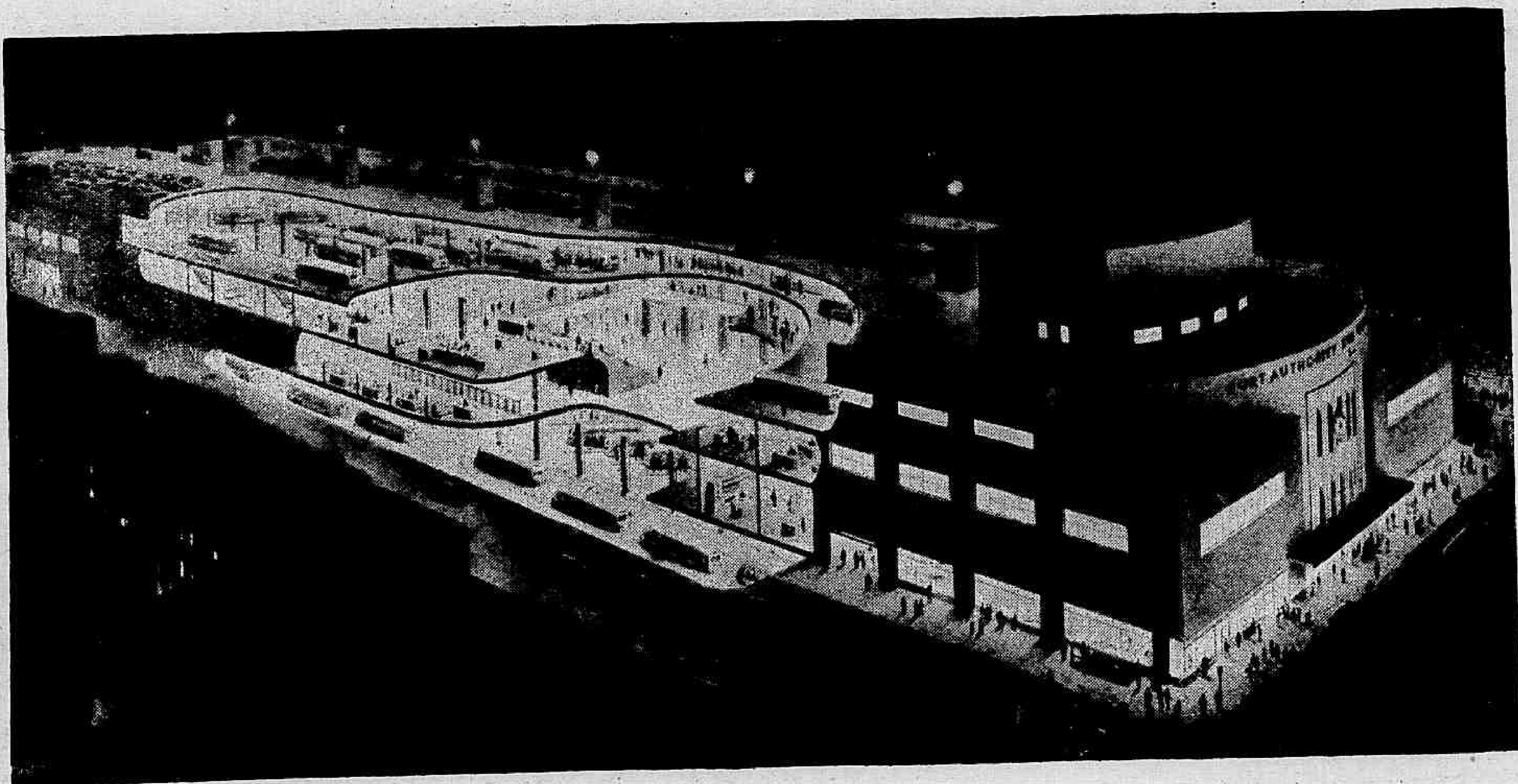
INTERIOR da estação, vendo-se a seção de ônibus interurbanos. As pessoas que residem em N. York tomam os carros no quarto andar. Há 547 coletivos por zona



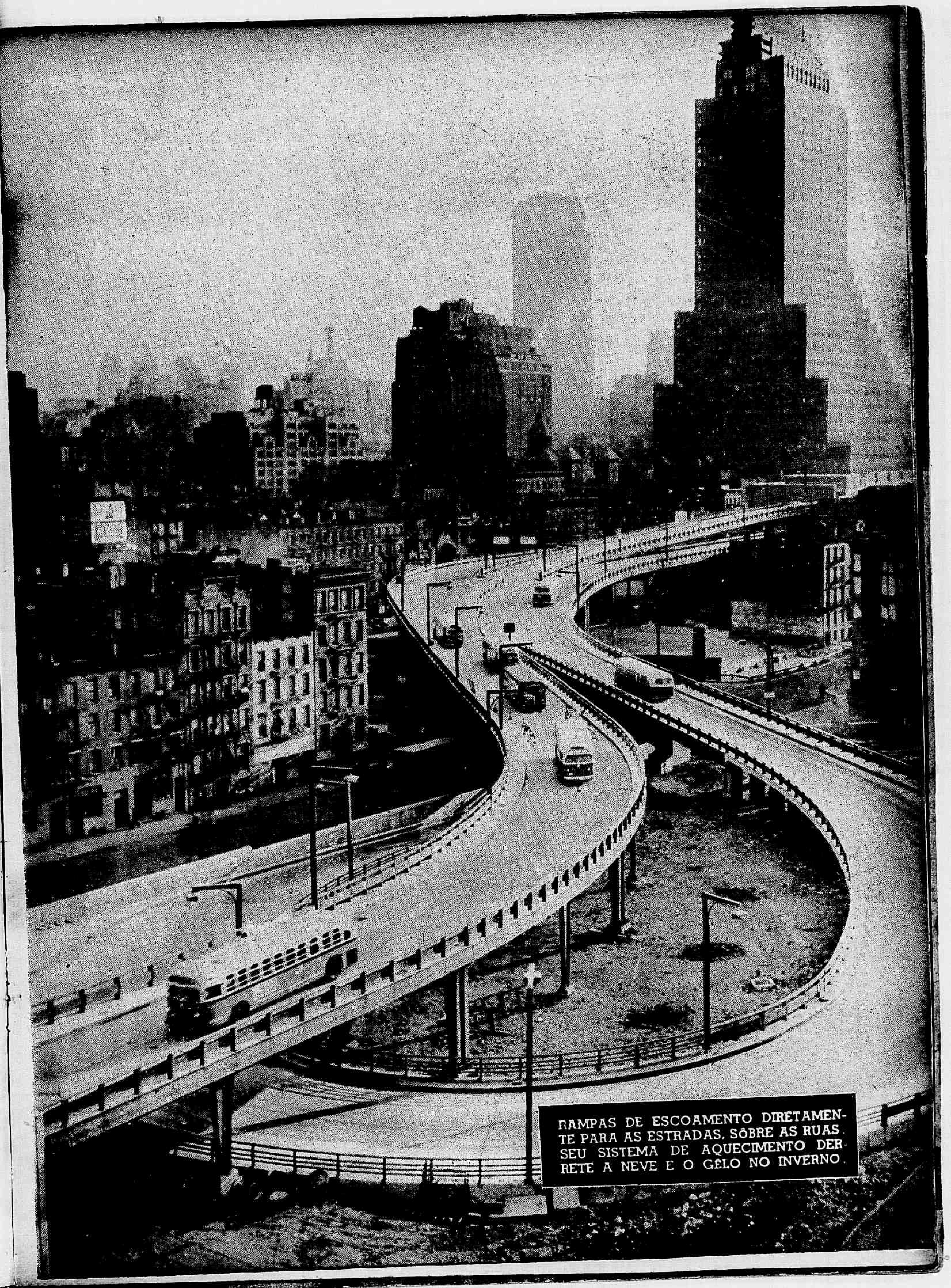
PASSAGEIRAS nos lavatórios da estação. Há quartos de banho e chuveiros, cabeleireiros, salões de beleza para o belo sexo, tudo moderno, na grande estação.

Em colossal edifício de quatro pavimentos, um dêles subterrâneo, construído abaixo do nível da rua, medindo 240 metros de comprimento por 60 de largura, acomodam-se milhares de veículos e outro tanto de passageiros, diàriamente, destinando-se ao interior e às próprias áreas que circundam a nova Babilônia do mundo moderno.

O que se organizou na «Port Authority» de Nova York é coisa para contos de ficção. Do terraço, com espaço para estacionamento de 450 autos de passeio, até ao subterrâneo, de onde partem dezesseis pistas ou faixas de ônibus, com um processo de escoamento que é sem igual no mundo. As rampas de acesso ligam as auto-estradas diretamente com a enorme estação, para evitar-se o tráfego das ruas da cidade. Há ali um verdadeiro mundo: escritórios, salas, lojas, barbeiros, salões de beleza, garagem, bancas de jornais e revistas, livros, figurinos, etc., como se o passageiro estivesse em gigantesco hotel. Banhos, chuveiros, tudo elegante e confortável. E' a técnica, a ciência, a iniciativa, a serviço da segurança e da civilização de um povo que já chegou a um ponto de perfeição ainda não visto em qualquer parte do mundo.



VISÃO DO QUE é êsse formigueiro humano, com os seus 4 andares. 120 mil pessoas se servem, diàriamente, do novo centro de transporte. O primeiro pavimento fica abaixo do nível do solo e oferece acesso aos trens subterrâneos facilitando o tráfego. No térreo há lojas, salas de estar, e todos os andares com escadas rolantes



RAMPAS DE ESCOAMENTO DIRETAMENTE PARA AS ESTRADAS, SÔBRE AS RUAS. SEU SISTEMA DE AQUECIMENTO DERRETE A NEVE E O GÊLO NO INVERNO.





CONTE-ME A SUA...

(Cont. da pág. 18)

Despertara para uma vida feliz, a doce vida dos enamorados.

Ao atravessar o portão da escola, não mais lhe nasceu aquêle tédio, aquela vontade imensa de recomeçar as férias. Lançou um sorriso amável à datilógrafa da secretária. Teve vontade até de cantar...

Deveria revelar aquela história? História banal, comum, igual a de todos os rapazes de dezenove anos. Um amor, uma paixão desatinada, depois... Uma carta, um convite... Não, nada diria.

Doutor Segrel esperava paciente.

Ernesto passeou o olhar pela sala. As paredes amarelas, o retrato de José Bonifácio, as cortinas que a brisa enfunava...

Há cinco anos, entrava ali pela primeira vez. Era, então, um garôto tímido, cheio de idéias sem nexo, de planos incertos. Pensava em ingressar num seminário, realizando, assim, o grande desejo da falecida avó. "Ser padre é a coisa mais sublime deste mundo, meu filho!"

O pai acompanhava-o, orgulhoso por ter um filho na capital. Recomendou-o, elogiou-o e, não fugindo aos excessos da afetividade, classificou-o de "menino prodígio".

Cinco anos! Se pudesse saltar a muralha do tempo, se pudesse voltar à despreocupação do tempinho de ouro!... Se pudesse, ao menos, esquecer Marinês!... Apagar da memória os dizeres daquele convite! "Os noivos receberão os cumprimentos na igreja."

Como fôra terrível aquilo tudo! Imaginá-la noiva, linda, alegre, nos braços de outro homem, o ilustríssimo senhor doutor Freitas.

E ela que parecia tão sincera, jurara espera-lo, que o tornara feliz, naquela manhã ensolarada, sob os ipês floridos.

Oh! muito tempo seria necessário para que expulsasse da mente, a imagem de Marinês, a lembrança daquele janeiro delicioso, as emoções daqueles dias de sol.

O pior, entretanto, era saber que, naquela época, Marinês já amava, já se comprometera, pelo menos com o outro; os sorrisos, os beijos, as doces promessas, faziam parte dos divertimentos, das férias de fim de ano.

"Os noivos receberão os cumprimentos...". Mandar-lhe aquêle convite! Teve-lhe ódio. Voltaram-lhes as palavras da avó: "Ser padre é a coisa mais sublime deste mundo!"

E renasceu-lhe o desejo de ingressar num seminário, de fugir à vida, esquecer os homens.

Abandonou os livros. Morrera-lhe o incentivo, faltava-lhe coragem.

Por tôda a parte, na sala de aula, no refeitório, na cama, na biblioteca, via Marinês, linda, fresca, os cabelos negros, o riso argentino, vestida de azul, salpicada de flores. As notas diminuiam; uma reprovação seria coisa certa.

Agora, ali, diante do diretor, sentia-se indeciso. Talvez, fosse tolice relatar aquêle caso. Havia, porém, dentro de si, imperiosa necessidade de desabafo, de confissão. Sim, diria tudo, daria expansão à grande mágua que o torturava.

Por isso, quando o velho Segrel insistiu novamente, Ernesto respondeu resoluto:

— Pois bem, doutor; vou contar-lhe minha história!

CORREIO DA REVISTA

Automóvel Clube do Brasil (Rio) — Recebemos sua carta de 12 de julho último. Agradecemos e desejamos felicidades na nova fase.

T. T. S. (Rio) — Não foi aprovado o conto "Tarde de mais". Mas não sirva isso para desânimo. Nunca é "tarde de mais" para escrever e ser escritor. O que atrapalhou o julgamento foi o seu estilo.

E. M. Raide (S. Paulo) — Está aprovado o seu conto "Afonso Pedro".

L. B. K. (Rio) — Seus dois contos, "O julgamento divino" e "Unidos pelo sofrimento" não puderam passar pelo crivo da Comissão Julgadora. Além de erros graves de português, o seu estilo não ajuda. Veja se melhora ambos.

F. H. (Pôrto Alegre) — O conto literário nada mais é do que uma novela pequena. Embora sem as minúcias daquela, o conto precisa enfeixar motivos emocionais, narrativa agradável, concisa, com certas fases inesperadas pelo leitor. Isso constitui o segrêdo dos bons escritores que se especializaram nesse gênero literário, dificílimo. O amigo apenas narrou um acontecimento de caráter vulgar e cujo fim, desde o começo, já se sabe qual será. Isso não é conto. E historieta de quadrinhos para colegiais. Procure nas livrarias de sua cidade os bons contistas nacionais e estrangeiros. Leia-os. Apreenda a técnica e... melhore também um pouco o seu português, que está muito cheio de defeitos de sintaxe.

Maria do Céu (Rio) — Menina, se você é do Céu, por que escreveu aquêle "O Inferno"? E Deus a castigou. Em lugar de escrever sôbre a vida celestial, quis explorar assunto infernal e... nada feito! Não desanime, porém. Você tem jeito para o conto. Mas comece mesmo em seu ambiente.

S. D. da S. (Recife) — Recebemos e vamos julgar. Aguarde com a paciência dos verdadeiros escritores.

N. de M. P. (Fortaleza, Ceará) — Que grande assunto, sim senhora! Crítica sôbre as chuvas artificiais. Mas não pôde ser aproveitado o conto. O assunto não invade apenas a seara da literatura. Vai mais longe: entra na ciência. E aí naufragou. Tudo errado. Leia as obras de Júlio Verne.

MONTEIRO LOBATO NÃO SABIA...

O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO EXISTE!

E' A BIBLIOTECA INFANTIL DE VILA BUARQUE, SÃO PAULO ★ SONHO E MILAGRES ★ A CASA ENCANTADA DE DONA LENIRA ★ FESTA DE RAÇAS E DE CLASSES ★ OUTRAS BIBLIOTECAS

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR — Fotos de DARIO TERINE

S. Paulo — Sítio do Pica Pau Amarelo é como Lobato chamava a biblioteca Infantil Municipal da Rua Major Sertório, em São Paulo. Monteiro Lobato, o grande amigo das crianças brasileiras, que dedicou parte de sua vida escrevendo obras de relevante valor à gurizada de todo o mundo — verifique-se as obras traduzidas — não as amava apenas na tinta e no papel. Era um vovô querido pelos que os liam e adorado pelos que o conheciam e com êles passavam horas inteiras a ouvir lindas histórias.

Até 1935, São Paulo, cidade grande e vertiginosa que abrigava grandes vultos do saber da época e se chamava a si mesma de Capital Artística do Brasil, não possuia uma instituição sequer, onde a criança se iniciasse nas letras ou nas artes.

Apareceu então, no cenário do ensino, a professôra Lenyra Fracaroli que, sob o pêso de sacrifícios

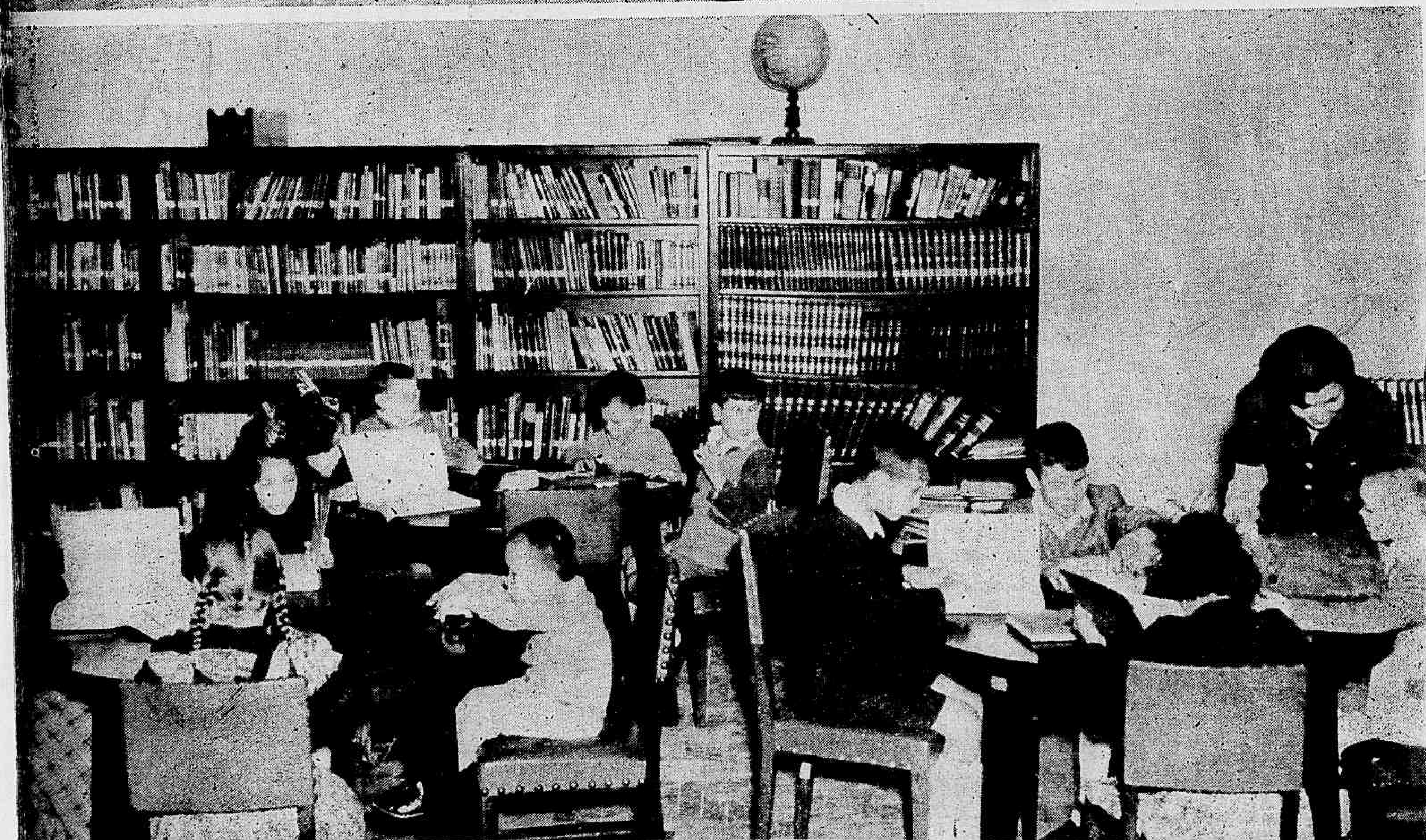


A ENTRADA, as crianças têm que deixar nome e enderêço. Mas aos velhos frequentadores essa formalidade é suprimida.

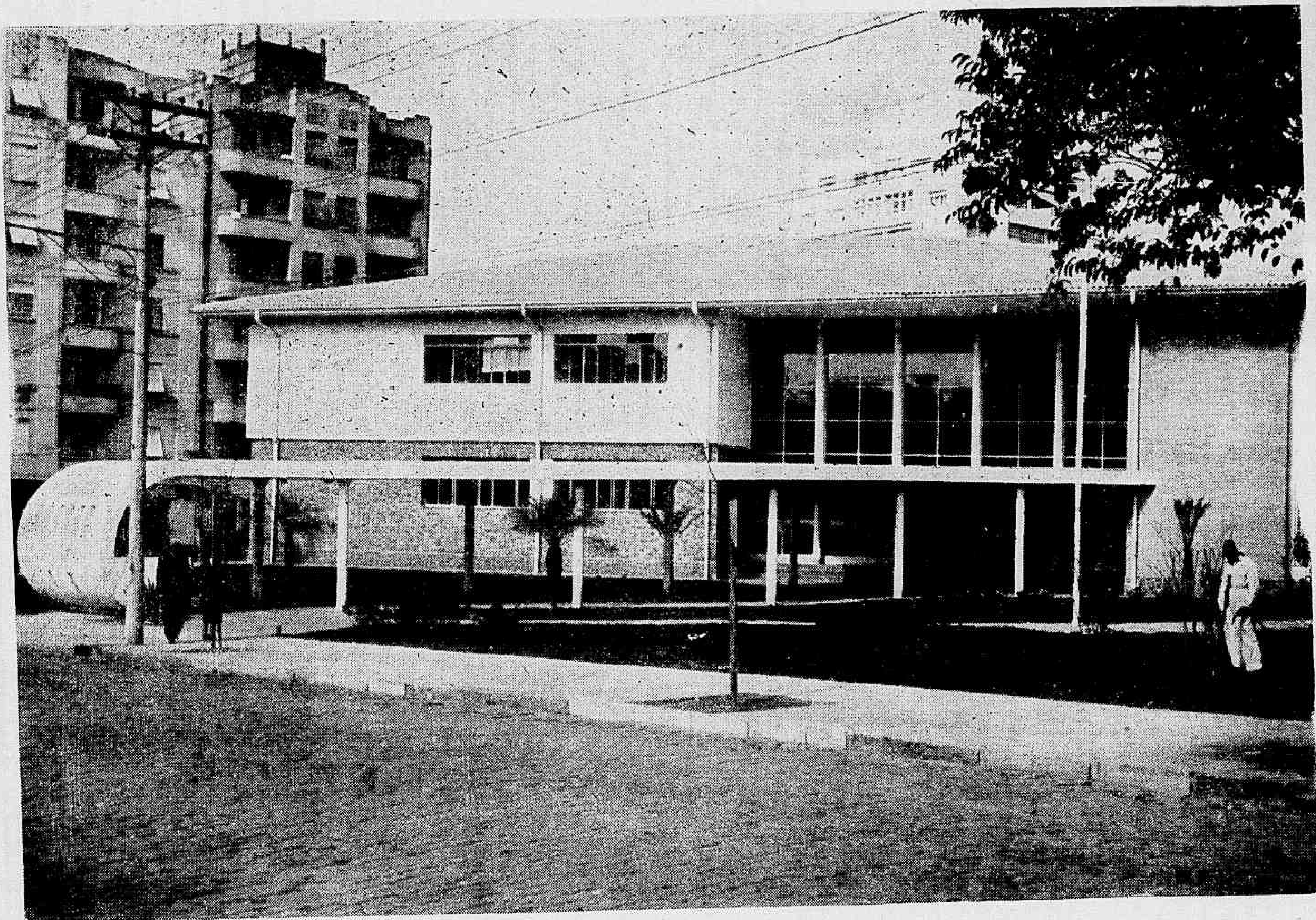


MONUMENTAL E BATIDO PELA LUZ, O ATRIO DA BIBLIOTECA INFANTIL CONVIDA A CRIANÇA A ENTRAR NO REINO ENCANTADO QUE DONA LENIRA CRIOU. UM MUNDO DE SURPRÊSAS MARAVILHOSAS, CADA QUAL MELHOR, A ESPERA





OS MENINOS CEGOS, DEBRUÇADOS SÔBRE OS LIVROS EM BRAILLE, OFERECEM UM ESPETÁCULO DOLOROSO E CONFORTADOR. E' A PRIMEIRA BIBLIOTECA PARA CRIANÇAS CEGAS NA AMÉRICA LATINA, E DELA ORGULHA-SE O BRASIL.



ESTA É A CASA ENCANTADA de dona Lenira, onde moram Narizinho, o Visconde, Quindim, a Menina do Chapèuzinho Vermelho, Alice e Peter Pan. No pequeno museu folclórico, lá dentro, há sempre coisas que interessam à criançada. Se Monteiro Lobato fôsse vivo, que prazer seria o dêle, ao ver que a sua obra não desapareceu, mas, antes, criou raizes!

incontáveis, conseguiu instalar uma pequena biblioteca infantil numa das salas do Instituto de Educação "Caetano de Campos". Reformou móveis, pintou lindas cartolinas e deu ar de confôrto e felicidade infantil a um salão austero e pouco convidativo. A petizada da escola, a quem era privativa tal biblioteca, em pouco, passou a frequentá-la e a amá-la como a todas as coisas agradaveis.

Dona Lenyra, que sempre sonhara com bibliotecas infantis, não parou ai. Queria uma biblioteca de verdade para a infância, onde cada criança escolhesse seu livro e lesse sua revista sem a obrigatoriedade de pertencer a esta ou aquela escola, a esta ou aquela religião.

O SONHO E O MILAGRE

E foi nesse longinquo 1935, quando diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade o sr. Mario de Andrade, que o sonho da professôra começou a se esboçar mais nítido, tomando formas de realidade milagrosa. Mario de Andrade, ocasionalmente, visitou a biblioteca do Instituto "Caetano de Campos". Viu, sentiu e gostou.

Chamou d. Lenyra e, juntos, elaboraram fabuloso plano que, para muitas pessoas, parecia ilusório e fantástico. Espremeram as verbas, comprimiram despesas e eis que o milagre se realiza. A petizada teria biblioteca e quem senão a professora Lenyra Fracaroli fôra indicada para dela cuidar?

Passou a procurar um prédio onde instalaria seu "centrinho de saber". Um casarão da R. Major Sertório, junto à Praça da República, foi alugado. Compraram-se os móveis e começaram a aparecer as primeiras dificuldades. Estantes havia, mesas, também e funcionárias idem. Mas onde encontrar livros para a criançada? Há muito custo foram se enchendo as prateleiras e constantes apelos para que as autoridades possibilitassem a tradução de livros estrangeiros e incrementasse a feitura de nacionais.

Após isso, teve início a parte mais ardua da missão. Como fazer os meninos



AS VITRINES do Museu expõem esses e muitas outras curiosidades. Meninas e garotos acham um encantamento, inédito, pesquisando aquelas maravilhas de um mundo todo diferente.



ESTA É DONA Francisca, abnegada e compreensiva dirigente da secção circulante. Os meninos escolhem os livros e os levam para casa. Nunca houve um caso de extravio. Tudo volta!



TATEANDO as lombadas à procura do livro desejado... Falta-lhes a vista, mas isso não impede que conheçam tôdas as histórias da literatura infantil. Mesmo assim são felizes.

O SÍTIO, DO PICA-PAU AMARELO, EXISTE!



NA SALA DE REVISTAS o silêncio é geral. Debruçadas sôbre as mesas, as crianças esquecem a rua e os folguedos impróprios ou perigosos, adquirindo vasta e útil soma de conhecimentos.

e as meninas abandonarem os revolveres e as bonecas pelos livros? Inúmeros artifícios foram usados para atrair as crianças, inclusive cinema gratis, a "hora do conto", teatrinho infantil, etc.

MELHORA A FREQUÊNCIA

Em 1936, primeiro ano de funcionamento da Biblioteca Infantil Municipal, apenas 300 leitores-mirins se inscreveram. Mesmo assim, apareciam por aquelas "estranhas plagas" desconfiados, tímidos e, de início, levados pelas mães que os preferiam lá do que no bulicio das ruas perigosas.

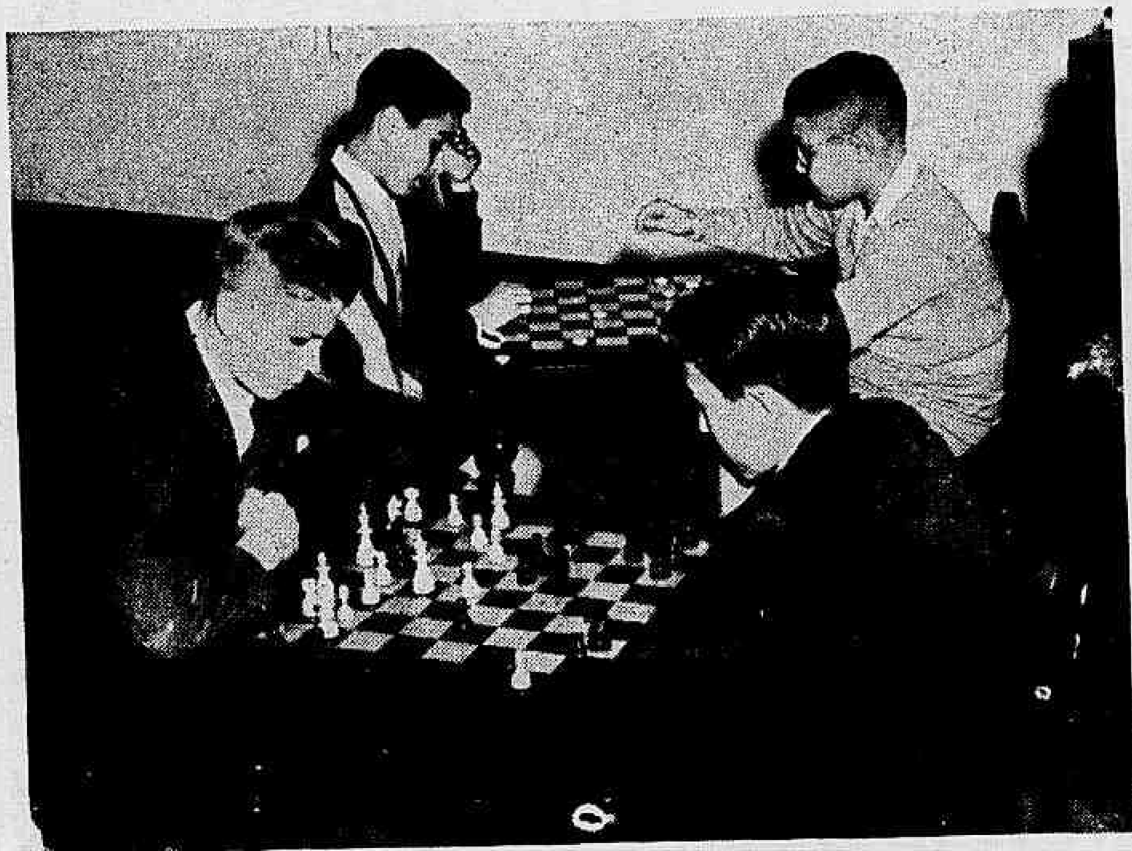
Verdadeiros "anjos de cara suja", hoje homens feitos, sairam artistas, salientando-se no cenário nacional como bons poetas, desenhistas e pintores, graças ao aprendizado ali recebido.

Os anos correm e os integrantes do corpo "habitué" da casa contavam vantagens aos seus companheiros que, como toda criança, procuravam acercar-se daquele casarão mágico para ver e apalpar as maravilhas que encerrava.

Monteiro Lobato, também, frequentava a biblioteca. Uma ou duas vêzes por semana, ia "bater papo" com seus amiguinhos, de cujas "palestras" sairam alguns livros. Foi nessa época que escreveu a peça "Museu



HÁ UM GRANDE salão de leitura, onde os meninos escolhem os volumes de sua predileção. Em silêncio, na mais perfeita ordem, como homenzinhos compenetrados das suas responsabilidades, êles sabem o que procuram e sempre encontram. Os livros são catalogados, em tôdas as bibliotecas, e nunca saem dos seus lugares, porque as crianças estão disciplinadas.



HA MUITO campeão de xadrez entre a garotada que freqüenta a Biblioteca e ali êles aprendem a ser pacientes, agindo com cálculo, se mprecipitação e com grande firmeza de caráter.



NESTAS CAIXAS OS MENINOS depositam suas colaborações para a «Voz da Infância», aprendendo, desde cedo, a emitir seus pensamentos pela palavra escrita, com liberdade e elevação.

de Emília", que é inedita e deverá ser publicada dentro em breve.

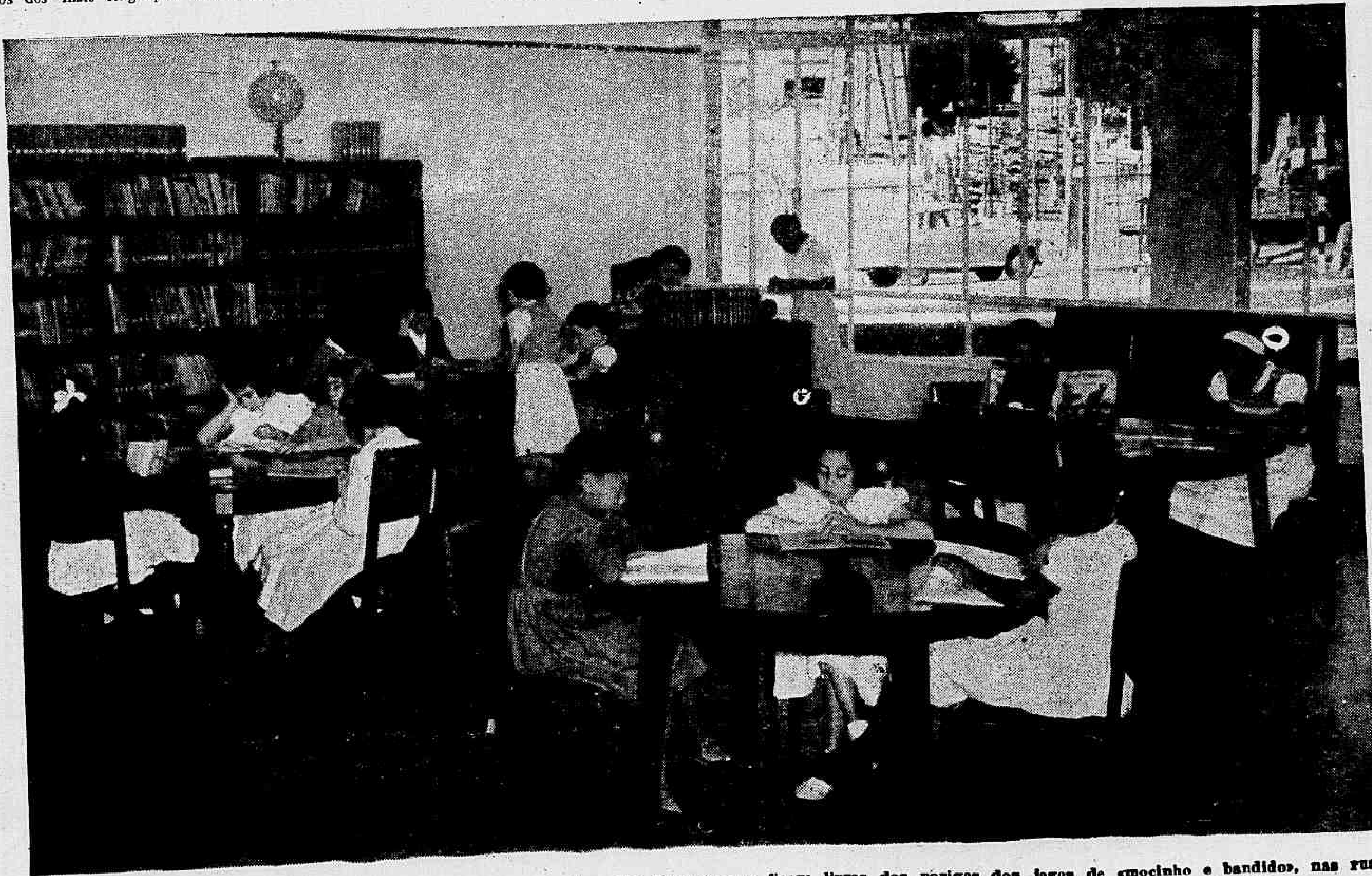
Foi fundado, então o Grêmio Cultural Monteiro Lobato, do qual o escritor foi fundador e patrono, registando seu nome da ata de instalação.

O movimento de leitores foi crescendo e as histórias que Lobato contava às crianças, os filmes educativos e as comédias que elas asistiam, as peças teatrais das quais participavam, os desenhos e as pequenas peças literárias que escreviam para publicação no órgão da Biblioteca, tudo isso cavalgava nas vozes infantis, invadindo os lares. E, assim é que, ainda hoje, pequenos dos mais longinquos bairros paulistanos acorrem a essa casa mágica, buscando saber, educação e o alicerce da cultura de amanhã.

FESTA DE RAÇAS E DE CLASSES

Verdadeira festa de raças e de classes sociais é celebrada, diáriamente, na Biblioteca Infantil Municipal. Pobres e ricos, brancos, amarelos e negros, descalços e calçados, se congratulam humanamente, apreendendo, desde cedo a manter longe dos seus corações os preconceitos raciais e sociais.

(Cont. na pág. 50)



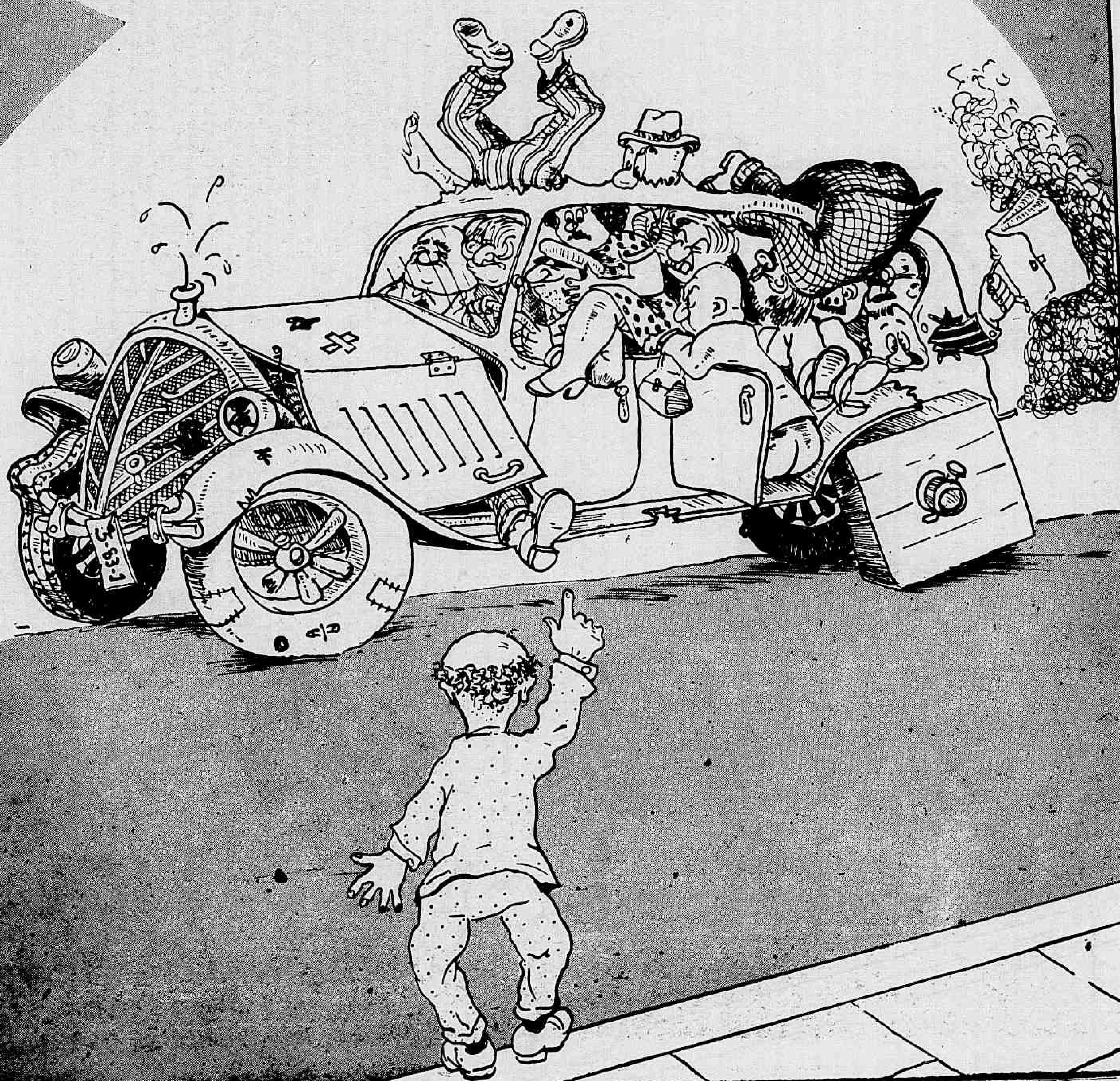
E, FINALMENTE, AQUI as crianças se educam, aprendem a sentir a boa literatura e ficam livres dos perigos dos jogos de «mocinho e bandido», nas ruas movimentadas. Não quer diser que fiquem ultra-sapientes, pernósticos e cheios de literatice: mas saem da Biblioteca de espírito formado.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CREAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

8 - LOTAÇÃO, CINCO LUGARES





Os «pequeninos» apreciam uma boa leitura, naturalmente em sua língua de origem. Sua saliência não tem limites, quando se pede uma pose namorando uma anã, êles não se fazem de rogado, agarram o material e... tome beijos.

TAMANHO NÃO É DOCUMENTO

COMO VIVEM OS LILIPUTIANOS ★ HOMENS E MULHERES NORMAIS ★ UM RECITAL DE PIANO EM NOSSA HOMENAGEM ★ O DESPEITO DOS GRANDES...

Reportagem de JORGE LYRA

A cidade do Rio de Janeiro acaba de ser invadida por um grupo de vinte-e-dois anões, oriundos da França, Itália e Alemanha. Desejando informar os nossos leitores sôbre o modo de vida daqueles minúsculos sêres, abalamo-nos em direção do hotel onde se acham êles hospedados. Em lá chegando, travamos contacto com um grupo jovial de anões que, em tudo, facilitaram nosso trabalho.

Ao sairmos da redação a fim de entrevistá-los pensávamos que sua anormalidade de tamanho, poderia haver criado nêles um complexo qualquer, que viesse a torná-los taciturnos, abichados, metidos consigo mesmos, não querendo travar contacto com o mundo exterior. Mas qual, quanto nos enganamos! Os anões de Gnidley, como são conhecidos os que aí estão, levam uma vida normal, como nós outros; sua pequena estatura não prejudica, absolutamente, sua jovialidade.

Quando chegamos e dissemos ao que íamos, um dêles, o menor, que mede apenas sessenta e cinco centímetros, de nome Francesco, numa mistura de francês e espanhol, que era, em seguida, vertido para o alemão, em forma de ordens incisivas, tomou a frente dos demais. Era o chefe dos liliputianos fazendo valer sua autoridade. Quando preparávamos a máquina, a fim de fotografá-los, uma algazarra inenarrável tomou conta do hotel. Os que estavam deitados, descansando a sesta correram para os armários a fim de preparar-se, os que jogavam damas, largaram o tabuleiro e fizeram poses cinematográficas, as senhoras trocavam idéias entre si, aos gritinhos, enfim, dada a confusão de línguas só entendíamos o que Francesco nos transmitia —

— Espere um pouco que as damas estão preparando-se.

COMO VIVEM OS ANÕES

Enquanto as damas se paramentavam para as fotografias, ficamos observando os homens e procurando arrancar dêles algumas impressões.



Um retrato para a eternidade de um tipo de contos de fadas.



Em cima, uma anã ouve atentamente a «conversa» de um fã e sorri. Em baixo, o menor da «troupe» que tem 52 anos e mede 65cm. faz pose de cinema.





Os anões são homens normais em sentimentos, embora não o sejam em altura. A
fia, feita num momento romântico entre dois liliputianos. Também gostam de





tura. Amam, como vemos na primeira fotogra-
tam de uma boa pinga... como muita gente

grande. Consertam suas meias, fazem sua barba no barbeiro e gostam de bem calçar. Como se verifica, de tudo que nós outros, grandes, gostamos, êles, «os pequeninos», também gostam. O mundo dos anções, é um mundo igual ao nosso.

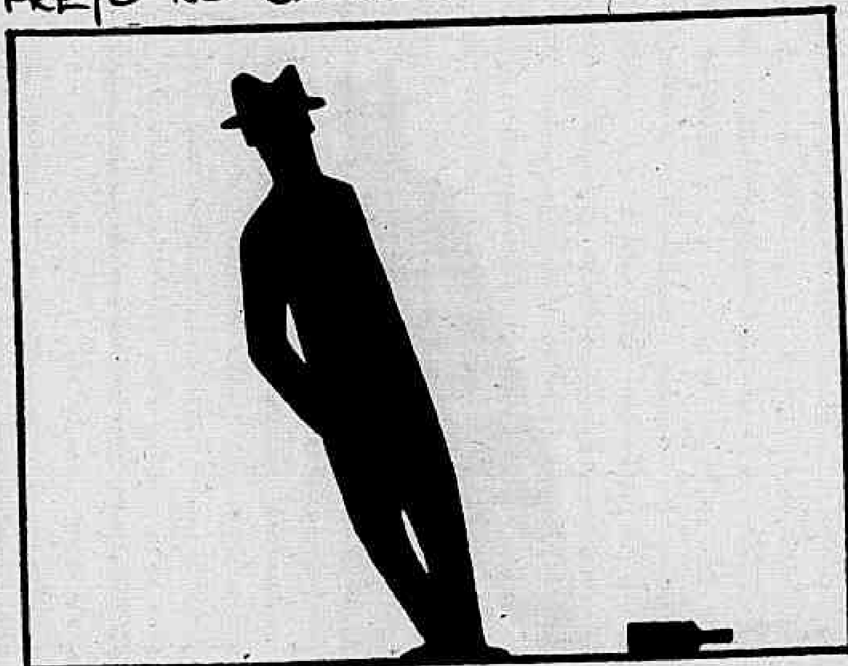




Nem Corôa!

Nicodemus

PRETO NO BRANCO

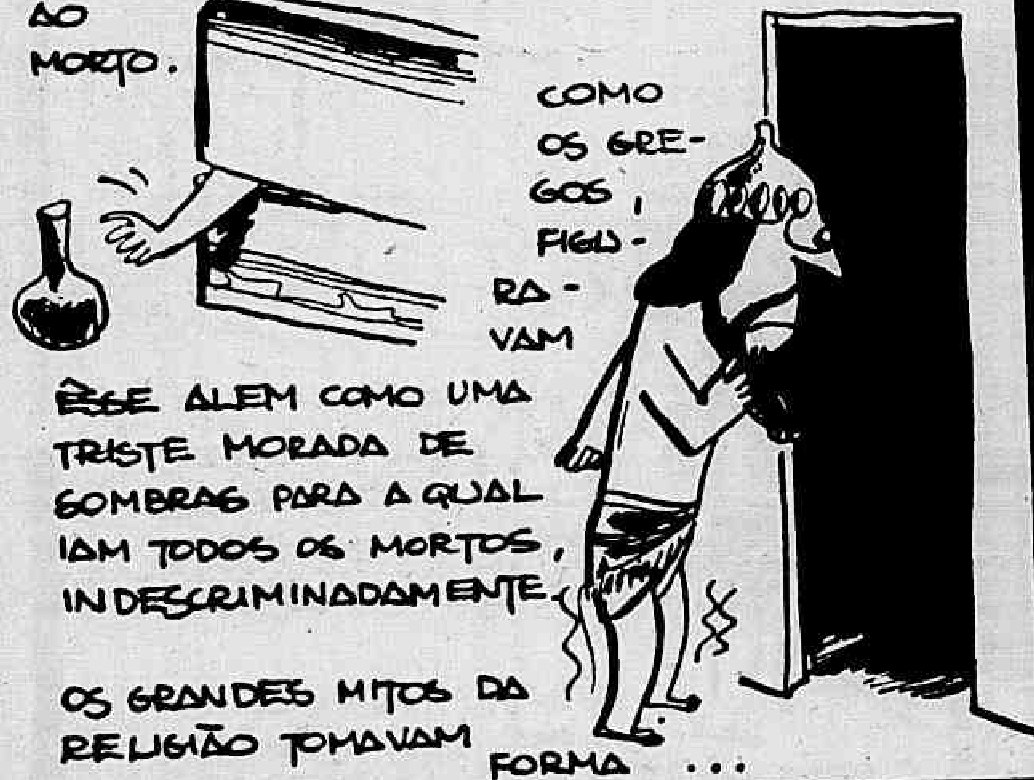


TORRE DE PISA



O AR DA SUMERIA VIVIA CHEIO DE ESPIRITOS, ANJOS PROTETORES DE CADA SUMERIANO E DEMONIOS QUE PROCURAVAM SUBJUGAR ÊSSES ANJOS DA GUARDA E TOMAR POSSE DA ALMA E DO CORPO DAS CRIATURAS.

PODE-SE PRESUMIR QUE OS SUMERIANOS ACREDITASSEM NA VIDA DE ALEM-TUMULO, POIS COLOCAVAM ALIMENTOS E UTENSILIOS JUNTO AO MORTO.



COMO OS GREGOS, FIGURAVAM ÊSSE ALEM COMO UMA TRISTE MORADA DE SOMBRAS PARA A QUAL IAM TODOS OS MORTOS, INDESCRIMINADAMENTE.

OS GRANDES MITOS DA RELIGIÃO TOMAVAM FORMA ...

PENSAMENTO

O ORGULHO E' LEÃO,
O EGOISMO E' TIGRE,
A VAIDADE E' GATA...

VICTOR HUGO



Apesar de pequena, ela não esquece que mulher deve ser, acima de tudo, vaidosa e fica horas esquecidas em frente ao capelão, retocando a maquilage.

Enrico, um outro anão que *arranha* o espanhol, aproximou-se de nós e aproveitamos a oportunidade:

— Que acha do Rio?

— Uma coisa maravilhosa!

— E você Francesco?

— Não tenho palavras que possam dizer da minha admiração por esta grande cidade.

Já a conhece em tôda a sua plenitude?

— Um pouco. Copacabana é algo de conto de fadas...

—... como vocês também, completamos.

Mas Francesco estava preocupado com as fotografias e saiu a apressar as damas que, em frente ao espelho, davam os últimos retoques nos rostos. A um canto, uma senhora anã cerzia plàcidamente suas meias, enquanto um liliputiano preocupava-se com o brilho dos seus sapatos.

Prontas as damas, fizemos algumas pôses e continuamos observando o modo de vida daquela gente alegre, sem complexos

(Cont. na pág. 50)





Uma briga para esquentar os músculos e depois o prêmio da vitória: a maçã da paz.

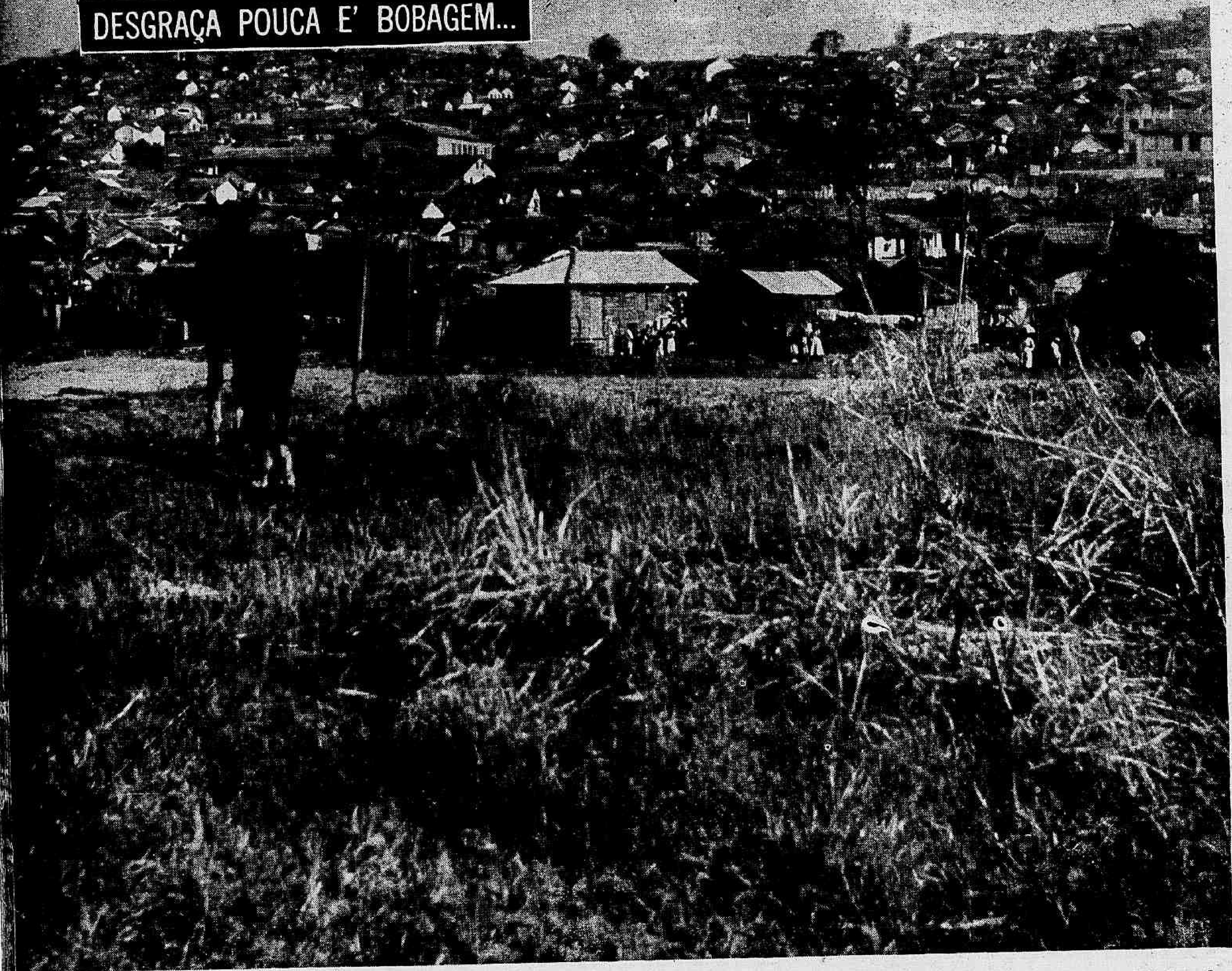


ELZA MARVAL,

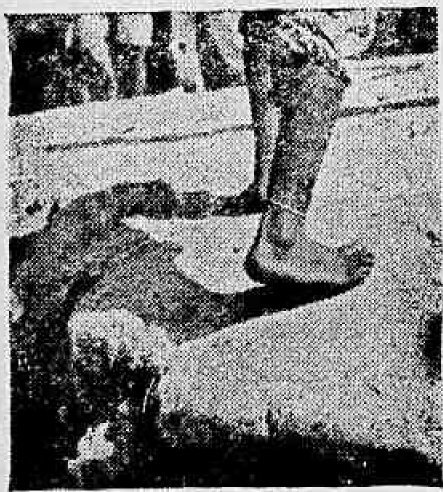
EMBAIXATRIZ DA ARTE E DA RAÇA PORTENHAS

A JOVEM CANTORA ARGENTINA, CUJOS DOTES ARTÍSTICOS LHE GRANGEARAM O COGNOME DE "O ROUXINOL DAS AMÉRICAS", APÓS CONQUISTAR AS MAIS EXIGENTES PLATÉIAS DE SÃO PAULO, ENCANTA OS OUVINTES DA RÁDIO GLOBO E DA BOITE "FLAIR", NESTA CAPITAL

SEM ser precedida de quase nenhuma publicidade, chegou ao Rio, há cêrca de um mês, jovem cantora portenha. Simples, simpática e possuidora de porte extremamente elegante, esta era a primeira impressão de quem a visse. Estreiou quase simultaneamente na Rádio Globo e na boite «Flair» e quem ainda não a tinha ouvido sentiu-se, não só surprêso, como também encantado com a magnífica voz de soprano e interpretação tôda sua, que sabe dar ao vasto repertório que possui. Com a mesma felicidade que interpretou a ária «Vissi D'Arte» da Tosca, cantou «Dance Avec Moi» e «Pigalle». Interpretação colorida e pessoal, apoiada por linda voz, eis a impressão que Elsa Marval, «O Rouxinol das Américas», deixou em todos que a viram e ouviram.



VISTA PANORAMICA do Morro do Jacarèzinho, cuja área é de 253 quilômetros quadrados, sendo a sua população calculada em vinte mil habitantes. E' chamado — «O Morro Maldito», pois a sua população, por duas vêzes, recebeu ações de despejo. Na foto aparece um cavalo que, dir-se-ia, está a contemplar aquêles sofredores



PÉ GRANDE e chato na frente. Pé de gente que sobe morro.

JACARÈZINHO

O MORRO MALDITO

PELA SEGUNDA VEZ AMEAÇADOS DE DESPEJO OS MORADORES DAQUELA FAVELA PELOS SENHORES FEUDAIS DA ERA ATÔMICA, PROPRIETÁRIOS DE IMENSAS CIDADES DE FLANDRE E TÁBUAS DE CAIXOTES ★ RECUO ESTRATÉGICO DOS "MISERÁVEIS GRANDES" ANTE O CLAMOR DOS PEQUENOS MISERÁVEIS



JACARÉ — o símbolo do morro. O dente do anfíbio dá sorte, mas o nome, não.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

NOVA desgraça paira sôbre a cabeça dos moradores do Morro do Jacarèzinho. Ainda está bem viva na lembrança de todos o drama, há menos de dois anos ali ocorrido, quando aquela população estêve prestes a ser lançada ao relento, em virtude de decisão judicial. O caso, pela sua magnitude e extensão, tomou caráter de verdadeira calamidade pública, obrigando a uma ação imediata das autoridades, no sentido de preservar a tranquilidade daquela gente, assegurando-lhe, pelo menos, o sagrado direito ao teto, embora nos miseráveis e sórdidos barracos.

O clamor público, a revolta e desespêro do povo local, determinaram a atitude assumida pelo ex-prefeito, general Ângelo Mendes de Morais, desapropriando e indenizando sua proprietária, a *Imobiliária Concórdia*, no justo valor do terreno. Todavia, com essa atitude, e efetivada a medida, supôs-se que estaria garantida, de uma vez por tôdas, a moradia daqueles favelados, que, com tranquilidade, poderiam promover as adaptações necessárias à vida nos seus casebres. Contudo, o decreto foi restringido a uma área mínima, continuando inteiramente irregular a outra parte daquele morro.

Agora, quando o caso ia caindo no esquecimento, quando a cidade já não mais estava acompanhando o drama daquela gente, volta a ameaça de despejo.

A requerimento da *Companhia Administradora São Paulo*, o juiz Júlio Alberto Alvares, substituto

em exercício no Juízo de Direito da Nona Vara Cível, determinou a citação de milhares de pessoas, com o fim de instruir a sentença de reintegração de posse pretendida.

A petição inicial da Companhia, que fôra assinada pelo advogado Eduardo Klinglhoefer da Fonseca, afirma caber-lhe, de acôrdo com o contrato, tomar tôdas as medidas necessárias ao arruamento e loteamento do imóvel, bem como as medidas jurídicas contra os respectivos ocupantes. Adiante, afirma que a Companhia propôs contra a Prefeitura, uma ação de indenização do valor do terreno, tendo a Municipalidade sido condenada a pagar pela indevida ocupação daquela gleba, o que, no dizer da Companhia, prova a cabal legitimidade do proprietário.

★

Assim agem os grilheiros e os *ricos senhores feudais da era atômica*. Não aparecem. Entregam tudo a algum advogado e ficam na "moita". Mandam fazer despejos de miseráveis habitantes de morro, mas, em verdade, êles são os *Miseráveis Grandes* — como disse Castro Alves.

Terras abandonadas... terras de morro, que não valiam nada.. .agora valem uma fortuna. Não há casa e os terrenos estão valorizadíssimos. Diàriamente surgem companhias de construção que desejam urbanizar os morros e pedem a derrubada dos casebres. No final não fazem nada; e dias depois recebem novas famílias com o aumento de aluguéis dos barracos.

São êsses os donos da terra; os proprietários de imensas cidades de flandre e tábuas de caixotes, com piso de barro batido. Vivem em Copacabana com *Cadilac* à porta, fazendo *week-end* em Petrópolis. Nunca, nunca se encontra um dêsses homens para fotografá-lo e apontá-lo ao público como algozes do povo.

★

Existe no Distrito Federal 119 favelas, com cêrca de 300 mil favelados. Tôda essa gente vive em promiscuidade, trepada, como cabritos, nas faldas das montanhas, onde falta tudo: água, esgôto, escolas, pôsto de puericultura, creches e policiamento. Todavia, sobram cachaça, jôgo, meretrício, mendicância, crimes e superstições.

O Morro do Jacarèzinho, segundo dados do Serviço Nacional de Recenseamento, possui apenas 3.816 casebres, que se podem classificar de domicílios. Foram recenseadas em 1950 18.636 pessoas. O número de estabelecimentos comerciais é de 219. Há ainda 18 pequenas oficinas de sapateiro; 8 serviços de alojamento e 18 casebres onde se encontra barbearias, alfaiatarias, etc.

Êsses dados referem-se, entretanto, apenas aos estabelecimentos que têm, mais ou menos, aspecto de casas comerciais. Centenas de outros deixaram de ser recenseados por não apresentarem as características exigidas pelo censo.

Contudo, com 18.636 habitantes, Jacarèzinho tem população equivalente às das cidades de Corumbá, no Estado de Mato Grosso; Jacuí, em São Paulo; Sete Lagoas, em Minas; Anápolis, em Goiás; Conselheiro Lafaiete, em Minas; Tupã e Itapetininga, em São Paulo, e Vitória da Conquista, no Estado da Bahia. E' maior do que 367 cidades e vilas do país. Cinquenta por cento dessa grande massa já estêve ameaçada de despejo, há dois anos, como é sabido, e agora o restante está na iminência de ser desabrigada.

Ante o clamor popular, a Companhia proprietária do terreno recuou, ou melhor, silenciou propositadamente e botou falação pelos jornais, dizendo que desistiu da ação que mandou impetrar contra os pobres moradores do Morro do Jacarèzinho — hoje, cognominado de — *O Morro Maldito*.

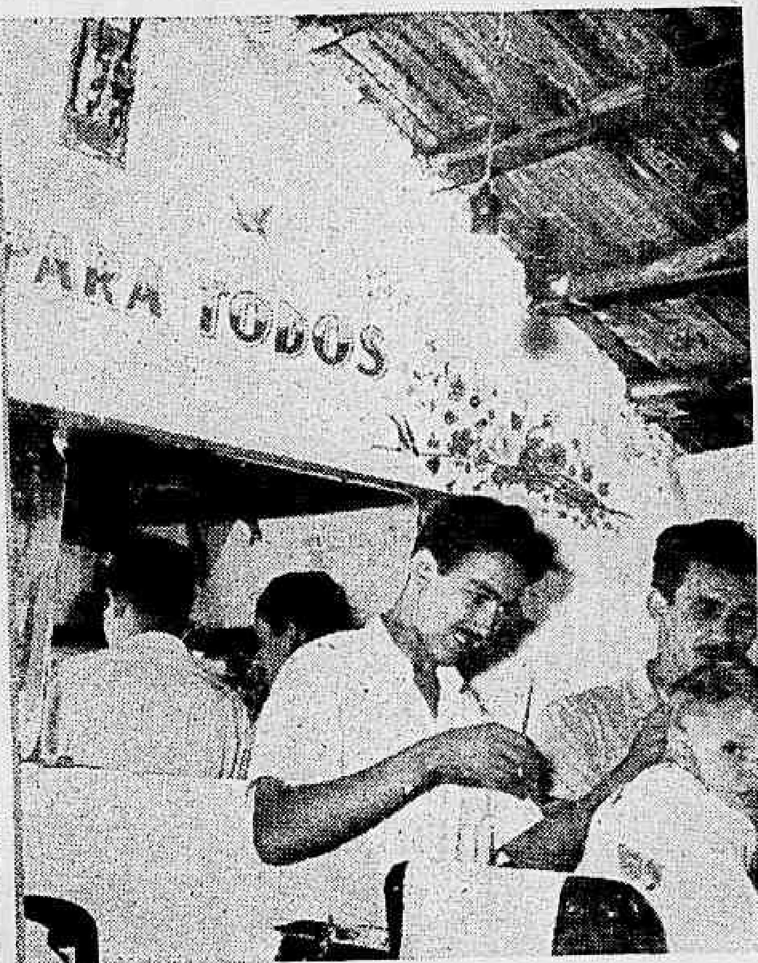
Mas, desde então, não houve mais sossêgo entre



A FAVELA do Jacarèzinho tem a sua vida à parte. Lá encontra-se de tudo, inclusive chumbo.



TODAVIA, a falta dágua é um verdadeiro suplício. Quando aparece uma gôta todo mundo avança.



ALFAIATARIAS, camisarias e barbearias, de tudo há no morro, embora a higiene seja deficiente.



CONDUÇÃO não há nenhuma. Daí o transporte ser feito exclusivamente pela mão do homem.



ÊSSE CIDADÃO nasceu e criou-se no Jacarèzinho. Ganha a vida apanhando água para vender.



ESTAS senhoras vão a longas distâncias apanhar lenha. Não há dúvida é um trabalho penoso.



A FUNDAÇÃO Leão XIII mantém um centro de ação social no Morro do Jacarèzinho. Centenas de crianças e adultos estão matriculados na sua escola de alfabetização e de aprendizagem. A presença da reportagem é sempre motivo de satisfação.

as famílias. Os favelados não acreditam na benemerência dos seus algozes. E, com razão, dizem que tudo não passa de um truque. E quando menos se esperar... os mirins e a polícia lá estarão a derrubar os seus casebres, tal como vem acontecendo em outras favelas como a *Baixada Paulo Peixoto* e *Morro do Querozene*, onde foram despejados, ùltimamente, 800 famílias.

★

Jacarèzinho, como os demais morros, tem uma vida à parte. Os seus habitantes só vêm à cidade para trabalhar, pois lá há de tudo, embora sem higiene de espécie alguma. Não há fiscalização. Os serviços sanitários da Prefeitura lá não vão. Há, entretanto, uma entidade que foi criada com o fim exclusivo de prestar assistência aos habitantes das favelas: chama-se — *Fundação Leão XIII*. Tem uma verba de 9 milhões e 500 mil cruzeiros, sendo 8 milhões da Prefeitura e 1 milhão e 500 mil de subvenção federal.

Apesar dos poucos recursos de que dispõe para um trabalho de tão agigantadas proporções, ou seja, para atender às necessidades dos 300 mil habitantes das 119 favelas existentes, a Fundação mantém, em eficiente atividade, seis grandes Centros de Ação Social, duas Agências Sociais próprias e três de Colaboração com outras instituições.

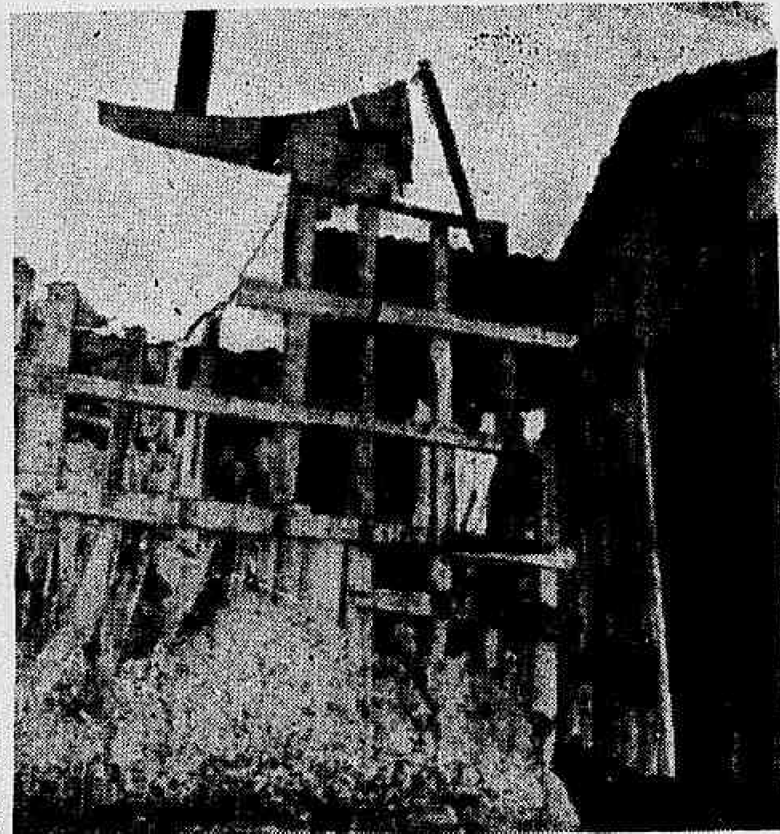
Para o perfeito funcionamento de seus serviços a Fundação criou um corpo de auxiliares especializados (cêrca de 500), compostos de médicos, den-



ENTRE OS casebres há também alguns de melhor construção, situados em vielas numeradas.



PARA EVITAR o mau olhado há sempre uma caveira espetada no quintal das residências.



ÊSSE o habitante do morro. Reparem bem... apesar de tudo está sorrindo satisfeito.



EM CIMA, o símbolo — a Cruz; em baixo, as crianças do morro. São alunas da Fundação Leão XIII.



FLAGRANTE feito na escola da Fundação. Os adultos recebem instrução à noite.



TRABALHOS de teares realizados pelas alunas. As professôras dão as instruções necessárias.

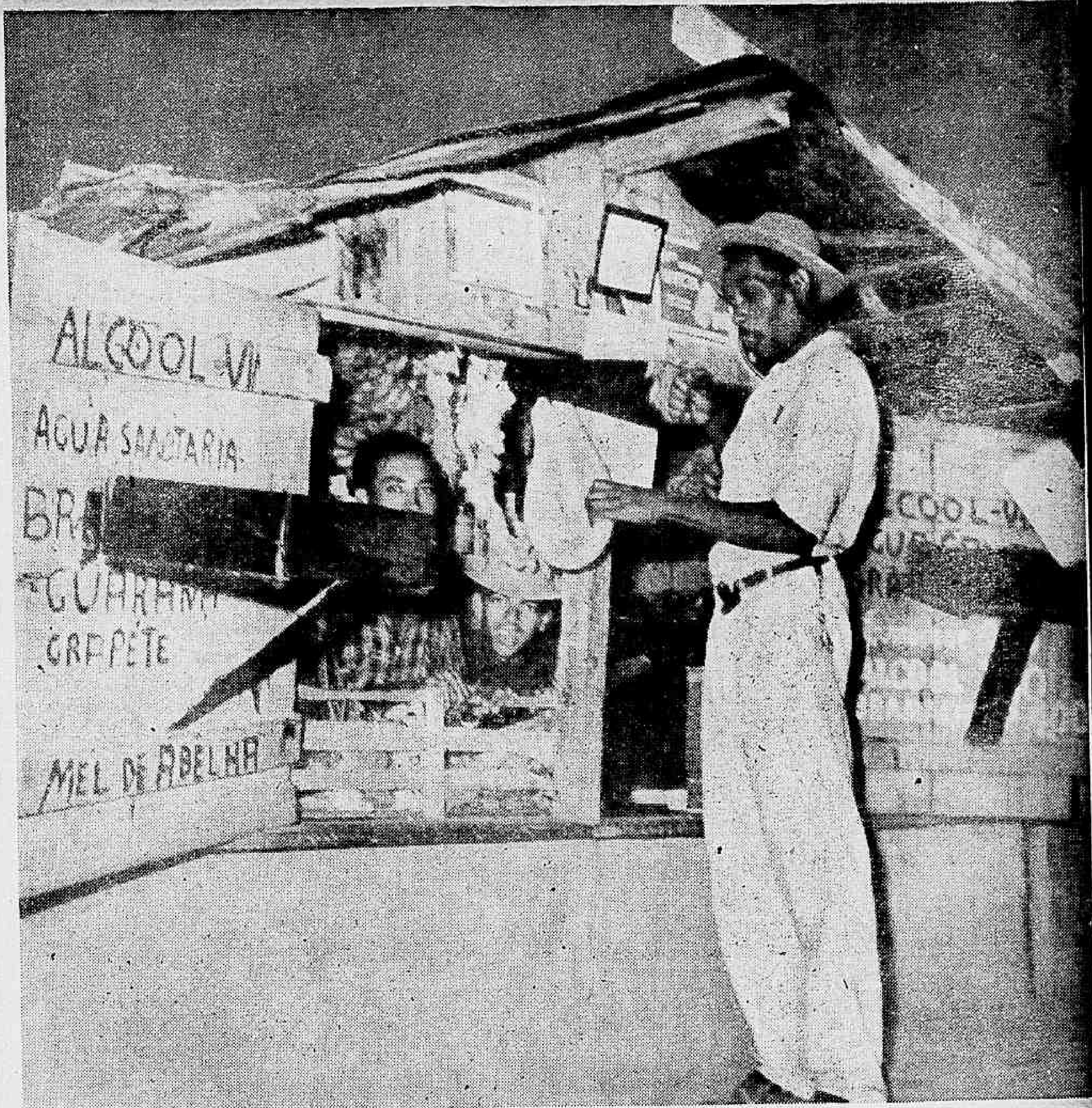
tistas, farmacêuticos, professôres, esportistas, advogados, engenheiros, assistentes e visitadoras sociais, sacerdotes, irmãs de caridade e demais técnicos necessários aos serviços.

Nas Agências Sociais há um Serviço Social para fazer pesquisas, examinar os casos e promover as soluções viáveis. Dentro do programa traçado pela Prefeitura é proibido construir novos casebres, cabendo às Agências fiscalizar e repreender os infratores. Cada Centro de Ação Social mantém um Serviço Médico, Farmacêutico e de Enfermagem, funcionando diàriamente das 8 às 16 horas; um Serviço Jurídico que trata de legalizar a situação das famílias e registro de menores; Serviço de Recreação e Esporte para crianças, durante o dia, e, à noite, para **adultos**.

Assim, durante o ano de 1950, foram atendidos pelo Serviço Médico **51.453** casos, compreendidos entre receitas e visitas. Foram matriculados 3.047 alunos, entre crianças e adultos e visitadas pelo Serviço Social **4.753** famílias.

Êsses dados, entretanto, quase nada representam ante os múltiplos problemas de saúde e assistência social dos morros cariocas.

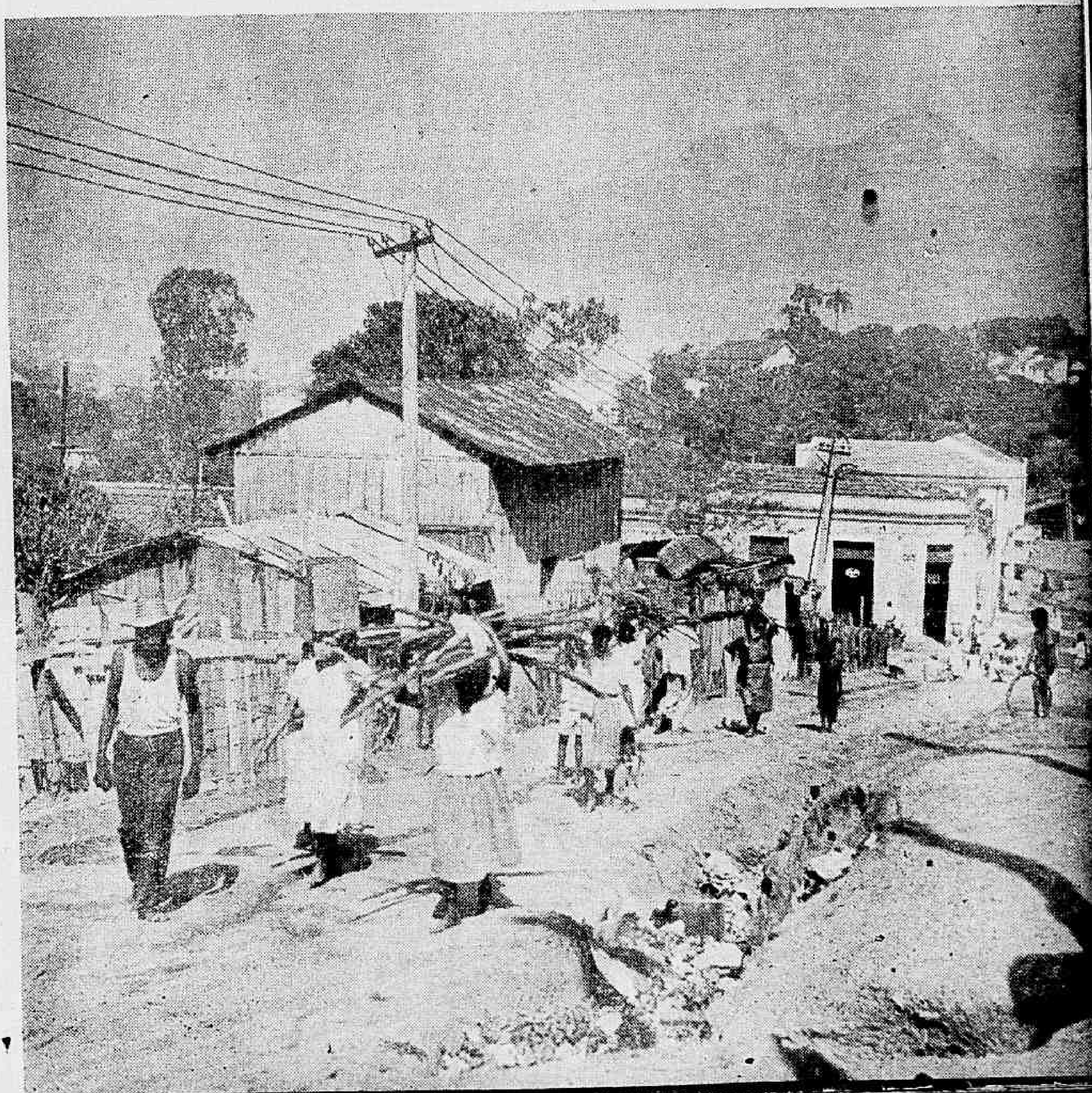
Podem e devem desaparecer da metrópole as favelas; o que não é justo, no entanto, é que os seus habitantes sejam, sem mais nem menos, atirados ao relento. Primeiramente, cabe ao governador da cidade construir os chamados parques proletários (conforme se propalou tanto durante outras campanhas) para abrigar os favelados.



ASPECTO DE um armazém do Morro do Jacarèzinho. Em baixo um flagrante da favela, onde aparece gente do povo carregando água e lenha. Ao fundo um detalhe do bairro de Jacaré, que fica nas faldas do morro maldito.



A MÃO indica que votaram em Getúlio para Presidente da República e em Silvino Neto para vereador





NOS CAFÉS, comumente, há cartazes proibindo que se diga palavrões, como o que se vê.

VELHA CADEIRA DE BALANÇO

DE minha velha cadeira de balanço, vou desfiando as horas que me restam. E, através da varanda, fico observando o movimento da rua. Antigamente meu olhar se estendia ao longe e eu podia ver uma nesga de mar, encantando-me, trazendo-me indescritível prazer e alívio para os momentos de desânimo. Depois construiram aquêle arranha-céu, e lá se foi a minha confidente, a paisagem! Desde então o meu interêsse desceu para a multidão que se comprime lá embaixo. De tanto permanecer em minha cadeira, algumas figuras se me tornaram familiares. Aquêle engraxate, de côr bronzeada, à porta do restaurante, quando trabalha, sua posição e seus gestos me fazem lembrar um macaco, a pular de galho em galho...

Vocês, naturalmente, hão de notar esta velha que invàriàvelmente aqui se encontra, espreitando-os. Saber quem ela é... Desejam saber no momento quem sou? Isto não tem importância. Na minha idade o presente é coisa vã. A curiosidade há de vincular-se ao meu passado. Se esta cadeira de balanço falasse, quantos segredos não revelaria! Nela silenciaram horas inteiras minha avó, minha mãe, minha filha e eu...

Hoje completei setenta anos. Não é grande o número de criaturas que atingem esta idade. Não sei dizer-lhes se é bom viver tanto. Depende de fatores diversos. Para mim a vida terminou há cinco anos atrás, com a morte de meu segundo marido. Dai em diante tudo se resumiu em saudades, em ância de, em breve, encontra-me com Ricardo no outro lado da vida. E, note-se, a felicidade para mim já veio muito tarde.

Não sei se viverei um mês, uma semana, um dia... Não importa mais o tempo. Já vivi em demasia. Já dei à vida o que ela exigiu de mim. Nos momentos bons, agarrei-me à felicidade com tôdas as minhas fôrças. Nas horas más, soube manter-me serena e confiante. E a bonança sempre surgiu, afastando de mim o infortúnio. Dizem que as pessoas devem lutar contra a adversidade. Se a felicidade me veio, devo-o à resignação que sempre tive de considerar os fatos como consumados.

Faz apenas algumas horas que saíram daqui meus três filhos com a família — na realidade um filho sòmente e dois netos.

Vocês não se espantem, mas os dois netos Carlos e Marta são mais velhos de que meu único filho, Ricardinho. E' que me casei duas vêzes e com o meu próprio genro, pela segunda vez. E' singular, não acham?

A casa agora está vazia. Vivo só, com uma criada de confiança. Meu filho não quis aqui residir. Eu, obstinadamente, fiquei. Acha êle a casa grande, longe da cidade, triste e lúgubre. Tem razão, coitado! Aqui se deram tantos acontecimentos... Mas, eu a amo de todo o coração, apesar dos pesares. Vocês já repararam como nós amamos até o próprio sofrimento, deixando-nos saudades? E' que o passado é sempre bom, à medida que envelhecemos.

O relógio já bateu meia noite. Eu ainda ouço o riso das crianças, e a doce voz de minha única bisneta, a gritar: "Vovó, vovó "quéio" bôlo!"

Como são encantadoras, frágeis e inocentes as crianças! Brincamos com elas, nós, as avós, como se fossem bonecas!

Em cima da cama estão os presentes. Dai vocês podem vê-los. Meus filhos são tão delicados! Nunca se esquecem de mim. O presente de Ricardo não se acha entre os outros. E' muito grande para ser colocado em cima da cama. Foi um rádio. O meu já estava muito gasto. E' bom. Querem ouvir? Perdão, êle ainda não está instalado.

Desta cadeira, vejo o céu bem estrelado. Não tenho sono. Que fazer? Aniversário é sempre dia de recordações. Desejam, amigos, aproveitando minha insônia, ouvir minha história? A minha singular história?

Começarei com a morte de meus pais nesta mesma casa, quando tinha apenas cinco anos. O tifo os levou quase ao mesmo tempo, com a diferença apenas de dias. Há em mim de tudo isto apenas vaga lembrança. A minha retirada de casa, por minha avó, a fim de afastar-me do contágio. Quando cresci muitas vêzes pensei em meu pais. Teriam sido felizes? De minha mãe apenas me recordo de quando me embalava nesta mesma cadeira de balanço.

Cresci, eduquei-me, pouco me diverti, vivia prêsa à minha avó. Aos dezoitos anos me casei. Foi um casamento precipitado. Êle me viu, gostou, namorou, e antes de um mês me pediu. Eu jamais namorara ou amara. Como meu corpo, meu coração estava virgem. Minha avó temia deixar-me sòzinha no mundo. Aconselhou-me a aceitar. Foi um êrro e uma desgraça. Pouco tempo depois eu nada significava para êle. Amara loucamente uma pequena que o enganara. Por despeito casou-se comigo. Soube disto tudo tempos depois. Entristeceu-se, tornou-se nervoso, e deu para beber. Um dia disse para minha avó, abreviando os seus dias:

— Sabe, d. Rosinha, casei-me com sua neta para matar a solidão em que vivia.

Eu só tinha uma alegria: Eugênia, minha filha. Às vêzes eu refletia: Por que meu marido não me amava? Todos se admiravam do desprêzo que êle me dava. Consideravam-me boa, honesta, distinta, educada — e me perdoem a imodéstia — bonita também. Se não acreditam venham abrir o meu gavetão e lá eu mostrarei várias fotografias minhas quando moça. Querem ver? Bem, já não é preciso... Agradeço, pois para mim já se vai tornando difícil sair desta cadeira.

Por que, então, não era amada? E' que o amor, a atração entre dois seres têm caprichos incompreensíveis. Isto compreendi depois, quando vim a saber o que era o amor de verdade.

A minha vida no lar tornou-se um inferno. Fora de casa, no trabalho, meu marido era de conduta exemplar. A todos dizia que era bastante infeliz comigo. Quando chegava para jantar, já tarde, vinha tocado e violento. Ameaçava-me. Por tudo se zangava. Eu fazia mil esforços para satisfazê-lo. Debalde. Que suplício o meu! Temi endoidecer. Todavia não me alterava. Em minha vida fui sempre conformada. Que podia fazer? Deixá-lo? Para aonde ir? Ademais, possuia uma filha. Esta, inocente, às vêzes se amedrontava ante o seu estado e grosseria, agarrando-se a mim. Era pior. Acusava-me de o estar afastando da filha. Que situação terrível foi aquela, meu Deus!

Compreendi, finalmente, que urgia separá-los. Ela não devia crescer debaixo de tal sofrimento. E via o dia em que o ódio dêle estender-se-ia também a ela. Resolvi, então, que Eugênia não seria mais testemunha dos acontecimentos no lar, pois, às vezes, sem o notarmos, surgem complexos e impressões oriundas da infância, e que acorrentam um ser durante tôda a existência. Combinei com uma irmã mais velha que residia em São Paulo, criada por uma tia, e a enviei, às escondidas, para um colégio interna.

Jamais sairá de minha retina aquela noite em que êle soube do fato. Eu sabia que as consequências seriam terríveis para mim. Pensei muito. Que, de máximo, poder-me-ia êle fazer? Matar-me? Isto não me amedrontava. Por último não ligava importância ao lar, jantava fora, e diziam que possuia outra mulher. Como vêem, eu olhava a morte como coisa suave e feliz. Muito pior era separar-me de Eugênia e viver com os olhos rasos de lágrimas. Sentia-me cada vez mais fraca, abatida, envelhecida. Portanto, já ia morrendo aos poucos...

Ao chegar perguntou com os olhos injetados: — Onde está Eugênia?

Enfrentei-o altiva e corajosa. Disse-lhe: — Ela seguiu hoje para São Paulo. Vai ficar internada no colégio. Foi preciso afastá-la dêste ambiente.

Disse-me nome terrível e avançou para mim: — Você me paga, infeliz...

Não fiz um gesto de defesa, porém dado o seu estado, tropeçou e caiu. Entretanto, sentia-me feliz, ao ouvir o meu coração dizer: "Graças a Deus, Eugênia partiu, está longe.

Minha filha seguiu para São Paulo aos dez anos. E se passaram cinco. Continuei em idêntica situação, enclausurada entre as quatro paredes desta casa, esperando, sombria e conformada, a hora em que meu marido regressasse ao lar. Pouco a pouco seu organismo foi cedendo e êle deixou de inspirar receio e sim piedade. Nas férias, minha filha vinha ver-nos. Cortava-lhe o coração apreciar a decadência do pai. Durante as visitas de Eugênia, sentia-me um pouco feliz. Tudo fizeram, irmã e filha, no sentido de que eu o deixasse e também partisse. Neguei-me. Era sua espôsa e não o abandonaria nunca. Não seria covarde. Principalmente, quando êle precisou muito de mim, de meus cuidados, durante mêses seguidos. Eu não o odiava.

(Cont. na pág. 51)

Novela de EDGAR DE SOUZA MACHADO ★ Ilustração de A. ZALUAR

DOS CADERNOS DE UM POETA

— Não, a mulher dos meus sonhos não existe mais... Eu a encontrei um dia dêsses, aí por essas ruas, como uma mulher qualquer e, portanto, ela deixou de ser a criatura da minha fantasia, para se tornar uma pessoa a quem se manda uma flor, com quem se toma um chá...

— Estás feliz?

— Feliz? Sei lá... Talvez preferisse que ela sempre fôsse apenas sonho...

★

— Era uma criatura linda e harmoniosa... Doce, compreensiva... Estava na minha vida como uma nuvem, como um perfume, como um pensamento, sem incomodar, sem atravancar, suave, silenciosamente...

— E depois?

— Depois? Não, isto é o que o poeta, dizia ao amigo, naquele conto meu... Achas que está bem?

★

— Ah! daria tudo para te compreender...

— Para quê?

★

— Não, não quero que me contes o teu passado... Ciúme? Não é ciúme... É como se antecipasses o passado que vou ser na tua vida... Nós nos repetimos sempre...

★

— E tens certeza de que é amor?

— Não é preciso ter certeza...

LYSE



MODELOS

QUATRO graciosos modelos para sua escolha, aqui sugerimos. Em cima, um sugestivo vestido, em linho branco, bordado. Em baixo, três criações em lã, para passeio.
















Sugestões ELEGANTES

PARA os dias mais quentes e ensolarados da primavera que se aproxima, voltam a dominar os vestidos alegres e vistosos em côres vivas e contrastadas. A coleção que aqui apresentamos inclui modelos em que predominam o azul, o vermelho, o amarelo e outras côres vivas, combinadas harmônicamente. As listras e os quadriculados terão também um lugar de destaque na moda feminina. O linho, a sêda, o algodão, o organdi e outros tecidos serão os preferidos.



CINE NOVELA

RASTO SANGRENTO

A encantadora Joyce Willecombe, secretária do abastado Henry Murcall, está voltando à cidade da casa de subúrbio de seu patrão, quando vê uma dupla de indivíduos suspeitos, Joe Beacom e Gus Hadder, no trem. Receiosa, a moça avisa ao condutor, e apesar dêste achar que ela está sendo um tanto exagerada, resolve telegrafar para o tenente William (Bill) Calhoun, o chefe de polícia da estação. Bill aparece no trem, mas não leva a sério a crença de Joyce de que os homens são suspeitos, até que êle vê Beacom guardar u'a maleta num depósito da estação, fechá-la e despachar a chave para algum logar.

Uma vez que êsses depósitos são freqüentemente usados para guardar mercadorias quentes, Bill manda que a maleta seja entregue no escritório e abre-a. Dentro dela, Joyce que o acompanha, vê e reconhece um chale e outros pertences de Lorna, jovem cega de 18 anos, filha de seu patrão, Henry Murcall.

— "Oh, Tenente" — diz ela — "estou certa de que Lorna foi raptada por aquêles homens!"

— "E' bem possível. Êles dão mesmo a impressão de que têm algo a esconder. Vamos investigar".

Dito isso, Bill comunica-se com o milionário Murcall, que confirma as suas suspeitas. Murcall pede a Bill e ao seu amigo, o inspetor Donnelly, para se manter fora do caso, pois êle pretende pagar a soma que os raptores exigem pelo resgate de Lorna.

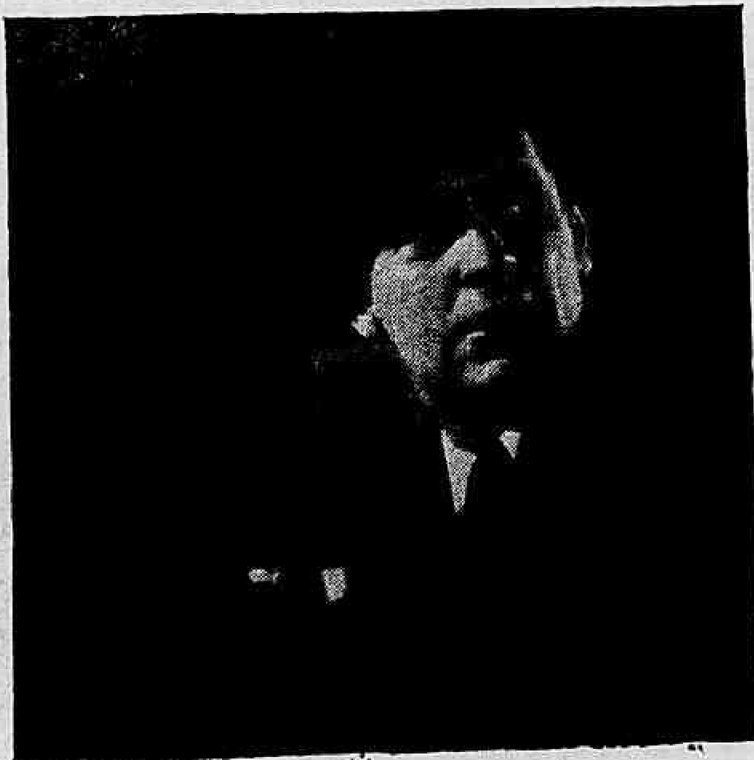
Apesar da polícia não poder fazer nada até que os raptores entrem em contato com Murcall, Bill e Joyce — os únicos que podem identificá-los — mantêm-se firmes, vigiando os depósitos da estação, na esperança de ver algum dêles voltar para reclamar a valise.

— Êles voltarão, tenho a certeza" — diz Bill.

— "Também penso como o senhor, Tenente".

Muito confiante, Gus aparece, sem suspeitar de que dezenas de olhos estão focalizados em sua pessôa. Bill e alguns dos seus homens o seguem mas êle logo suspeita e é abatido por um tiro, ao tentar fugir. A sua morte é mantida em segrêdo a fim de não amedrontar Joe Beacom.

Joyce acha que Bill fêz mal e com isso criou um perigo ainda maior para Lorna.



(UNION STATION)

ELENCO:

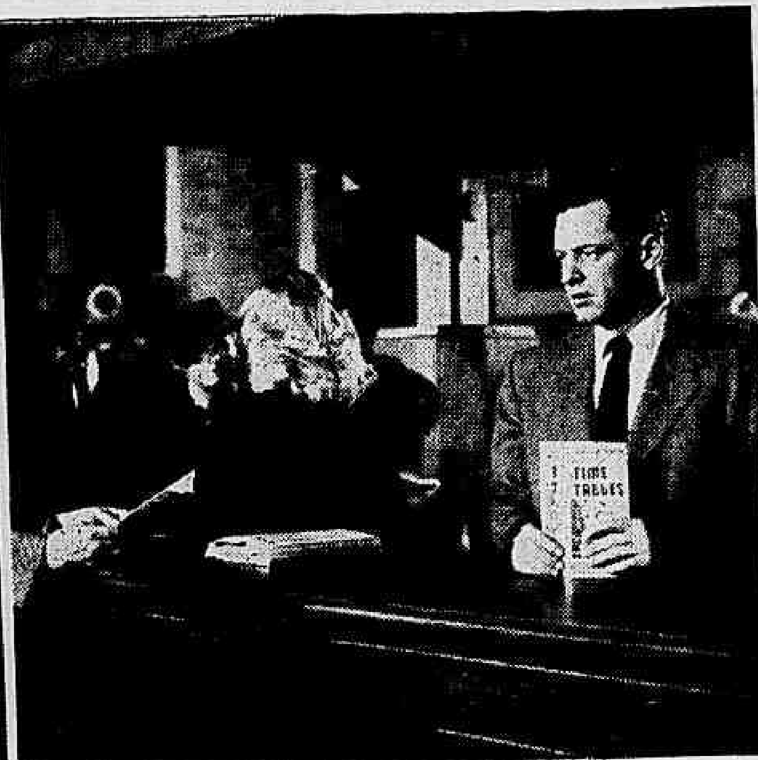
Tte. William Calhoun ...	**William Holden**
Inspetor Donnelly	**Barry Fitzgerald**
Joyce Willecombe	**Nancy Olson**
Joe Beacom	**Lyle Bettger**
Marge Wrighter	**Jan Sterling**
Lorna Murcall	**Allene Roberts**
Henry Murcall	**Hebert Hayes**
Gus Hadder	**Don Dunning**
Vince Marley	**Fred Graff**

Produção de **Jules Schermer** ★ Direção de **Rudolf Mate** ★ Argumento de **Sydney Boehm** Novela de **Thomas Walsh** Apresentação da **Paramount Filmes**









— "Tenente, Joe Beacom poderá em represália, matar Lorna! Não acha que ela corre maior perigo?".

— "Beacom não é tolo de perder a oportunidade de deitar mão em alguns milhares de dólares. A vida de Gus para Beacom não significa nada!".

Bill vem a saber do resultado das cousas, quando Murcall, que se mantém em contato com Beacom, é ordenado a esperar instruções na seção de informações de maior movimento da estação. Convencido agora de que Lorna foi morta, seu pai resolve cooperar com a polícia. Os detectíveis de Bill, espalhados pela multidão, esperam o sinal a fim de apanhar inesperadamente Beacom quando êste aparecer. Mas Beacom suspeita de algo e foge.

Joyce, entretanto, que o vê, segue-o e ouve-o mandar Vince Marley, seu cúmplice, de volta à estação. Correndo na frente, Joyce aponta Vince a Bill, que o prende e amedrontá-o, até que fala tudo o que sabe.

— "Onde está Lorna Murcall?" — pergunta Bill.

— "Está viva, e na companhia de Beacom e de Marge Wrighter, a pequena dêste." — diz Vince, apavorado.

Êle dá o endereço do tal lugar, e para lá se dirige Bill com a polícia. Porém, quando chegam, encontram a casa vazia. Como que um presentimento afugentara Beacom e Marge, naturalmente levando Lorna. Isto faz vêr a Bill que Lorna está realmente viva.

O inspetor Donnelly cancela o alarme que é geralmente dado para prender raptores, mas um guarda da patrulha, inadvertidamente, os vê, e tenta prendê-los. Beacom atira nêle e em Marge também.

Contudo, antes de morrer, Marge conta à polícia tudo o que sabe. Nesse meio tempo, Murcall, que havia recebido instruções para ir à seção de informações da estação com a valise contendo a soma de dinheiro exigida por Beacom, faz com que novamente Bill espalhe seus homens por entre a multidão. Beacom, porém, que pretende matar Lorna assim que obtiver o dinheiro, introduz a moça num enorme túnel subterrâneo por baixo da estação, e deixa-a lá, enquanto êle vai tentar apanhar o dinheiro, disfarçado de condutor de trem. Fazendo uso de um mensageiro e de uma nota de entrega ao portador, prepara-se êle para se apoderar do resgate pago por Murcall.

Sòmente os olhos ligeiros de Joyce descobrem a "manobra" e fazem com que Bill corra atrás dêle. A caçada tem lugar dentro do túnel. Ambos, Bill e Beacom, estão feridos, sendo no entanto, mais grave o ferimento do último.

O único objetivo de Beacom, agora, é alcançar Lorna e levá-la consigo para a morte. Mas Bill alcança-o e o mata a tempo, antes que êle consiga realizar o seu intento. Lorna é restituida a seu pai, sã e salva, e Bill descobre a importância que Joyce tem em sua existência...

FIM





Modelos PARA A Primavera

(De RAMON — Exclusivos para a REVISTA DA SEMANA)

UMA boa notícia, leitora: A partir dêste número, reforçando as páginas femininas que habitualmente publicamos, você encontrará mais estas duas, com oito figurinos desenhados especialmente para a REVISTA, e destinados à estação que se avisinhar. São modelos exclusivos de Ramon; com certeza hão de agradar-lhe, pois a elaboração de cada um dêles obedece ao mais carinhoso estudo. E marcam o início de uma nova fase de melhoramentos que pretendemos introduzir neste, como nos demais serviços da REVISTA, para melhor corresponder à estima e ao interêsse do grande público leitor.

NESTAS duas páginas temos uma interessante coleção de oito juvenis modelos, para a primavera próxima. Tecidos leves e de côres vivas, devem ser os empregados na confecção dêstes modelos . Em todos êles encontramos uma nota marcante de elegância, associada à simplicidade das suas linhas. Um lenço, uma gravata ou uma echarpe leve e colorida, hàbilmente aplicados, dão a êstes modelos grande originalidade. Os vestidos aqui apresentados poderão ser usados pela manhã ou à tarde, indiferentemente. Os tecidos estampados ou quadriculados devem também merecer a sua preferência.



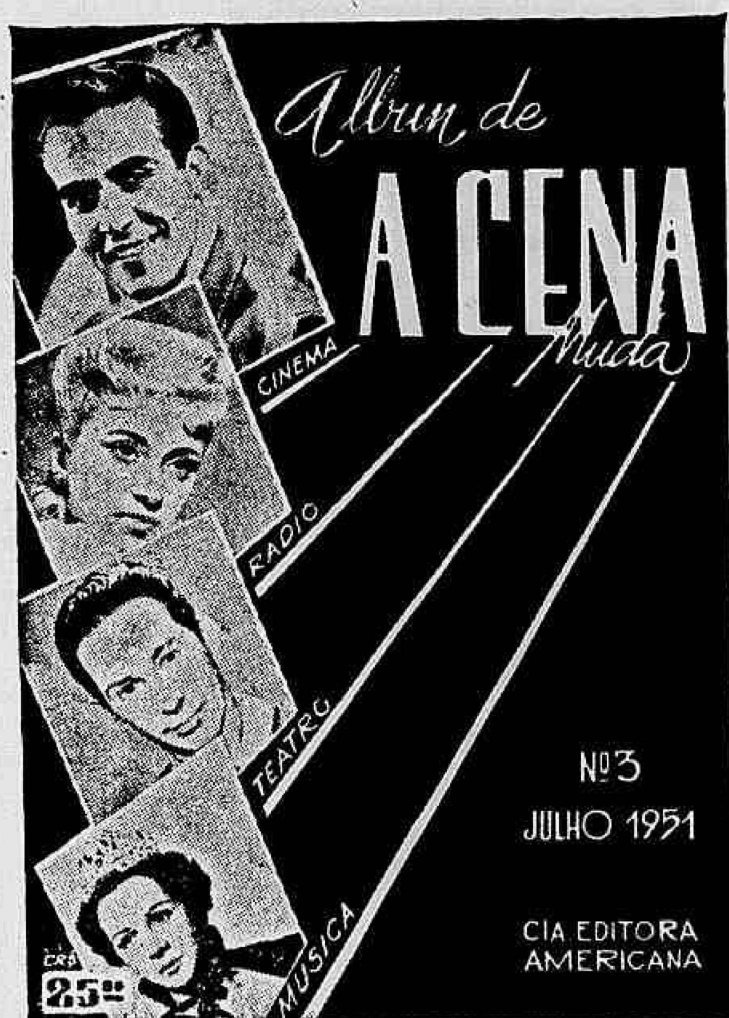
ESTÁ À VENDA

O ÁLBUM DE

A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE



CINEMA

RÁDIO

TEATRO

MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.

— Biografias completas no verso de cada foto.

— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.

— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

COMPRE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.



WEEK-END

SANGUE DE GALINHA

Pode-se aproveitar o sangue de galinha para fazer um môlho muito saboroso para carne assada, bifes, etc. Na galinha com arroz, também se pode acrescentar o sangue, pouco antes de estar bem cozido o arroz. Engrossa-se, então com o sangue. Nesse caso deve-se pôr menos água na panela, quando se cozinha o arroz.

BRIOCHE

500 gr de farinha de trigo, 56 gr de fermento fresco, 350 gramas de manteiga, 5 a 6 ovos, 1 colher-de-sopa de açúcar e sal. Com êsses ingredientes faz-se uma massa. Quando estiver crescido, fazem-se com as mãos umas bolas e nestas, com o dedo, faz-se uma cavidade, na qual se colocam pedaços pequenos de massa de tamanho 3/4 menor, com ponta em cima. Deixam-se crescer, pincelam-se com gema e levam-se ao forno quente até tomarem côr alourada.

BISCOITINHOS ESCOCESES

250 gr de manteiga amolecida, ½ copo de água morna, 185 gr de açúcar, uma pitada de sal, 1 colher-de-café de cuminho, 560 gr de farinha de trigo, 2 colheres-de-chá de fermento em pó.

Misturam-se êstes ingredientes e com êles forma-se uma massa que se estende na grossura de 3 cm. Cortam-se quadradinhos, pincelam-se com claras, pulverizam-se com açúcar e canela e levam-se ao forno moderado.

TARTELETES DE LEGUMES

Com 250 gr de farinha, 150 gramas de manteiga, 1 colher-de-chá de açúcar, 1 ôvo pequeno, e água e sal que baste, faça uma massa. Com ela forre forminhas chatas, caneladas e untadas. Pique os fundos e leve a assar no forno. Tome 1 lata de petits-pois, ½ xícara de vagens e ½ de cenouras cozidas e picadas, ligue tudo com 1 colher de manteiga e ½ de açúcar e deite um bocado em cada tartelete.

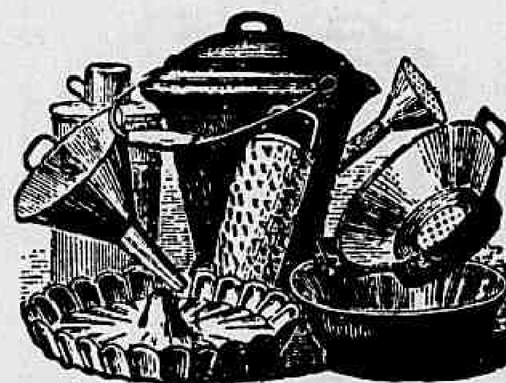
TIMBALE MILANESA

Deite numa fôrma untada de manteiga e polvilhada de pó de pão, ½ quilo de macarronete ou talharim ligeiramente cozido e temperado com queijo ralado e manteiga. Encha o centro com pequenas almôndegas de vitela, do tamanho de nozes, azeitonas, pedacinhos de presunto, 2 ovos duros picados. Cubra com o próprio macarronete, regue com o môlho das almôndegas, coado, despeje por cima 3 ovos batidos, polvilhe com queijo e leve a tostar no forno.

PASTELÃO DE BIFES

A massa: 1 colher de banha e outra de manteiga, 2 ovos e ½ xícara de leite morno, com 1 colherzinha de sal. Misture tudo bem e vá amassando com farinha até formar uma massa lisa e branda, faça uma bola, cubra e deixe repousar por uma hora. Polvilhe a tábua, abra a massa com o rôlo e divida em duas partes. Com uma forme um prato e deite os bifes (ou qualquer outro recheio) dentro, e cubra com a outra. Enfeite com os pedacinhos que sobram, doure com ôvo e leve a assar no forno.

O recheio: Faça bifes de môlho e junte pedaços de presunto, rodelas de ovos duros e azeitonas, à vontade.



PUNCH CORDIAL

1 garrafa de Grandjó, 2 de água tônica, 1 maçã partida em triângulos e quadrados minúsculos, 1 calice de Cherry e açúcar à gôsto. Gela-se e serve-se em taças. Pode-se adicionar também abaxaxi em quadradinhos ou triângulos.

BELEZINHAS

Numa panela mistura-se 1 copo de leite frio com 2 colheres de maizena e leva-se ao fogo brando, mexendo-se para que fiquem bem ligados. Retira-se do fogo, junta-se 1 pires bem cheio de amêndoas peladas, e passadas na máquina e 2 colheres de calda fria, em ponto de pasta, tornando-se a levar a panela ao fogo, sem parar de mexer, até que a massa fique em boa consistência. Retira-se de novo, deixa-se esfriar e, então, sôbre pequenas rodas de hóstia (compra-se numa boa confeitaria) dispostas num tabuleiro, se vão deitando pequenas colheradas dessa massa, levando-se, em seguida, ao forno brando para secar.

NA COZINHA

SALADA DE ABACATE

Cortam-se três abacates verdolengos bem gelados em fatias e arrumam-se sôbre fôlhas de alface, guarnecendo-se com rodelas de cebola, escaldadas em água fervendo, bem escorridas ou então com rodelas de laranja. Tempera-se a salada com môlho de maionese.

RABANADAS DELICADAS

Cortam-se rodelas de pão de sanduíches de uns 5 centímetros de diâmetro por um centímetro de espessura. Molha-se em leite temperado de sal, passa-se em ovos batidos e frita-se os dois lados em manteiga quente. Arrumam-se as rabanadas depois de fritar em caixinhas de papel e deita-se sôbre cada uma um montinho de recheio de galinha ou de camarão ou de paté de presunto.

DOCE DE MAMÃO VERDE EM PEDAÇOS

Toma-se o mamão verde, corta-se em tirinhas, — deixando-se de môlho em água fervendo com uma pitada de sal durante uns minutos. Retira-se, escorre-se bem a água, põe-se em outra água quente e guarda-se para o dia seguinte, quando, depois de escorrido novamente, se deita numa calda rala temperada com cravo, canela em pau e a raspa de um limão. Dá-se uma fervura e guarda-se para o dia seguinte, quando se faz ferver mais um pouco até a calda ficar num bom ponto. Depois de frio despeja-se numa compoteira.

ARROZ PARA VATAPÁ

Tira-se o leite grosso de um côco, grande, juntando-se a água ao bagaço — o suficiente para se cozinhar a quantidade de arroz que se deseja, côa-se essa água, tempera-se de sal, junta-se o arroz bem lavado, deixando-se cozinhar. Quando o arroz estiver quase sêco e bem cozido, põe-se o leite grosso, mexe-se e retira-se do fogo, servindo-se com o vatapá.

BOLO SEM ÔVO

400 gr de farinha de trigo, 250 gr de açúcar, 2 colheres de manteiga. Desmancha-se tudo bem mexido deita-se numa fôrma untada com manteiga e assa-se em forno quente. E' recomendado comer no dia seguinte.

BOLO ECONÔMICO

1 xícara de açúcar, 1 de leite, 1 de farinha de trigo, 1 de maisena, 1 colher de manteiga, 1 de chocolate em pó, 1 de mel, 1 ôvo e 3 colherinhas, das de chá, de fermento. Bate-se o açúcar com a gema, o mel e o chocolate; acrescenta-se o leite, as duas farinhas peneiradas com o fermento e, por último, a clara em neve. Bate-se mais um pouco e leva-se ao forno em fôrma untada e polvilhada com farinha de trigo. Forno regular.

BAVAROISE LIGEIRA

Leva-se ao fogo ½ garrafa de leite e quando ferver retira-se, juntando-se-lhe 4 gemas batidas com açúcar à gôsto e 4 fôlhas de gelatina dissolvidas num pouquinho de água fervendo. Mistura-se tudo muito bem e leva-se ao fogo, mexendo-se sempre, tirando-se antes de ferver. Adicionam-se imediatamente claras batidas em neve e 1 cálice de licor bom. Mistura-se tudo e despeja-se numa fôrma levando-se à geladeira (os licores com base de meta não servem).



GLACÉ DE CHOCOLATE

Derrete-se em banho-maria, 125 gr de chocolate fino, picado. Assim que estiver mole, juntam-se 200 gr de açúcar peneirado, uma clara batida em neve e bate-se muito bem com uma colher de pau, até se obter uma massa bem lisa. Emprega-se principalmente para cobrir bombas de chocolate e vários bolos. Depois de empregado leva-se o doce ou bola à bôca do forno para secar.

SOPA DE OVOS

Faz-se um bom caldo de carne com todos os temperos. Meia hora antes de servir engrossa-se o caldo com um pouco de fubá mimoso. Quando êle estiver cozido, quinze minutos antes de servir, tomam-se ovos, fura-se a casca e aos poucos, deixa-se o seu conteúdo cair na sopa, mexendo-se bem. Pode-se juntar também um pouco de manteiga fresca, mexe-se tudo bem e serve-se.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO do SUL LTDA.
para qualquer ponto do Brasil
e a Buenos Aires.
Avenida Rio Branco, 128 - Fone: 42-6060.
Avenida Nilo Peçanha, 26A - Fone: 32-4177.

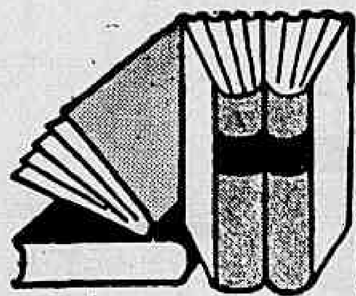
ESTÁ À VENDA
EU SEI TUDO
DE AGOSTO

QUER SER ESCRITOR?

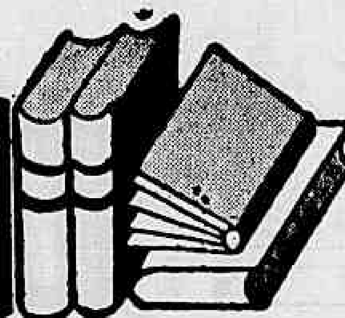
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



TRANSPIROL



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

NOVA ENCARNAÇÃO DE D. QUIXOTE



DON Quixote, o imortal personagem de Cervantes, acaba de reaparecer em uma nova incarnação. Desta vez, o famoso manchego aparece no mundo feérico do "ballet". Compôs a coreografia Nina de Valois e a música é do compositor espanhol Robert Gerhard. E, como acontece na história do Quixote, a parte mais importante do novo "ballet" é a do Sancho. Na criação da obra, no Sadler's Wells, a figura do Quixote foi interpretada por Robert Helpmann, a de Sancho por Alexander Grant e a de Dulcinéia por Lynn Fonteyn, três das maiores personalidades da dança atual. No clichê, um momento do novo "ballet".

A concha

De José Geraldo Vieira

Esta concha, não sei se fôrma de ar,
Miniatura de massa de arquipélagos,
Homero fóssil reduzido a mito,
Ou resumo translúcido do oceano,

E' na verdade um rodopio extático
Desenrolando em túrgida demora
No litoral do meu ouvido pasmo
Os testemunhos ocos do mistério.

E lembra em tudo a sorte da semente
Que, retendo, devolve na intenção
A oferta ainda pétrea das florestas,

Pois, nesse espelho abstrato de experiências
Assim polidas num fulgor acústico,
A eternidade oscula a própria bôca.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

WALTER LEWY, o conhecido pintor surrealista, está numa fase positivamente abstracionista. Sua côr ganhou em fôrça e em beleza, enquanto que a sua pintura em geral conseguiu atingir uma limpeza de formas, antigamente ausente de seus melhores quadros.

DO INTERIOR do Estado de São Paulo, da pequena e progressista cidade de Marília, vem agora um novo jornal, chamado «Caiçara», feito por jovens escritores. Êste jornal literário se caracteriza pela boa impressão, pela excelente seleção da colaboração variada, e pelas ilustrações, algumas de espírito bastante avançado. Colaboram nos dois primeiros números: João Mesquita Valença, Hilda Scarabotolo, Lauro Vargas, Flávio Sampieri, André Carneiro, Domingos Carvalho da Silva, Cassiano Ricardo, Helena Silveira, Dulce Salles Cunha, José Geraldo Vieira, Murilo Mendes.

SÃO PAULO se movimenta com a Primeira Bienal do Museu de Arte Moderna, exposição internacional de artes plásticas, organizada por Francisco Matarazzo Sobrinho. Ainda agora, o Museu de Arte Moderna, patrocinou um concurso de cartazes para a propaganda da Primavera Bienal, cujo resultado foi o seguinte: Antônio Maluf, primeiro lugar; Darcy Penteado, segundo lugar. A comissão foi constituida pelo arquiteto Rino Levy, pelo crítico Mário Pedrosa, e pelo gravador Lívio Abramo.

ACHA-SE na capital bandeirante Yllen Keer, gravador proveniente do Rio de Janeiro, que atualmente faz uma exposição de suas últimas gravuras no saguão do Museu de Arte Moderna. Esta mostra de arte caracteriza-se pela uniformidade e pelo virtuosismo alcançados por tão jovem e talentoso artista. Juntamente com a exposição de Milton Dacosta, esta exposição de Yllen Kerr vem mostrar a existência de novos valores plásticos, aqui entre nós. São valores positivos, de artistas que possuem um grande conhecimento técnico, e que fazem do seu «metier» um meio de conseguir um conjunto coeso de formas perfeitas.

TODO MÊS, precisamente no dia 5, sai a revista de alta cultura, dirigida por Paulo Duarte, «Anhembi». Neste último número, o oitavo da coleção, colaboram: Paul Claudel, Henri Mugnier, Egas Moniz, Nicolau Boer, Sérgio Buarque de Holanda, Eduardo Galvão, Indro Montanelli, Mogura, Benedito Duarte, Reynaldo Bairão.



O poeta paulista, Reynaldo Bairão, um dos novos mais prestigiosos de São Paulo, em um desenho de Darcy Penteado.

Fora do Prelo

O LIVRO ILUSTRADO



Lady Wilde, ilustração de Demy, para a biografia de Lady Wilde, intitulada «Speranza», de autoria do escritor Horace Wyndham. Lady Wilde era a mãe do famoso escritor Oscar Wilde e escreveu novelas sob o pseudônimo Speranza.

O MÉDICO NO LAR — Kehl e Monteiro — Edições Melhoramentos — São Paulo

«Não têm sido raras as vêzes de sermos perguntados se conheciamos um manual médico de informações que servisse para dar um conselho ou ensinar o que se deverá fazer em caso de acidente ou moléstia. Muitos dos nossos inquirentes referem os embaraços por que passaram, quando lhes adoeceu repentinamente um membro da família e, sem recursos médicos, na ocasião, desamparados completamente, se viram em sérias contingências, até a chegada dum profissional».

E foi para obviar a essas coisas, de que advêm, frequentemente, resultados fatais, que os autores das palavras acima escreveram, a pedido das Edições Melhoramentos, «O Médico no lar», título que tem a virtude de exprimir o conteúdo. E manda a verdade assinalarmos que os doutores Renato Kehl e Eduardo Monteiro corresponderam perfeitamente ao objetivo e ao próprio valor de sua capacidade, pois o livro é um legítimo dicionário popular de medicina de urgência.

Esta sexta edição está revista e ampliada, ao ritmo do mesmo critério, pelo dr. Armando Márques.

★

O ALMIRANTE TAMANDARÉ — Renato Sêneca Fleury - Edições Melhoramentos - São Paulo

Ainda ecôam as fanfarras das vibrantes comemorações com que, em 11 de junho, a nossa gloriosa Marinha evocou Riachuelo, homenageou Barroso e exaltou o seu patrono, o grande brasileiro Joaquim Márques Lisboa, Almirante e Marquês de Tamandaré. Figura que pertence ao patrimônio naval e às mais puras apoteoses de nosso patriotismo, a sua vida merece tornar-se conhecida de todos os que nascemos nesta amada terra, especialmente das gerações moças, a fim de que os exemplos de ontem se transformem em frutos de hoje e de amanhã.

Renato Sêneca Fleury biografou «O Almirante Tamandaré» em páginas de comovido civismo, pondo-o familiarmente ao nosso lado, como um companheiro sempre nobre, correto e digno de imitação. Com ilustrações de Renato Silva, êste belo volume honra o biografado e aumenta os méritos da série em que avultam Osvaldo Cruz, Anchieta, Santos Dumont, Vernhagen, Rio Branco, Joaquim Nabuco, Pedro II e Caxias.

★

NOITES DAS ILHAS — R.L. Stevenson - (Tradução de Vidal de Oliveira) — Editôra Globo — Pôrto Alegre.

O notável escritor inglês Robert Louis Stevenson, autor de conhecidos romances de aventuras, levou também uma vida aventurosa, percorrendo larga parte do globo. A experiência assim adquirida e o seu extraordinário talento de narrador permitiram-lhe criar histórias fascinantes pela originalidade e pelo cunho de exotismo que caracterizam muitas delas.

Não há em língua inglêsa quem não tenha lido, num misto de interêsse e assombro, o romance «Dr. Jekyll e Mr. Hyde». No domínio das histórias de aventuras, as suas obras «Noites das Ilhas» e «A Ilha do Tesouro» deram-lhe fama universal.

Após uma vida errante e doentia, o escritor foi a achar sossêgo e alívio nas ilhas do Pacífico. Acompanhado pela espôsa, fixou-se em Vailima, Samoa. Amigo e protetor dos nativos, por êles quase adorado em virtude de sua imensa bondade, era chamado de «Tusitala» — o contador de histórias. Foi nesse periodo que escreveu «Noites das Ilhas». O livro compõe-se de uma novela longa intitulada «Uma — Romance das Ilhas Fidji» e mais duas histórias: «A Ilha das Vozes» e «O Demônio da Garrafa». A primeira é a narrativa do casamento de um «trader» inglês com uma formosa moça das ilhas, chamada «Uma». Descrevendo como um artista genuino a paisagem e o ambiente insulares, Stevenson mostra-se nesta obra o mesmo ficcionista consumado de sempre, com uma imaginação privilegiada para criar entrechos empolgantes e uma capacidade inexcedível para infundir a vida a personagens inolvidáveis.

A romântica história que abre «Noites das Ilhas» é típica do talento de Stevenson. Narrando as lutas de um comerciante inglês contra um embusteiro que, abusando da ingenuidade dos nativos, se tornara virtual dominador da ilha, a novela é uma sucessão de episódios eletrizantes que absorvem o leitor até levá-lo ao surpreendente desfêcho. O mesmo interêsse despertam as outras histórias que completam o volume.

A Editôra Globo lança «Noites das Ilhas» na sua «Coleção Universo», em tradução do escritor Vidal de Oliveira.

★

ONTEM AO LUAR — Murilo Araújo — Editora A Noite - Rio

Com êste livro, nos dá uma biografia de Catulo da Paixão Cearense, a que êle põe, como sub-epigrafe: «Vida romântica do Poeta do Povo».

Trata-se, como é evidente, de uma obra de afeto e de ternura pelo poeta das modinhas e dos episódios do sertão, que gozou de tanta popularidade, considerado por muitos como uma das grandes vozes da poesia brasileira.

Murilo está entre os admiradores de Catulo e, mais do que isso, entre seus amigos. Evoca-lhe os episódios de sua vida, com enternecido carinho, ornando-os com uma interpretação que se envolve de doçuras poéticas, tanto esta prosa de reminiscencias nos faz sentir, no autor, o poeta de raça.

O livro apresenta os valores biográficos indispensáveis ao conhecimento da vida e da atividade do trovador e, cõm isso, nos proporciona as belas páginas evocativas e levemente melancólicas com que Murilo nos recorda o Rio antigo e a boêmia do outro tempo. Muitos detalhes curiosos sôbre a obra de Catulo contribuem para tornar o livro do maior interêsse, tanto para a história de nossa poesia popular, como para a de nossa música seresteira.

O livro de um poeta, recordando um amigo, visto com os olhos ainda úmidos de lágrimas e embaciados pela saudade, mas uma obra comovente, por isso mesmo que se lê como uma história quase encantada.

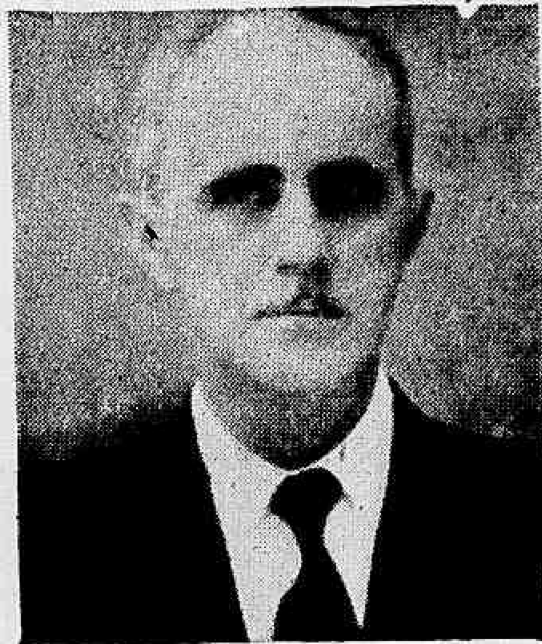
★

PAU BRASIL — Edy Costa Lima — Edições Melhoramentos — São Paulo

Eis uma obra que, sem exagêro, se poderá aconselhar seja adotada como leitura cívica, já na escola, já em casa. Não que suas páginas ponham em desfile vultos e datas, entre descrições eruditas e comentários que fazem o encanto diabólico dos especialistas. «Pau-Brasil» foi premiado no Concurso de literatura infanto-juvenil das Edições Melhoramentos, exatamente porque expõe com muita graça, leveza e simplicidade, como quem não quer obrigar ninguém a aprender, mas vai ensinando, porque expõe — desejamos frisar — vários acontecimentos de nossa História.

Edy Costa Lima recorreu à forma flexível de colocar perguntas e respostas, divagações e conversas, além de um pouquinho de aventureirismo, em seu livro. O fato é que conseguiu escrever um trabalho parapedagógico, digno de entusiasmo. Osvaldo Storni ilustrou o livro, com a habilidade habitual.

CARTA EM VERSOS



O poeta mineiro, Martins de Oliveira, que pela nona vez se candidata à Academia Brasileira, com a particularidade de ter apresentado sua candidatura em cartas escritas em versos, nas quais faz o elogio de todos os acadêmicos. Temos em mãos a nona carta, veículo da atual candidatura, já editada em São João del Rei, onde reside o poeta, ocupando o cargo de Juiz de Direito, e intitulada «Nona e Última Carta à Academia Brasileira de Letras», o que desde logo é a afirmação de que, mesmo senão for eleito, o poeta não pretenderá mais a imortalidade da Casa de Machado de Assis.

★

DOIS POEMAS DE SÉRGIO MILLIET

Solidão

SOLIDÃO que não cura o vinho, nem o pão, embora mais me queiras dar é tudo o que me dão. E a ti que te esforças por sorrir, que te posso dar eu mesmo senão essa mesma solidão? Esvazia o teu corpo, não encherás teu coração.

Ah, bem sabes, como eu sei, que nada importa, nem a mão que bate à porta, nem a neve no vento em revolta, nem mesmo o sol, o calor, o amor.

A vida é morta.



Natureza Morta

ENTRE o roxo e o amarelo tens de colocar um cinza. Dois gozos violentos se anulam sem um silêncio no tempo. Pára por isso à beira-mar e deixa que o sol queime tua pele devagar. Olha o céu, ou fecha os olhos e aguarda o sono dos sentidos. A vida que desejas, aguda e sêca como o vinho fresco da uva branca, só despertará dêsse descanso. Para que à embriaguês suceda a embriaguês, há que curtir o álcool.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — COM QUE NOME FOI FUNDADA A ATUAL ESCOLA QUINZE DE NOVEMBRO:
D. Leopoldina?
Correcional?
Dois de Dezembro?

2 — A QUEM SE DEVE A FUNDAÇÃO DA ESCOLA QUINZE DE NOVEMBRO, PARA MENINOS ABANDONADOS, NO RIO:
Hermes da Fonseca?
Pedro II?
Brasil Silvado?

3 — QUAL O CRÉDITO APROVADO PELO LEGISLATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DO RIO DE JANEIRO:
Cinco mil contos?
650 contos?
Ou mil duzentos e trinta?

4 — ONDE ESTÁ SEPULTADO AUGUSTO SEVERO, VÍTIMA DE DESASTRE DE AVIAÇÃO EM PARIS, NO SEU APARELHO VOADOR, «PAX»:
Em Natal?
Em Paris?
No Rio?

5 — QUAL A PROFUNDIDADE DA ENTRADA DA BAÍA DO RIO, EM FRENTE À FORTALEZA DE SANTA CRUZ:
52 metros?
Meio quilômetros?
550 pés?

6 — QUAL A LARGURA DA ENTRADA DA MESMA BARRA, DE SANTA CRUZ À FORTALEZA DE S. JOÃO:
Dois mil metros?
Quilômetro e meio?
Duas milhas?

7 — QUAL ERA A PROFISSÃO DO FAMOSO GRAMÁTICO E FILÓLOGO ANTÔNIO DE CASTRO LOPES:
Advogado?
Jornalista?
Médico?

8 — EM QUE ANO FÊZ O BRASILEIRO BARTOLOMEU DE GUSMÃO, EM LISBOA, AS EXPERIÊNCIAS PÚBLICAS COM UM BALÃO, PROVANDO A POSSIBILIDADE DA NAVEGAÇÃO AÉREA:
1709?
1800?
1901?

9 — QUAL A FRUTA BRASILEIRA CUJO NOME CIENTÍFICO É «PSIDIUM GUAJAVA»:
Fruta-pão?
Goiaba?
Fruta de conde?

10 — ONDE NASCEU CASTRO ALVES:
Numa cidade?
A bordo de um navio?
Numa fazenda?

11 — QUE OUTRO NOME TEM O INDIVÍDUO SONAMBULO:
Errinoide?
Hipnobata?
Hipocondríaco?

12 — EM QUE ANO FALECEU O PRESIDENTE AFONSO PENA:
1909?
1905?
1903?

13 — QUE NOME TÊM OS INDIVÍDUOS DE PESCOÇO MUITO CURTO, OU QUE NÃO OS TÊM:
Atraquélicos?
Bifrontes?
Braquicéfalos?

14 — QUAL A PARTE DE ATENAS DENOMINADA ACRÓPOLE:
A cidade alta?
O cemitério?
A zona teatral?

15 — QUE NOME TINHA, ENTRE OS POVOS PAGÃOS DA GRÉCIA, A HABITAÇÃO DOS DEUSES:
Paraíso?
Geena?
Olimpo?

(Respostas na pág. 52)

O SÍTIO DO PICA-PAU

(Cont. da pág. 27)

Com o correr dos anos, os 300 inscritos de 1935 passaram a somar mais de duas dezenas de milhar. O edifício ficou pequeno e dona Lenyra iniciou a segunda luta: conseguir um prédio apropriado e especial para as crianças. E, a despeito do tempo e dos sacrifícios, êle veio, bem como o teatrinho infantil, uma jóia de arquitetura, cuja construção está no fim. Para que o leitor avalie o desenvolvimento da B. I. M. diremos que, em 1936, foram atendidos 25.547 pedidos para leitura de 25.639 volumes e em 1950, atendeu a biblioteca 65.097 solicitações para a leitura de 170.523 volumes.

NO "PICA PAU AMARELO"

E' agradável, especialmente nos dias que correm, fazermos uma visita à Biblioteca Infantil. Vemos crianças alegres ingressando em seu amplo e magestoso vestíbulo e, logo após, tomarem ar de homenzinhos compenetrados de seus deveres, dirigindo-se para estantes, escolhendo seus livros e sôbre êles se debruçarem por toda uma tarde.

Outros vão para o salão de jogos, ensaiam os primeiros passos nos tabuleiros de xadrês, jogam dama ou folheiam jornais e revistas.

Enquanto isso, pode estar realizando-se um ensaio teatral ou a programação dos filmes da sessão de sábado. No andar superior, numa sala apropriada, os diretores do orgão oficial da Biblioteca, A Voz da Infância — mimeografado — retocam ou iniciam as teses que deverão apresentar nos congressos juvenis de escritores, conclaves êsses iniciados pelos meninos dessa Biblioteca.

Os petizes, agora acostumados à nova vida, sentem-se felizes e transitam livremente pelos corredores, palestrando amavelmente, trocando idéias sôbre livros e autores, como se fossem adultos.

Dos 7 aos 17 anos é o limite de idade para freqüentar a B. I. M. Meninos e rapazotes convivem em esplêndida harmonia, criando arraigado sentimento de solidariedade humana. Passam suas horas lá cêrca de 25 mil crianças paulistas. A maior freqüência já constatada foi de 310 crianças por dia e a mínima de 54. Os leitores são divididos em três categorias: os que lêem exclusivamente livros de gravuras, os que preferem obras mais elevadas e os que apenas lêem revistas e jornais.

OS SEGUINHOS LÊEM LOBATO

O que mais impressiona, contudo, é a Secção Braille, que é a única, do gênero, da América do Sul. Há 300 ceguinhos de ambos os sexos inscritos, que recebem lições de canto, música e dança. Graças aos esforços de dona Lenyra, podem êsses inocentes ler Lobato e os melhores autores infantis, pois a B. I. M. imprime, em Braille, seus livros.

Os ceguinhos têm dias certos de freqüência e, de quando em vez, tomam parte das festinhas, apresentando-se em público com notáveis números de dansa e canto em conjunto.

E' humano o espetáculo e esquecemos tôdas as nossas fúteis queixas contra a vida, pois a alegria irradiada das faces dos petizes privados de um dos principais sentidos do homem, anula nossos sofrimentos, fazendo-nos fortes e capazes de enfrentar as agruras da existência.

ESPALHAM-SE AS BIBLIOTECAS

E dona Lenyra Fracaroli, diretora da B. I. M., incansável, a quem Lobato, num bilhete chamou "bomba de vitalidade, coragem e boa vontade", conseguiu sua maior vitória ao ver, regulamentada por lei, a instituição de bibliotecas congêneres em vários bairros da cidade. Os bairros proletários terão bibliotecas, levando, aos filhos dos pobres, o benefício da leitura, das artes e dos jogos mentais, para uma substituição vantajosa de quanta revista infantil de crime existe, do cinema mal orientado e dos revolveres de chumbo e de madeira.

Aquêles pinguinhos de gente conversam conosco como se fôssem adultos. Especulam, contrariam, mantém seus pontos-de-vista e tratam-nos com uma igualdade tão inteligente que nos fazem regressar ao cavalo de pau e às barquinhas das enchurradas. Lamentamos, então, não têrmos tido a ventura de ter frequentado, em nosso tempo, tal instituição, da qual nos orgulhariamos hoje, de haver pertencido ontem.

Na atualidade, citamos vários nomes que por ali passaram na infância levando as primeiras sementes da imortalidade, da fama e da glória. Vemos Paulo Bonfim, premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1949; Cyro Pimentel, Paulo Sérgio e muitos outros que militam nas letras e nas artes. Na imprensa incontáveis nomes achamos e todos pugnando pela continuidade de obras de tal vulto, pela sua popularização em todo o Brasil, a fim de que levem aos pequeninos um pouco de alimento para o espírito que lhes amenize a árdua vida moderna, encaminhando-os para o bem e para o construtivo, ao invés de lhes ensinar, por meio das más publicações, o vício, o crime e a brutalidade.

TAMANHO NÃO É . . .

(Cont. da pág. 32)

sorridentes mesmo, como qualquer um de nós, normais.

Notamos que a vida que levam os anões é completamente igual à nossa, inclusive no amor... já que muitos casamentos foram realizados entre êles.

Uma coisa, porém, estranhamos: é que os vinte-e-dois anões alugaram, apenas, três quartos do hotel, com seis camas e dormem ali amontoados e, por incrivel que possa parecer, ainda sobram lugares nos leitos.

Francesco, o anão chefe, perguntou-nos se gostavamos de música e, ouvindo resposta positiva, brindou-nos com várias páginas da imorredoura música clássica. Enquanto tocava, observamos seus pés minúsculos, seu chapéu enterrado na cabeça, seus óculos de aros de tartaruga, seu terno que mais parecia roupa de criança, um tipo realmente de contos de fadas. Seus minúsculos dedos, porém, arrancavam do teclado notas harmoniosas, altissonantes, que nos levavam a mundo estranho, novo para nós.

E enquanto Francesco tocava, agora música italiana, uma anã entoava baladas de Veneza e os outros faziam côro, em diferentes línguas. Notamos que, na cama, um anão, todo enrolado em grossos cobertores, ressonava alheio a tudo e a todos e não sabemos como pode alguém, mesmo anão, ser indiferente a tão belo espetáculo para os olhos e os ouvidos.

O anão mais velho, que conta cincoenta e dois anos de idade, a fim de completar aquela farrinha familiar, estava às voltas com um litro de vinho, tentando abri-lo, enquanto outros dois, estendendo as canecas, esperavam o momento de bebericar.

Acabava-se, porém, o recital de piano e vozes. Já nos preparavamos para descer a escada do hotel quando Francesco embargou-nos os passos para mostrar dois dos seus companheiros que discutiam e brigavam a um canto. Assentamos o "flash" e fizemos a chapa, tendo, imediatamente, sido paralizada a pseudo briga que foi levada a efeito apenas para a fotografia. Era mais uma faceta da inteligência dos anões.

mandriões e sagazes que exploravam a nossa presença para fazer seu cartazinho...

FARRA NA BARBEARIA

Descendo, depois de completado nosso trabalho, dois anões vieram trazer-nos até ao fim da escada. Um dêles sugeriu uma pose com êle fazendo a barba. Convidamos e pedimos autorização ao dono do estabelecimento. Quando o anão subiu à cadeira, os barbeiros largaram seus clientes e vieram para junto dêles, os que passavam pela rua se aproximaram também a fim de dizer seus dichotes aos liliputianos, saber informações sôbre suas vidas, fazer, enfim, o que já estavamos fazendo. Dentro de pouco tempo, a barbearia estava em polvorosa com as brincadeiras dos anões. Mas o ponto culminante foi quando Enrico, tomando de uma navalha do chefe dos barbeiros e pediu-lhe que sentasse, desejou, a todo transe, inverter os papeis. — êle, Enrico, faria a barba do barbeiro. As gargalhadas explodiam seguidamente com as brincadeiras dos "meninos-velhos" como alguém ao nosso lado os chamou. Depois daquele "show" gratuito, saiamos os três a fim de asistir à gravação que iam fazer para uma emissora carioca.

Com suas vozes fininhas, seu geitinho de tudo diferente de nós, seu gingar de corpo, iam brincando com as pequenas que os olhavam e pilheriando. Um dizia —

— Se eu fosse grande, morena, tu não escapavas.

O outro lamentava —

— Por que, ao invés de descobrirem o elixir da juventude, não descobriram o do crescimento.

E continuávamos a caminhada, sob os olhares curiosos dos que por nós passavam e os dichotes dos homens, talvez despeitados pela enorme popularidade dos pequeninos.

Quando os deixamos, à porta da emissora, recomendaram-nos:

Diga às morenas que somos normais, ouviu? Tamanho não é documento.

E rindo, seguiram a seus afazeres, os minúsculos homens de Liliput.

VELHA CADEIRA . . .

(Cont. da pág. 38)

Sempre procurei compreender o sentimento que lhe devotava. Nunca o coração mo disse. Foi sempre indefinível. Seria eu insensível ao sofrimento? Para mim, que nunca amara ou tivera amizade com outros homens, supunha que tudo aquilo fôsse amor. E dai a minha dedicação, em todos os momentos, em todos os transes, horas a fio. Não tenho fôrças para descrever o sofrimento de meu marido. Morreu pouco a pouco, sob agonia de cortar o coração.

Minha filha ficava sem pai aos quatorze anos e eu, viúva, aos trinta e cinco.

Desde o dia de meu casamento, jamais sentira o que fôsse vaidade. Após a missa de sétimo dia, confesso, e todos vocês me darão razão, senti-me feliz. Algo diferente dentro de mim brotava, e eu comecei a achar novo encanto na natureza. Penso que foi a primeria vez que, de fato, apreciei o mar, daqui desta velha cadeira de balanço, sob prisma diferente. Vocês sabem o que é sentir no sono agonia cruciante e incômoda em que só há uma esperança, isto é, o acordar imediato ou então o desfecho da tragédia. Assim como a convalescente de grave e prolongada moléstia, quando o médico declara: "Está fora de perigo." Meu pesadelo passara. Compreenderam, então, minha alegria? Não é humano? Ademais, eu não senti saudades ou sofrimento. Seria porque não o amava?

Fui ao espêlho. Olhei-me detidamente, como há muito tempo não o fazia. Mirei-me de frente e de lado. Muito pálida, experimentei um pouco de baton. Ajeitei meu penteado. Aprovei, finalmente, meu aspecto geral. Não estava tão gasta assim... Ri-me, a princípio baixinho, mas depois, dei uma gargalhada. Estava livre! Os pássaros engaiolados assim se devem sentir ao conseguir fugir de seu cárcere e singrarem os ares.

Não permiti o regresso de Eugênia. Eu é que, após resolvidos todos os negócios de meu marido, inventário, venda desta casa, seguiria ao encontro de minha filha. Ademais, me comunicara ter sido pedida em casamento. Desejava minha aprovação. Tão criança, pensei!

Não sei porque me sentia desolada em deixar o meu velho casarão. Que iria prender-me aqui ainda? Tudo estava decidido. mas o acaso...

Chamei meu advogado afim de saldar os negócios. Graças a Deus não encontrei comprador que me satisfizesse à compra da casa. Foi muita sorte. O advogado se chamava Roberto e tinha trinta e cinco anos também. Simpático e dígno. Não é preciso dizer que me apaixonei por êle, porém em silêncio. Sob fingimento que não daria ensejo a que me descobrisse ou êle desconfiasse. Quanto ao amor, sentia que a êle não tinha mais nenhum direito. Não me convenci, nem mesmo quando me pediu em casamento. Viúva é coisa morta, imprestável, cheirando a defunto. Sempre foi esta minha opinião, que aprendi desde criança de minha avó, que tôda a vida se desprezou a si mesma por ter ficado viúva e moça.

Ricardo ficara de me enviar uns papéis para assinar. Fê-lo à tarde. E entre os documentos enviados, com surprêsa descobri uma carta. Pedia-me em casamento. Conservo-a em meu poder até hoje e ainda sei de cor linha por linha. E ela própria deu causa a grande desilusão para minha filha, anos depois... Peço que me dispensem de lê-la para vocês. E' muito íntima e eu não tenho fôrças para, com meus próprios lábios, repetir os elogios que êle me fêz, e a declaração cheia de encanto e sentimento. Certamente as lágrimas me rolariam pelas faces abaixo.

Vocês não admitirão meu assombro ao receber a carta de ricardo. Julgarão que é modéstia. Naquele momento, pensei: "Será que êle compreendeu que eu tanto o amava?" Confiava em minha discreção. Mas, como estava enganada! Anos depois, êle próprio mostrou como eu, descuidada, revelei-lhe todo o meu afeto sem aparecer-me. Como era ingênua!

Mal o sol se pôs, eu já estava pronta para receber Ricardo e dar-lhe o "sim". Desta cadeira esperei que êle atravessasse a rua. Estava feito uma criança, uma colegial. Deixei a roupa preta e vesti um traje branco. Madalena, minha empregada de muitos anos e que Deus a tenha no céu, disse:"Como a patroa está bonita e contente! Parece que vai casar..."

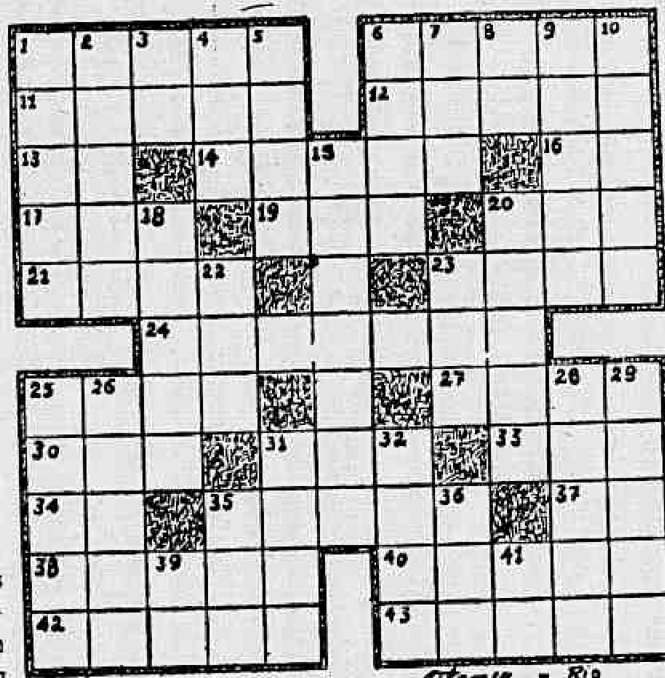
Nada lhe disse, porém lhe dei forte abraço que a deixou boquiaberta. O rádio voltou a funcionar. Cantei baixinho. E se não me engano, dancei sòzinha também. Afinal Ricardo chegou. Deu-me a mão. Sentia-me tonta e confusa. Era como se eu tivesse vendo um Deus à minha frente. Não pude falar. Êle sentou-se e, rompendo o silêncio, fêz alguns elogios ao meu aspecto. Depois dise: — Luiza, sua transformação prova que me aceitou. Como está diferente! Não podia escolher melhor companheira para a minha vida.

Num segundo mudei de idéia. Raciocinei, tornei-me serena e declarei: — Dr. Ricardo, nada devemos resolver agora. Vou escrever à minha filha e irmã. Desejo primeiro ouvi-las. Espero que por ora tudo fique entre nós.

Apesar de estar louca por Ricardo, julgava precisar de tempo. Eu era viúva. Seria êle sincero? estaria interessado no pou-

PALAVRAS CRUZADAS

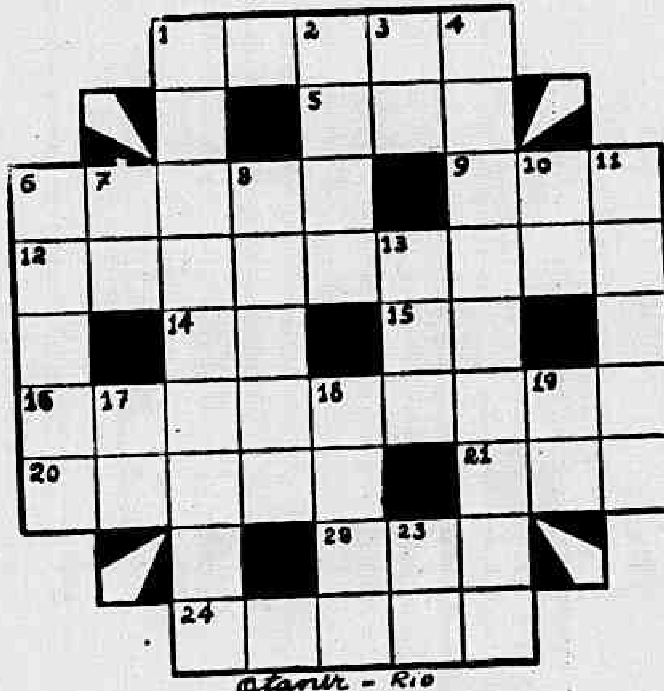
PROBLEMA N. 64 -- PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: 1. Brandir — 6. Rigoroso — 11. Espécie de urze — 12. Vai-se embora — 13. Manga — 14. Polvilho — 16. Prefixo que denota tendência, direção — 17. Rei de Israel (919-918 A.C.) — 19. Pequeno círculo de metal ou madeira — 20. Muro divisório — 21. Chefe de tribo, ao sul de Angola — 23. Obrar — 24. Que deixa passar a luz sem refletir — 25. Arbusto da família das Euforbiáceas — 27. Peca — 30. Herdade — 31. Cinzas — 33. Afluente esquerdo do Reno — 34. Em nossa terra — 35. Régua com que se mede a altura de pipas e tonéis — 37. Ilha no rio Parnaíba — 38. Privar — 40. Observar — 42. Sacerdote de Marte — 43. Alude.

VERTICAIS: 1. Bens — 2. Apêndice do funículo que reveste certas sementes — 3. A mãe de tôdas as coisas, na mitologia amazônica — 4. Árvore silvestre do Brasil — 5. Caixilho de tipógrafo — 6. Antigo vaso de barro para guardar vinho — 7. Ação — 8. Filha de Anu e deusa da fertilidade — 9. Ministro do culto judaico — 10. Lacre — 15. Igualar — 18. Amargo — 20. Dera gritos de alarme — 22. Bebida das Índias Orientais — 23. Também — 25. Importunas — 26. Rio do Estado do Amazonas, deságua no Japurá — 28. Encher até à borda — 29. Nome de uma formiga — 31. Que custa sacrifícios — 32. Proposição que prepara a demonstração de outra — 35. Cacique — 36. Palavra bérbere que significa filho — 39. Medida holandesa de comprimento — 41. Tropa.

PROBLEMA N. 64 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: 1. Ligara — 5. Imensidão — 6. Finda — 9. Cabelos brancos — 12. Pessoa magra e descorada — 14. Grito de dor — 15. Rio da Sibéria — 16. Ferrerias com dardo — 20. Transferir para outro dia — 21. Transpira — 22. Nome dado antigamente às altas montanhas e rochas escarpadas — 24. Grande sala.

VERTICAIS: 1. Cobrirías de água — 2. Desejei — 3. Batráquio — 4. Prelado superior aos bispos — 6. Querida com predileção — 7. Aqui — 8. Rédea — 10. Outra coisa — 11. Planta usada como tempêro — 13. Colorido — 17. Prefixo que designa aproximação — 18. Terra arroteada e própria para cultura — 19. Símbolo do ouro — 23. Pêlo que recobre o corpo do carneiro.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 63 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Coró — Irós — Colei — Aabam — Or — Urubu — La — Ada — Ana — Ata — Rada — Gros — Epialas — Atuá — Sius — Pas — Ata — Sia — Al — Gleba — Ac — Sipai — Atoro — Moda — Rosa.
VERTICAIS: — Corda — Ol — Réu — Oira — Iabá — Rau — Ob — Salto — Coar — Maas — Undante — Adeus — Arsis — Apá — Gás — Apas — — Talim — Uiara — Saco — Alia — Abar — Gad — Ato — Po — Os.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Argentina — Ni — Caa — Or — Aorta — Lar — Tal — Macacos — Mar — Mal — Atiro — Rã — Ual! — Em — Argamassa.
VERTICAIS: — Anal — Ri — Eco — Narrariam — Tat — Nó — Aral — Arara — Atomo — Ama — Asa — Mora — Lama — Tua — Ria — Ar — Ês.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

C. GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

co que eu possuía? Mesmo assim jamais esquecerei esta primeira noite de nosso romance.

Não cheguei a escrever para minha filha. No outro dia recebi uma carta dela. O noivo fôra arrebatado por outra. Estava desesperada, triste, detestava São Paulo e desejava voltar urgentemente. Sorri comigo de contente. Ela vinha ao encontro de meu desejo. Passei de imediato um telegrama autorizando o seu regresso. Pus fim à minha viagem. Nem pensei na perda do amado de Eugênia. Estava ficando até egoista. E a sua volta, estava longe de imaginar, ia ser a cabeça de ponte de muita desventuras.

Eu e Ricardo resolvemos guardar ainda por algum tempo o nosso segrêdo. Temia que para minha filha fôsse mais um choque a comunicação de meu casamento. Achei melhor dar tempo ao tempo e foi o meu êrro.

A DEMOCRACIA . . .

(Cont. da pág. 17)

sob novos moldes de resistência e defesa da Civilização Ocidental; mas não basta. E' preciso que tôdas as nações do Pacto do Atlântico se organizem e disponham de gente capaz e treinada, com armamento moderno e grande experiência militar. O general Eisenhower é um velho soldado acostumado a organizações de grande envergadura. Êle sabe e sente que os Estados Unidos têm o dever de proteger a Civilização e a Democracia, mas não basta isso; é indispensável que as outras nações se coloquem em condição de fazer face ao perigo sem possibilidade de fracasso diante do inimigo.

PALMEIRAS, . . .

(Cont. da pág. 6)

seguir a Copa Rio. Também ao selecionado brasileiro, em 16 de julho, até a igualdade no marcador com os uruguaios daria o título de campeão mundial. Aumentou a confiança no Palmeiras, ao mesmo tempo que se receava o perigo dos 2x1 do Uruguai. Milhares de torcedores vieram de São Paulo, por via aérea, a partida de aviões de São Paulo para o Rio parecia até saída de lotação, um atrás do outro, com fila e tudo e mais de 3.000 carros fizeram o percurso da capital bandeirante até ao Maracanã pela estrada Presidente Dutra. O estádio ficou cheio, mas não lotado. Oitenta mil pessoas pagaram ingresso. Lembrava, reduzidas as proporções a final da Copa do Mundo.

OS ESTRATEGISTAS DECIDEM O JÔGO

Os italianos não ligaram muito a regime alimentar. Banqueteavam-se, bebiam vinho aos litros, andavam em altas farras, dizia-se nos círculos esportivos. Deviam estar fisicamente arruinados. Não aguentariam um só tempo debaixo do sol. O centro-médio Parola foi escalado para comandar a intermediária. Ali estava a brecha, diziam os estrategistas de café, porque o melhor "pivot" da Europa estivera inativo em face de uma contusão no jôgo com o Austria, engordara vários quilos e não aguentaria marcar a linha brasileira. Puro engano!

DRAMA NO PRIMEIRO TEMPO

O Palmeiras tentou de todos os jeitos quebrar o ferrôlho do sistema defensivo italiano, nada conseguindo de útil, apesar do constante martelamento do arco confiado a Viola, que tudo defendia.

Veio o inesperado. O ataque juventino aproveitou um cochilo da defesa do Palmeiras, e Praest abriu o escore. Vantagem de 1x0 para o Juventus. Quando todos esperavam que o Palmeiras iniciasse o marcador, eis que o adversário levava vantagem. Era um toque de alerta, e a lição de 16 de julho se fêz presente.

O JÔGO FOI GANHO NO VESTIÁRIO

Apenas uma substituição no ataque do Palmeiras foi a solução do problema. O técnico Cambon colocou Canhotinho no lugar de Ponce de Leon, que vinha desperdiçando uma série de oportunidades. Ganhou vivacidade a ofensiva palmeirense. Canhotinho chutou na trave, e na recarga, Rodrigues fuzilou inapelàvelmente à queima-roupa. Só mesmo de perto seria possivel vencer a perícia de Viola, a maior figura entre os 22. Os italianos não se deixaram impressionar, revidaram, e em outro "furo" da defesa palmeirense, novamente ficaram em vantagem no marcador, com um "goal" de Boniperti, em arrancada. Dois a um. Até parecia aquela fatídica tarde de 16 de julho. Aí os brasileiros se agigantaram. Buscaram a todo custo o empate e, finalmente, o conseguiram num "goal" que mexeu com os nervos de tôda a torcida brasileira, tento feito com "peito", por Liminha, e que Canhotinho, por via das dúvidas, confirmou entrando no arco de Viola com bola e tudo. No final, os palmeirenses procuraram manter o empate, com um baile com a bola parada. Conquistaram assim os rapazes do Palmeiras a sua quinta coroa, o maior feito do futebol brasileiro. Duas vêzes vencedor da Taça "Cidade de S. Paulo", campeão paulista, vencedor do Torneio Rio-São Paulo, e agora campeão dos campeões do mundo, o clube paulista conquistou dêste modo a sua maior glória. E a Copa ficou no Brasil...

OS CAMPEÕES

O Palmeiras, o antigo Palestra Itália, fundado em agôsto de 1914, durante as temporadas em S. Paulo, dos clubes italianos Torino e do Pró Vercelli, é o clube da colônia italiana do Estado bandeirante.

Em 54 confrontos internacionais, de 1922 até a final da Copa Rio, conquistou 23 vitórias, empatou 16 vêzes, e perdeu em 15 oportunidades.

Sagraram-se campeões os seguintes jogadores, na relação dos 22 inscritos pela Sociedade Esportiva Palmeiras: goleiros, Oberdan Cattani e Fábio Grippa; zagueiros, Salvador Cardello Filho, Juvenal Amaripo e José Sarno; médios, Waldemar Fiúme, Luiz

(Cont. na pág. 54)

Respostas ao teste:

1—Escola Correcional
2—Brasil Silvado
3—650 contos de réis
4—No Rio (S. João Batista)
5—52 metros
6—Quilômetro e meio
7—Médico
8—1709
9—Goiaba
10—Numa fazenda (Cabaceiras, município de Curralinho, hoje Castro Alves)
12—1909 (antes de completar o tempo)
13—Atraquélicos
14—A cidade alta
15—Olimpo.

VARIZES EM SENHORAS

E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Nove tratamento sem operação e sem injeções

Apés longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das varizes. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males hemorroidários (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Para varizes (as pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. Para hemorróidas use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.

Hemo-Virtus

Ag. Pettinati

1-10-4



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso:

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

SAÚDE DO BEBÊ

INFECÇÕES PELO COLI E PIELITE

DR. SABOIA RIBEIRO

DIANTE de uma criança que se apresenta com o quadro de um distúrbio tóxico — a quietude, a sonolência, a febre — cumpre desconfiar, de logo, entre outras coisas, de uma infecção pelo coli ou de uma de suas determinações mais frequentes, qual seja a piúria (pus na urina), a pielite.

Em múltiplas circunstâncias pode a criança ser atingida pelo coli, e mesmo outras coisas, que não êste, podem desencadear idênticas manifestações, mas se acontece estar no uso de um leite suspeitoso, em regime artificial, uma infecção intestinal pelo coli é bem provável, bem assim quando a criança vem sofrendo de distúrbios dispépticos que se agravam de momento. Aqui se dá a ascensão do coli do grosso para o intestino delgado, caso que ocorre principalmente quando o processo digestivo, por mau preparo das mamadeiras, não se desenrola bem e disso já há sinais (vômitos, alguma diarréia, etc.).

A pielite — para usar um têrmo mais generalizado — é a localização do cóli nas vias urinárias, que geralmente chega através dos órgãos genitais externos, vindo do grosso intestino, mecanismo êste que explica por que as crianças do sexo feminino são mais atingidas. Sòmente pelo exame de urina chegar-se-á a precisar se se trata de pielite, pela presença, naquela, de albumina, cilindros, pus, etc. (pielo-nefrite). A infecção pelo cóli na criancinha aparenta um quadro deveras dramático.

Vômitos e diarréias geralmente violentíssimos. Com as grandes perdas liquidas, pelos vômitos e a diarréia, a moleira retrai-se e afunda, os globos oculares afundam-se nas órbitas, o turgor da pele some-se, e esta forma pregas se a repuxamos com os dedos, sem elasticidade.

Diante dessas manifestações que irrompem rápido numa criança, e com febre, a presença do colibacilo deve ser suspeitada sem perda de tempo, tornando-se imprescindível o exame de urina para a pesquisa dos elementos já citados; a presença de pus na urina (piocitos), autoriza o diagnóstico de *pielite*.

O fato de ganharem a torrente circulatória e linfática os elementos tóxicos provenientes do coli e que vão alcançar o sistema cérebro-espinal, explica as alterações sensoriais e da irritabilidade de todo o sistema nervoso, jazendo a criança de olhos semicerrados, ou oltos voltados para cima, e sòmente reagindo a uma excitação mais violenta, quando abre os olhos, mas inexpressivos, vasios, parecendo ver sem ver.

O tipo respiratório se modifica. Aumentados no começo da molestia, em freqüência e amplitude, com o tempo os movimentos respiratórios se tornam mais espaçados e menos profundos, e assim é, sempre, quando o estado do doente se agrava.

A que se atribuir, no lactente, a infecção pelo coli?

Nessa idade há sempre desconfiar, em primeiro lugar, do leite contaminado.

Nessa idade a infecção pelo coli é muitas vêzes localizada apenas no intestino (duodeno), de onde falhar o exame de urina como indicativo da presença do coli nas vias urinárias.

Mais tarde o coli torna-se mais encontradiço, na urina, e explica-se a infecção pela passagem direta dêle às vias genitais femininas e daí, através da uretra até os bacinetes e os rins, vindo das últimas porções do grosso intestino.

Assim se explica porque as crianças do sexo feminino são mais atingidas pela pielite.

Como tratamento, no lactante, cumpre em primeiro lugar suprimir o leite suspeito.

No mais combater a acidez das urinas (urotropina, helmitol), ou Citrato de potássio 0,25.

Para um papel. Num pouco dágua açucarada, de 2 em 2 horas.

O tratamento pelas sulfas é, hoje, o preferido, e delas, pela sulfadiazina.

A terapêutica hídrica e diurética tem também sua indicação por favorecer grandemente a eliminação do coli pela urina, e a lavagem dos rins.

Dentre as moléstias mais passíveis de confusão com a infecção pelo coli (maxime na criança mais crescida) devem-se mencionar o tifo, a febre tifoide, a gripe. A essas acrescente-se a meningite.



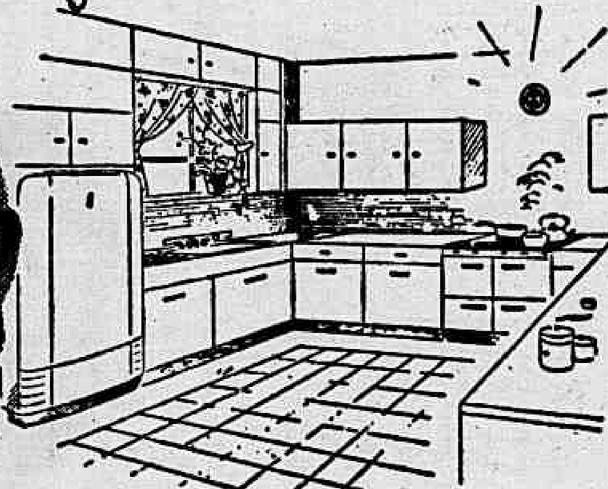
CHAPEUS



JACQUES FATH e Pierre Balmain, são os responsáveis pelos graciosos chapéus que aqui vemos. Criações originais e elegantes, êstes modelos são o que de mais moderno existe em chapéus. A falha, o «gros-grain», o feltro e lã com «pois» são os materiais indicados para a confecção dos mesmos.



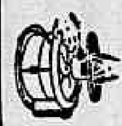
Cozinhas higiênicas e Confortáveis!

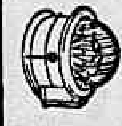



"Depois que mandei instalar o Exaustor Contact fiquei adorando a minha cozinha! Ela está sempre limpa, fresca e agradável, totalmente livre da fumaça e do cheiro das frituras. E nunca mais precisei pintá-la de novo. Comprei o aparelho com essa economia!"

O EXAUSTOR CONTACT É FÁCIL DE LIMPAR


Gaveta aparadora de gordura.


Grade frontal deslocável para limpeza.


Veneziana externa articulável, fácil de limpar.

EXAUSTOR Contact

para o confôrto do seu lar

PALMEIRAS, . . .

(Cont. da pág. 52)

Villa, Aldemar Lazaretti (Dema) e Artur Affini (Túlio); atacantes, Eduardo Lima, Jair Rosa Pinto, Francisco Rodrigues, Aquiles Reis, Osvaldo Luiz Moreira (Liminha), Milton de Medeiros (Canhotinho). Foram êsses os elementos que participaram de tôdas as pelejas do Palmeiras no Torneio Mundial. Todos são brasileiros, com exceção de Luiz Villa, argentino, e o técnico Cambon, uruguaio.

Os jogadores do Palmeiras, além dos relógios de ouro com que foram presenteados pela C.B.D., receberão um prêmio de 50 mil cruzeiros cada um pela conquista de tão importante título, o de campeão mundial dos campeões!

O 12º JOGADOR DO PALMEIRAS

Um papel preponderante coube à torcida carioca, incentivando o Palmeiras a tal ponto, que o centro-médio Parola, do Juventus, estranhou que o seu time não tivesse recebido nenhum aplauso, apenas o adeus dos lenços brancos flutuando sob a brisa do Maracanã, satisfação que não tivemos há um ano. Os desportistas do Rio deram uma alta demonstração de confratrenização com os de S. Paulo, porque o Palmeiras representava o Brasil. O presidente dos "periquitos" teve a oportunidade de ressaltar que o seu clube estava muito grato à torcida carioca pela grande ajuda moral. Brevemente, o Palmeiras fará o seu reconhecimento público mandando colocar uma placa de bronze no Estádio do Maracanã, manifestando a sua eterna gratidão aos cariocas pelo apoio geral. Ficará ao lado de outra placa, a que os uruguaios mandaram afixar, também no Maracanã, como uma retribuição ao espírito esportivo dos aficionados da metrópole. Os paulistas ganharam para o Brasil a Copa Rio, e os cariocas conquistaram, mais uma vez, o título de torcida bi-campeão do mundo, 50-51.

OUTRAS IMPRESSÕES

(Cont. da pág. 11)

E' verdade que nem todos os objetos existentes na Pinacoteca Brasileira estão relacionados com o nosso país ou têm algum vínculo histórico a êle associado. E se a denominação — Pinacoteca — tem ou não justificação, que o digam os demais visitantes. Para o sr. Gustavo Barroso, por exemplo, essa classificação é imprópria. Outros, no entanto, a aceitaram, vendo-se no álbum de impressões conceitos de inúmeras entidades patrícias traduzidos em carinhosas palavras com referências diretas a essa denominação, inclusive os do sr. Washington Luís.

Comovente é a preocupação do colecionador em fornecer ao repórter, todos os pormenores sôbre o valor artístico e estimativo de cada peça. Uma pulseira de ouro e artística decoração feita de missangas coloridas, mostra no reverso do fecho esta inserção: "D.O.C. à Exma. Sra. Viscondêssa de Santos pelo feliz dia 24 de maio, natalício da exma. Sra. D. Isabel Brasileira". E sem demora o sr. Brandão esclarece o significado daquelas três iniciais (D.O.C.): Dedica — Oferece — Consagra. E adianta o que já se podia imaginar — ser D. Izabel Brasileira, a Duquesa de Goyaz, filha natural do Imperador e da Marqueza de Santos.

Referindo-se ao segundo titular do nosso Império, ufana-se de ser dos poucos a conhecer-lhe todos os nomes, que repete com excelente memória:

— Pois fique sabendo que assim se chamava Dom Pedro Segundo de Alcântara: — João Carlos Leopoldo Salvador Bebiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Bourbon...

Quanto às condições para oferecer tôdas as preciosidades ali reunidas ao govêrno brasileiro:

— Não exijo coisa alguma, quero apenas tributar o meu amor à terra em que nasci, evitando que tudo isto venha a ficar em mãos estranhas. Quanto a mim, estarei conformado com uma pequena pensão ou qualquer auxílio que me permita viver o resto de meus dias. E quando souber que o meu patrimônio vai reverter em proveito do Brasil, poderei cerrar os olhos descansadamente. Nada mais me prende a êste mundo.

— E se porventura nada fôsse obtido? — arriscamos.

Os olhos do velho Brandão iluminam-se, franze-se a testa de rugaseta — e as contrações dos músculos são ainda mais nervosas. Êle ergue os braços, respira uma, duas, três vêzes, sem articular palavra, até quando se refaz e desabafa:

— Então, que remédio! E' deixar correr tudo ao martelo, é perder tudo isto, pois não sei até quando poderei aguentar as despesas. Gastei, nisto que o patrício está vendo, tudo que possuía e não estou em idade para recomeçar a vida. Terei de travar o coração, se é que êle me permite êsse sacrifício, e vender, vender tudo, a trôco de barato... Será o destino que se cumpre, paciência! E com o dinheiro apurado — pois aqui dentro tenho uma pequena fortuna — comprarei uma casinha em qualquer parte, por aí... No Estoril, por exemplo: E morrerei. Sinto que morrerei ainda mais depressa, porque separado destas coisas, parte integrante da minha razão de ser, nada conseguirá dar-me ânimo.

Conta, depois, como se deu a sua viagem para Portugal:

— Eu tinha apenas sete anos, meus pais me trouxeram e por muito tempo viajei pela Europa. Talvez o patrício venha a estranhar que nunca mais regressasse ao Brasil, mas creia, isso aconteceu sempre por motivos independentes da minha vontade. O Brasil ficou, entretanto, dentro de mim, e aqui de longe acompanho tôda a sua evolução, vibrando como os que lá se encontram, nos momentos de alegria e dor.

— Não pensa em voltar?

Uma expressão de melancolia estampa-se no rosto do sr. Brandão:

— Bem desejaria fazê-lo, mas na minha idade... E com a doença da velhice... Não é muito fácil, creia! Entretanto, seria essa a minha maior ventura, depois de ter resolvido o meu maior problema, que agora o patrício conhece.

Damos por terminada a visita. E' escasso o tempo para conhecer minuciosamente as outras relíquias, muitas outras coleções de objetos de arte, que não são expostos. Mas outros compromissos inadiáveis, e o embarque de regresso ao Rio, daí a poucas horas, nos impedem. Fazem-se as despedidas, e o "velho patrício" traz o repórter à porta de saída:

— Por quem é, não me torture como tem feito outros amigos — são as últimas palavras que ouvimos. Se vir que nada pode ser conseguido, ao menos escreva! Poucas linhas que sejam, mas, em último caso, apenas uma frase: — "Nada feito"... Pronto! Então saberei que não devo esperar mais nada — e tratarei de resolver a questão como fôr possível — vendendo tudo. Não posso é continuar aumentando a minha dívida... O Dr. Astério Rosa é muito generoso, um verdadeiro amigo, mas não me assiste o direito de viver às suas expensas em caráter definitivo... Faça alguma coisa! Consulte o Presidente Vargas, o Prefeito, os ministros, seja quem fôr! E diga qualquer coisa — diga ao menos "não"...

★

Até hoje não respondemos. E' grande a nossa falta com o Sr. José Salgado Estêves Brandão, mas que lhe podemos dizer? Sim? Não?

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos". Acaba de sair a 11.ª edição — Preço: Cr$ 60,00

Pedidos para o interior à LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só

FERRO ARSYLOSE

Pedidos do interior a ARAÚJO FREITAS & CIA.
Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — Rio de Janeiro

A TIMIDEZ DE LETTY

Eu desejava de todo coração que Vince se apaixonasse por mim. Eu o amava muito. Naquela noite êle me procurou na loja...

Claire não me vigiava então. Você não devia beijar-me!

Sei! Mas isso é para meu próprio bem. E agora vou levá-la a casa.

EMPLOY
ENTRA

Oh! Querida! Eu adoro os seus quitutes! Você tem o privilégio de preparar um menu doméstico. Eis aqui o meu agradecimento!

Estive fora durante a semana. Por isso não pude vir vê-la.

Quer vir jantar conosco? Não é lá coisa muito boa, mas é oferecido de coração

A despeito daquele beijo eu estava preocupada temendo que êle não me levasse ao baile.

Oh! Que maravilha!

Eu não queria referir-me a menus e a bifes e sim ao beijo dêle Mas Vince só falava em comida. Depois do jantar...

O jantar estêve ótimo. Eu sou órfão e adoro a vida familial.

Venha aqui as vêzes que desejar, Vince!

Depois...

Confesso, minha querida, que estou louquinho por você!

OH, VINCE!

Por fim; chega o dia do baile...

E' melhor que saiba da verdade, querida. Fui a um night-club à noite passada e vi o seu Romeu agarrado a uma linda loura!

Não creio nisso!

7

Mas evidentemente, eu acreditei na história e me sentia inquieta àquela tarde...

Vince ficará louco por você, ao vê-la com êsse vestido, querida!

Olá! Você está um primor!

Bateram sete e nada. Às nove e meia eu ainda estava esperando!

Eu não acredito que Vince a deixe na mão, irmã!

Provàvelmente êle está com a loura e não pode vir buscar-me!

Às dez da noite, quando eu já ia desistir, tocou a campainha!

Oh! Vince! Que aconteceu?

Fui apanhado por um taxi, creia ou não. Fui ao hospital para receber curativos.

Eu procurei convencê-lo de que não devíamos ir ao baile. Mas Vince insistiu. Ao chegarmos lá, Claire veio ao nosso encontro...

Estávamos certas de que vocês não viriam! Veja, Letty! Aquela é a loura com quem Vince estêve naquela noite.

OH!

Meu coração despedaçava-quando Vince se dirigiu à loura e a trouxe até nós. Mr. Moore também se aproximou, muito excitado...

Sinto muito não ter sabido que o senhor era o novo diretor, Mr. Gray! Espero que tenha achado tudo no estabelecimento em perfeita ordem!

Claro que achei! E agora lhes apresento minha irmã, Glória!

Era irmã dêle! Como me senti feliz! Depois, quando dançávamos...

Depois dêsse beijo diante de todo mundo, querida, vamos casar!

Oh! Vince! eu o amo!

Fim

No próximo número: — "O PROFESSOR DE GOLF"

FANTÁSTICO!

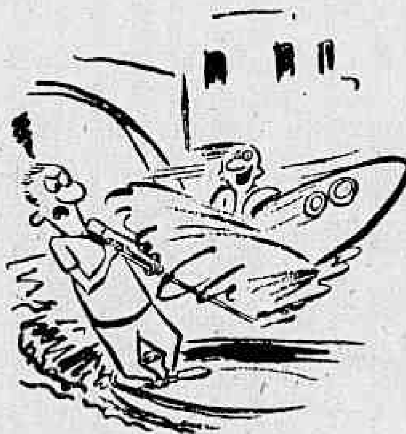


ACONTECE cada uma neste mundo que a gente fica tonto, sem compreender. A doze de julho publicaram jornais desta cidade um telegrama de Santiago de Cuba, que causou mais sensação entre os filósofos do que se o Pão de Açúcar houvesse afundado à entrada de nossa baía. Noticiazinhas em canto de página, passando despercebida aos leitores mais ávidos de notícias esportivas ou políticas, mas que continha uma estranha novidade, capaz de interessar a todos os sociólogos dêste belo planêta em que vivemos. Que seria, então? Apenas isto, leitor: «O chefe de polícia do Distrito de El Cobre, de nome Ivan Tomayo, foi sentenciado a 26 meses de prisão, por um tribunal especial da mesma cidade, porque estava armado sem a necessária licença». Leram bem? Mas será o Benedito?! Mesmo que não se trate de Chefe de Polícia como aqui entendendemos, isto é, o Chefe Supremo da Segurança Pública Nacional ou Estadual, e sim um delegado de distrito, de Cobre, de Ferro ou de Latão, não compreendemos como pudesse ser condenado pelo fato de andar armado sem licença... dêle mesmo! Não, leitor. Essa história não foi bem traduzida e parece aquela que mandaram do Rio para o Cairo no dia da morte do Marechal Bittencourt: «Um bispo chamado Marcelino matou o Ministro da Guerra do Brasil»...

★



OS GONDOLEIROS DO AMOR



CASTRO Alves tornou muito conhecidos os gondoleiros de Veneza, não que tenha feito alguma reportagem com os mesmos, mas porque uma poesia cantada e recitada ao som da Dalila, falava êle nos «gondoleiros do amor». Sempre que uma pessoa desejava saber que significava aquilo, outra mais culta explicava e quem saía ganhando era Veneza com os seus poéticos gondoleiros. Ir à Itália e não visitar Veneza, passeando em suas gôndolas típicas pelos canais da cidade verdadeiramente maravilhosa, não é ter ido ao famoso país da Arte. Nada para fazer inveja a ricaços sem gôsto e sem coragem de gastar dinheiro em excursões de tanta beleza, do que uma dúzia de fotografias de outros amigos e vizinhos que vão à Itália e passeiam pelos canais de Veneza em suas gôndolas românticas e imortais. Pois creia o leitor que acaba de suceder um fato sensacional lá pelos canais venezianos. Os gondoleiros declararam-se em greve. Ninguém moverá os remos enquanto não for decidido um assunto culminante para a vida italiana. Além da greve, os gondoleiros cobriram de crepe as suas mimosas embarcações de proas fenicias, em sinal de protesto. Contra quem, gondoleiros amáveis? Contra a invasão dos canais pelas lanchas a motor, comprometendo a beleza plácida da cidade enamorada das águas adriáticas. E' a primeira greve da história desde que existe Veneza.



UM PARZINHO CAFÉ COM LEITE, é êste que se viu e aplaudiu no «Lido», de Paris, quando da festa de arte pela estréia da nova revista «Rendez-Vous». A loura é a artista do cinema francês, Martine Carol, bailando alegremente com Ray Robinson, campeão mundial de pêso médio. E' interessante notar que o apelido, o nome de guerra de Robinson é «Sugar», nos Estados Unidos, ou seja, em português, «açúcar». O fato provocou muitos trocadilhos entre as estrêlas e astros que integravam o elenco do Lido, incluindo-se Pierre Balmain, Simone Simon e a nossa conhecida Annabella. A atriz Martine Carol dançou com um sorriso todo açucarado, nos braços de «Sugar», provando que não há preconceitos de côr lá em Paris, embora tôdas as suas colegas de arte dissessem que «com açúcar toda vida é doce e agradável». E ainda hoje se fala no acontecimento.

TUDO ISTO

NA HORA "H" DO SIM



DA capital baiana nos vem uma história triste, embora se revista de belo gesto de sinceridade. Antônio de tal se engraçara por uma jovem daquela cidade, de nome Antônia. Antônio e Antônia deviam ter nascido um para o outro, pois eram «unidos» até no nome. O noivado foi curto e êles tinham pressa em casar-se. No dia 13 de julho, todos os papéis prontos, o par se dirigiu ao Pretório no Forum Ruy Barbosa, onde os esperava, com tôda a solenidade, o juiz Gilberto Soares. Havia pouca gente, pois o enlace era de pessoas modestas. Sòmente as testemunhas e um ou outro conhecido do rapaz. Ao serem chamados os seus nomes, o noivo se adiantou resolutamente e dirigiu estas palavras ao magistrado que os ia unir para sempre: «Doutor, eu vim casar com esta moça (e apontou para a noiva, alta e simpática), porém resolvi o contrário. Não quero mais casar-me com ela. Sou obrigado?» Como era natural, o juiz respondeu negativamente. Só se é obrigado a casar com uma jovem quando é preciso reparar um êrro. E êle estava livre de qualquer suspeição. Antônio, porém, prosseguiu mais animado: «Quero casar é com aquela outra (e apontou uma mocinha que estava espiando a coisa). Com ela é que desejo casar. «O juiz ponderou-lhe que êle tinha êsse direito, mas não devia fazer isso, e sim desfazer o casamento antes, para evitar tão grande decepção a Antônia. E a pobre moça voltou para casa que só Deus e ela sabem...



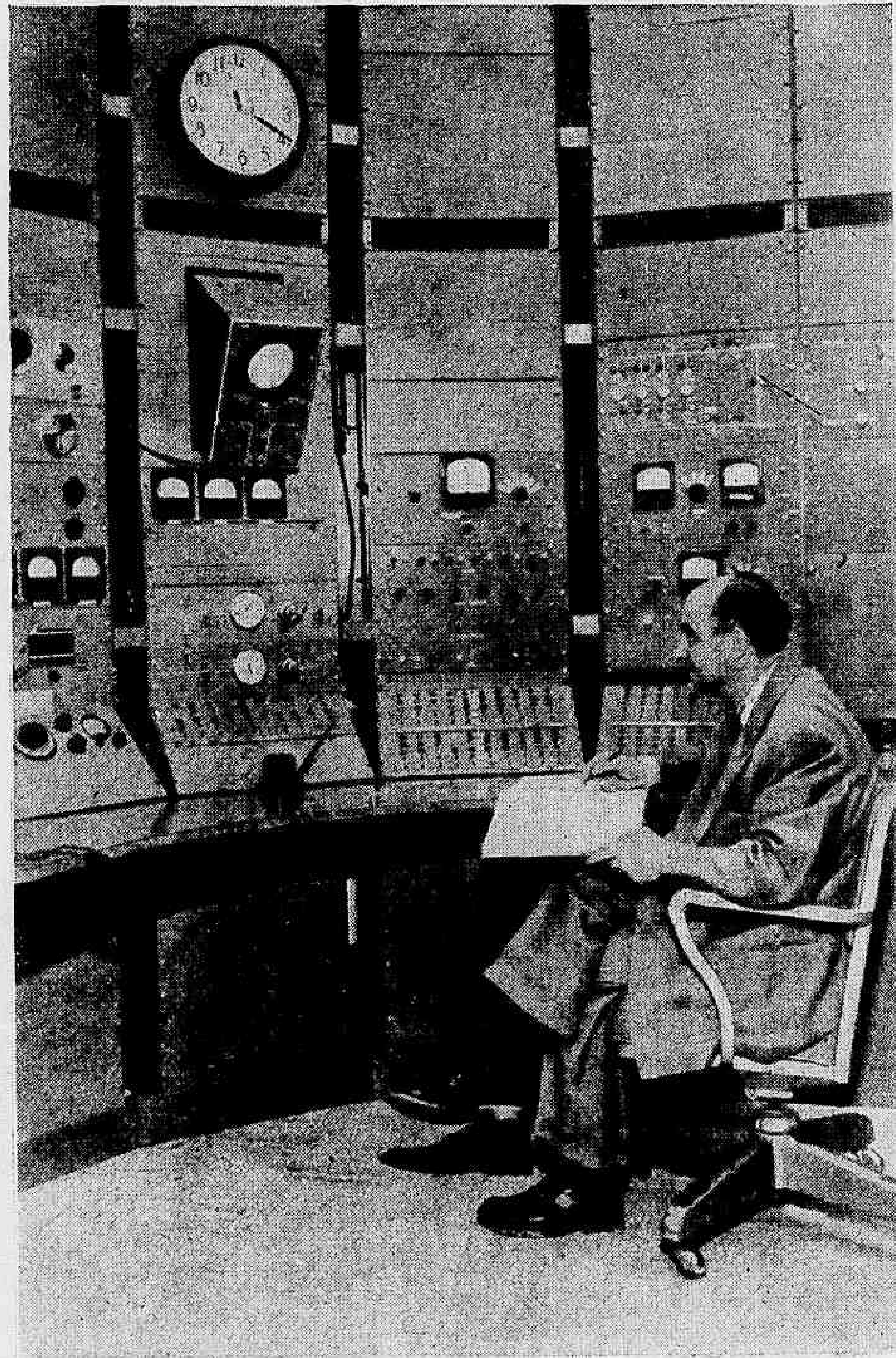
TODOS OS ANOS, nos Estados Unidos, há uma eleição das mais interessantes entre os habitantes de certas cidades: a «Mãe Americana Católica» do ano. A dêste ano de 1951 foi uma japonêsa, senhora Teresa Matsura, de 49 janeiros, emigrada e mãe de doze filhos, três meninas e o restante gente de calça. O mais novo, Stephen, em baixo, à esquerda, tem dois anos e meio, e o mais velho, 28 anos de idade. Esta família reside em Seattle, no Pacífico, para aonde veio há muitos anos, radicando-se naquela região. Mrs. Matsura abraçou o catolicismo e é nessa religião que tem educado os seus filhos. Pelo número de descendentes e dedicação ao catolicismo, naquela cidade, foi ela a eleita do ano, como a «Mãe Católica» norte-americana. Nesta fotografia a vemos, sorridente, cercada pelos doze filhos, todos muito satisfeitos.

ACONTECEU

SONHO, DRAMA, TRAGÉDIA



JUREMA Lourenço Rodrigues, como sucede com tôdas as jovens, também pensava em casar-se com o eleito de seu coração. Um dia viu Eliezer Rodrigues de Azevedo e em ambos os corações acendeu-se a chama do amor. Namôro, noivado, casamento. Jurema e Eliezer viveram em períodos de sonhos e venturas, tudo azul em seu lar. Do matrimônio veio um filhinho. Mas o sonho se dissipou quando, entre o casal, estourou o demônio do desentendimento. Separaram-se. Jurema passou a sofrer muito, para sustentar o filho. Seus pais a ampararam, e ela conseguiu desfazer os sérios obstáculos que a sorte má lhe havia colocado no caminho. Um dia soube que Eliezer ia casar-se com outra. Não podia, pois, embora separados, os vínculos matrimoniais continuavam. Nem ela, nem êle podiam contrair novas núpcias enquanto um dêles não morresse. De diligência em diligência, Jurema localizou a «outra». Não queria que Eliezer aumentasse o número de suas vítimas. Jurema procurou a moça iludida e se apresentou: «Sou a espôsa legítima de Eliezer Rodrigues de Azevedo, e êste menino é nosso filho». A outra ficou perplexa. Eliezer já era seu noivo e ia casar-se naquele mesmo dia. Desesperada, mas agradecendo o aviso providencial, interpelou o noivo. O rapaz, que não podia negar a verdade, representou com a «segunda» um drama emocional muito intenso, terminando pela tragédia: suicidou-se! E tudo voltou à serenidade que impera depois das tempestades.



ÊSTE HOMEM QUE ESTÁ aqui sentado, com o olhar atento sôbre um painel complicado, é o sábio cientista Eurico Fermi, diretor do Instituto de Pesquisas da Universidade de Chicago. Fermi, que obteve do govêrno americano uma dotação de três milhões de liras, para o custeamento de buscas científicas sôbre as origens da vida, através de uma máquina atômica denominada «sincrociclotron», do valor de um milhão e meio de liras, está sèriamente ocupado e preocupado em descobrir a origem da vida orgânica dos sêres dotados dessa coisa misteriosa que faz crescer, sentir, pensar, a todos os sêres que não são matéria bruta. Será que Fermi encontrará algum roteiro? Ou tudo não passará de suposição, de desistência final? A vida é conhecida de todos nós; mas, sua origem, o seu ponto inicial, a célula primária, como se gera? Mistério...

QUE AZAR!



É muito concorrida a feira-livre da rua Carlos Sampaio, onde trabalha o vigilante municipal Antônio Vieira. Um dos seus cuidados é o de vigilância contra os espertalhões que se aproveitam da ingenuidade dos indivíduos de boa-fé, para ludibriá-los. Estava o vigilante Vieira a cumprir sua missão, quando notou que um cidadão bem parecido e falante, percorria barraca por barraca, dizendo qualquer coisa aos donos. Antônio Vieira perguntou a alguns barraqueiros o que havia com aquêle cidadão, sendo-lhe respondido que era êle um agente da Delegacia de Economia Popular, um sujeito «duro», exigente, que os ameaçava de prisão se não cumprissem a tabela oficial. Mas sucede que, alguns dêsses modestos negociantes de buginganças, frutas, peixes e verduras, passavam disfarçadamente, para as ágeis mãos da «autoridade» ambulante, umas notinhas comprometedoras... O vigilante, que não perdia o homem de vista e contra o qual já tinha suas suspeitas bem fundadas, resolveu interrogá-lo: «Não o conheço, cavalheiro, lá da DEP. Quer apresentar suas credenciais?» O homem se engasgou e o vigilante lhe deu voz de prisão, levando-o para a Delegacia de Economia Popular, onde tudo se esclareceu. Tratava-se de um «scroc», que já havia colhido de barraca em barraca, em média Cr$ 15,00 dos incautos para evitar-lhes fiscalização das barracas. A média era pequena; mas os «contribuintes» eram muitos...



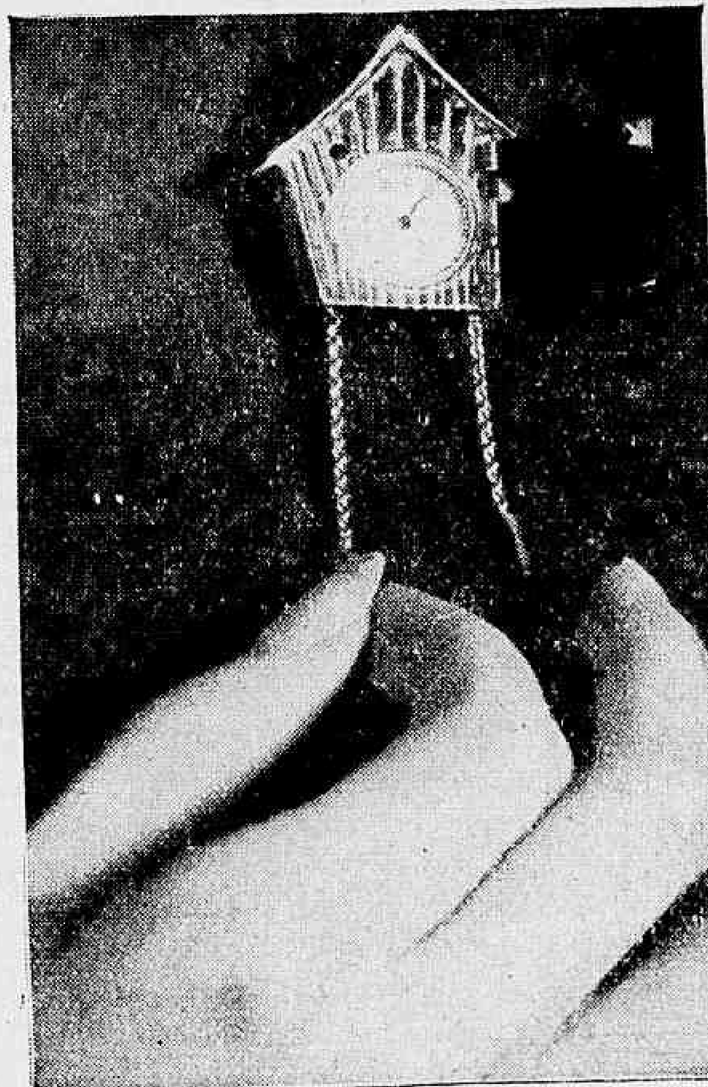
★

O TERNO DESAPARECIDO



A 24 de março de 1950, nesta heróica e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, o advogado Eduardo Klingelhoefer da Fonseca, fêz o que todo mundo faz semanalmente: entregou a uma tinturaria da cidade, um terno de tropical inglês para lavar e passar. Sucedeu, porém, que o terno desapareceu. Perdido na rua? Queimado no ferro? Furtado por aí? O cliente não quis saber o motivo por que não lhe foi devolvida a roupa e entrou em juizo com uma ação ordinária não se conformando com a compensação de um sorte de tropical que lhe dera a ré. Como a nossa justiça é muito rápida, a propositura legal sòmente veio a ter seu desfecho agora em julho, ou seja, no curto espaço de quase ano e meio. Que desejava o queixoso? Uma indenização de Cr$ 3.000,00 pelo terno que, com certeza, devia ser um duque, isto é, um «terno» de duas peças, já que o colête só é visto no peito do nosso distinto confrade Calixto, que morre mas não se entrega. Depois de contestações, citações, testemunhas, perícias, audiências, instrução e julgamento, todo um cortejo para verificar a justiça quem tinha mesmo razão, arbitrou o juiz Carlos de Oliveira Ramos em sentença bem fundamentada, a indenização de dois mil cruzeiros, uma vez que a roupa desaparecida, embora de ótima qualidade, (por tradição, é claro) já estava usada. Mas quem ganhou com isso foi o Asilo Nossa Senhora de Pompéia, pois o autor da ação, destinou a importância ao mesmo estabelecimento. Um belo gesto.

RELÓGIO DE CUCO para a lapela. Não se assuste o leitor. Não se trata de um dêsses relógios de parede, em que o cuco aparece tôda vez que o relógio dá horas. Nesse delicado relogínho de lapela, tudo se assemelha ao «cuco»; mas estas miniaturas não têm o passarinho, o que seria exigir muito. Sòmente os artífices suíços poderiam imaginar objeto tão interessante e que está sendo muito procurado, especialmente pelas representante do belo sexo, sempre ávidas de novidades. Pelas proporções entre a mão e o relógio «Cuco» sem nenhum cuco, podemos avaliar o pequenino tamanho dessa jóia de ouro, em forma de broche e que se prende à lapela, todo enfeitado com correntinhas. Como já vamos na reta do Natal, os que desejarem ser originais, não se esqueçam de tão interessante surprêsa.



A "REVISTA"

HÁ 50 ANOS

(Domingo 4 de agôsto de 1901)



MODAS DA SEMANA
Últimos figurinos de Paris

CRÔNICA DA ELEGÂNCIA

Um legislador sueco acaba de elaborar um projeto de lei, em virtude do qual nenhuma mulher poderá casar-se sem prévio exame que prove estar habilitada em tudo quanto precisa saber uma boa dona de casa. A ela cumpre dar às filhas acuradas lições, teóricas e práticas, sôbre a direção econômica da casa e de tôdas as matérias que a isso se prendam. E os noivos, que desejam acertar na sua escolha, que se encarreguem de fazer por si êsse exame prévio com que sonhou o legislador sueco. (Colinette)

Guarnição da baleeira a dois remos «Judia», do Clube Internacional de Regatas, vencedora do grande páreo nas regatas em Botafogo: patrão, Alfredo Castro; voga, Lopes de Freitas; proa, César Louraggi.

NOTICIÁRIO

Na Candelária foi rezada missa de 1.º aniversário da morte do Rei Humberto I, da Itália, com grande freqüência. — Chegou ao Rio o cruzador alemão "Vineta", sendo oferecido à tripulação e oficialidade um lauto banquete no Silvestre. A cidade vive dias de animação com a presença da maruja germânica. — Encalhou na barra de Aracaju o brigue "Pirajá". — Faleceu em sua estância, em Montevidéu, o Conselheiro Gaspar da Silveira Martins. "Exilou-se espontâneamente depois da proclamação da República e morreu em terra estranha, amando sempre a pátria.

ANÚNCIOS

Sábado, até 3 horas da tarde, Loterias Nacionais do Brasil, prêmio maior, CINQUENTA CONTOS DE RÉIS. Inteiros, 6$000. Oitavos, 750 réis.

A Casa Mendonça (Gonçalves Dias, 8, junto à casa de brinquedos), vende vestuários para meninos desde 6$000 até 20$000, e ternos para homens, desde 60$000 até 100$000.

HUMORISMO

— Que é milagre?

— Milagre é duas moças falarem durante cinco minutos sem tratarem de modas ou de namoros...

OS TEATROS

Comecemos pela companhia lírica que na semana passada se apresentou no teatro da rua Treze de Maio (Lírico). Traz um bom maestro, algumas figuras boas, umas conhecidas nossas, outras não, e também um ou outro verbo de encher. Agradou na "Bohême", geralmente, e desagradou, quase por unanimidade, no "Trovador" e na "Aída". Tivemos no Recreio a estréia da companhia de zarzuela, dirigida pelo bem conceituado maestro Campos e da qual faz parte a distinta atriz tiple sra. Delgado e o tenor Abad, de voz pequena, mas afinada. No Apolo, apresentou-se a "Grã Duquesa de Gerolstein", em que se podem ver e ouvir Palmira Bastos, Gomes e Correia, assim não sucedendo com os outros artistas que desempenharam a velha e famosa opereta de Meilhac, Halevy e Offenbach. Já não se pode levar a efeito a realização da emprêsa de Pepa Ruiz e Cinira Polônio. Os colegas com que contavam para formar companhia, há muito tempo desempregados, querem agora receber compensação, ou não desejam buscar meio de ganhar a vida, tolhendo os que chamam o seu concurso, de angariar também os proventos indenizadores da responsabilidade que se propõem tomar. — P.



A SAÍDA DO LÍRICO
A Filha do Capitalista — São engraçados, os boêmios!
O Capitalista — São, por música e separados de nós pela orquestra... para não nos poderem «morder»
(*Charge de Julião Machado*)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ 4-8-51 ★ N.º 31

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.º andar, sala 102, tel. 38-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

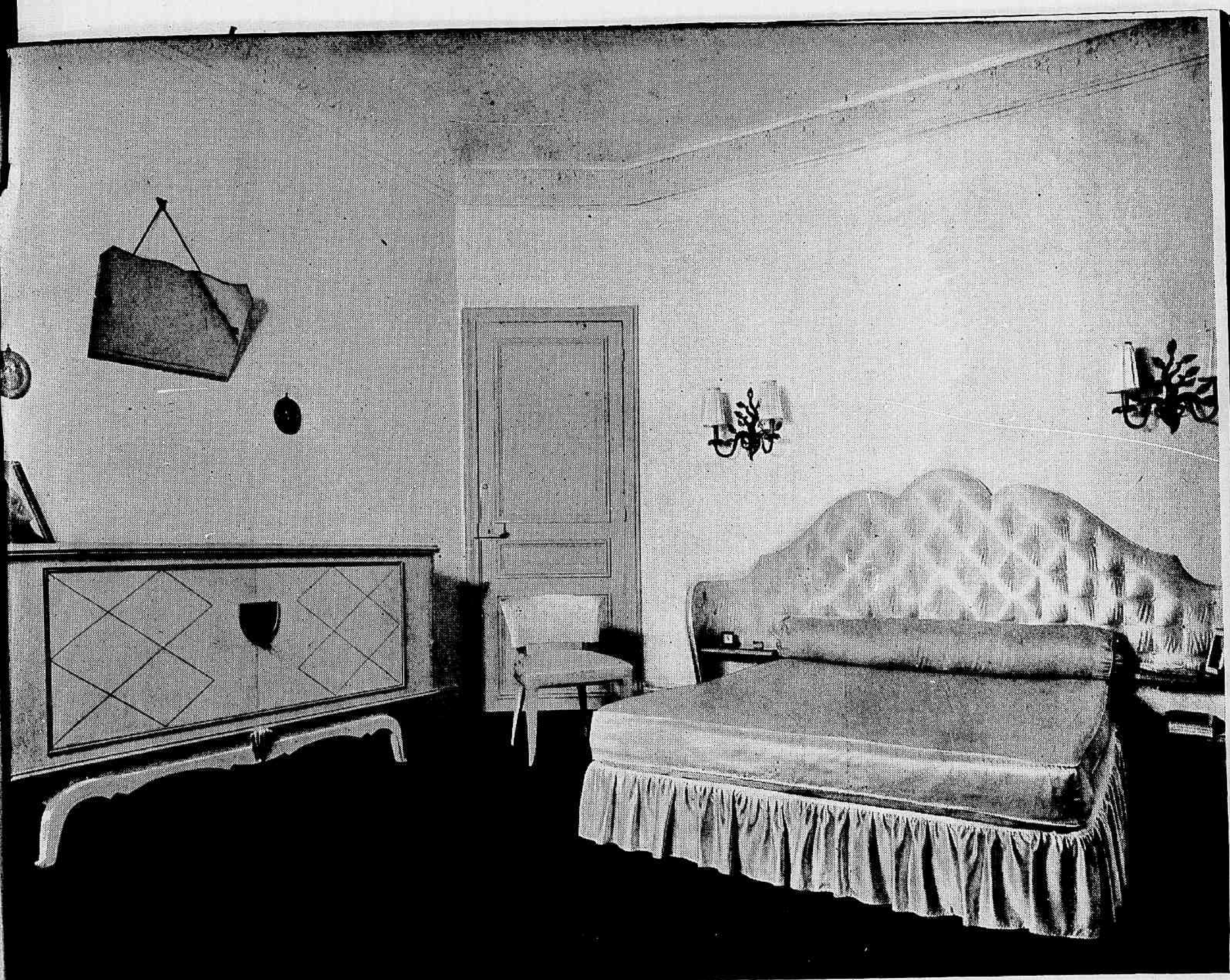
Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

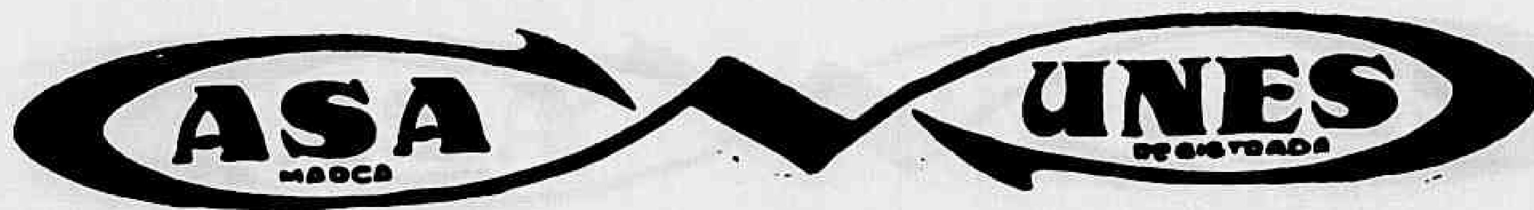


MÓVEIS E DECORAÇÕES

Projetos executados por
técnicos-decoradores

Grande sortimento de
Tapêtes e Passadeiras
de tôdas as côres e dimensões

Grupos estofados
—uma especialidade de nossas oficinas



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



é o fumante que faz o cigarro...

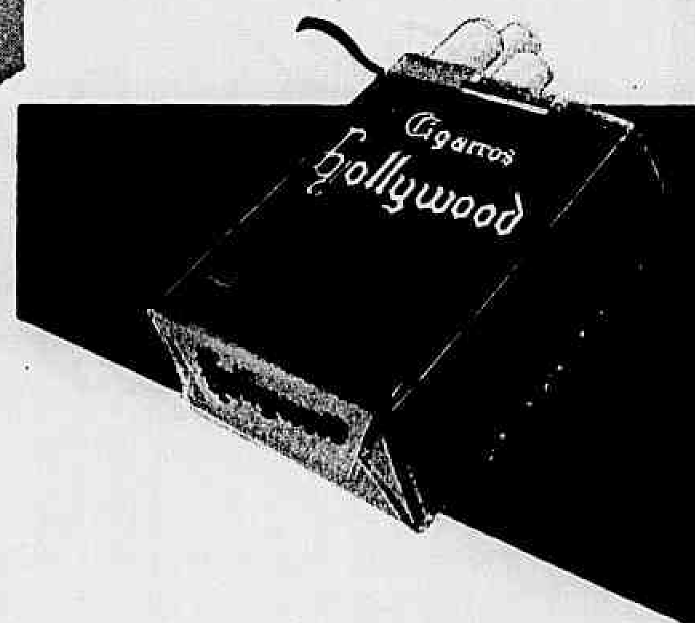
A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



H-88.090

cigarro **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ